Desafios e perspectivas da editoria científica

memórias críticas do *ABEC Meeting Live 2020*

Elisabete Werlang
Paulo Eduardo Carlim
Sigmar de Mello Rode
Organizadores

ABEC BRASIL
Associação Brasileira de Editores Científicos
35 anos dedicados à excelência em publicação científica

Desafios e perspectivas da editoria científica: memórias críticas do ABEC Meeting Live 2020

Elisabete Werlang
Paulo Eduardo Carlim
Sigmar de Mello Rode
(orgs.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

WERLANG, E., CARLIM, P. E., and RODE, S. M., eds. *Desafios e perspectivas da editoria científica*: memórias críticas do ABEC Meeting Live 2020 [online]. Botucatu: ABEC Brasil, 2021, 151 p. ISBN: 978-65-993452-1-0. Available from: https://books.scielo.org/id/3jmry. https://doi.org/10.21452/abec.2021.isbn.978-65-993452-1-0.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International license.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribição 4.0.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimento 4.0.

ABEC
MEETING
LIVE 2020
September 22-25

Desafios e perspectivas da editoria científica

memórias críticas do *ABEC Meeting Live 2020*

© 2021 Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil)

Esta obra está sob a licença Creative Commons Atribuição CC BY 4.0, sendo permitida a reprodução parcial ou total, desde que mencionada a fonte.

Organização
Elisabete Werlang
Paulo Eduardo Carlim
Sigmar de Mello Rode

Conselho Editorial
Ana Marlene Freitas de Morais
Bruna Morais Soares Erlandsson
Bruna Lavinas Sayed Picciani
Claudia Oliveira de Moura Bueno
Elizabeth da Costa Mattos
Heloisa Junqueira Fleury
Ilda Fontes
Juliana Maria de Sousa Pinto

Revisão Ortográfica e Gramatical Português
Paulo Eduardo Carlim

Revisão Ortográfica e Gramatical Inglês
Rosa Emilia Vieira de Moraes

Normalização
Rosiane Maria

Projeto Gráfico
BW Editora de Arte

Fotos
Envato.com - licenciado para ABEC Brasil

Diagramação
Unifor – Antonio Franciel Muniz Feitosa

Edição Digital
https://doi.org/10.21452/abec.2021.
isbn.978-65-993452-1-0

Edição Impressa
Criação Indústria de Artes Gráfica e Editora Ltda.
Tiragem: 500 exemplares

Patrocínio Fapesp
Processo número 2020/11806-0

Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil)
Rua Azaleia, 399 - Edifício 3 Office, 7º Andar, Sala 75 - Bairro Chácara Floresta
CEP 18.603-550, Botucatu, São Paulo.
Fone: (14) 3815-5095
abec@abecbrasil.org.br
www.abecbrasil.org.br

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Bibliotecária: Rosiane Maria CRB14/ 1588

D442 Desafios e perspectivas da editoria científica: memórias críticas do *ABEC Meeting Live 2020* [recurso eletrônico / Organizadores: Elisabete Werlang, Paulo Eduardo Carlim e Sigmar de Mello Rode. – Botucatu, São Paulo: ABEC Brasil, 2021.
152 p. : il.
E-book (PDF)

Modo de acesso: www.abecbrasil.org.br/arquivos/ABEC_Meeting_Live_2020_Resenhas_Criticas.pdf
ISBN: 978-65-993452-1-0
https://doi.org/10.21452/abec.2021.isbn.978-65-993452-1-0
Inclui Bibliografia
Possui versão impressa

1. Editoria científica. 2. Editores. 3. Memórias críticas. I. Associação Brasileira de Editores Científicos. II. Werlang, Elisabete. III. Carlim, Paulo Eduardo. IV. Rode, Sigmar de Mello. V. Título

CDU: 050
CDD: 050

Desafios e perspectivas da editoria científica

memórias críticas do *ABEC Meeting Live 2020*

Elisabete Werlang
Paulo Eduardo Carlim
Sigmar de Mello Rode
Organizadores

FAPESP

ABEC BRASIL
Associação Brasileira de Editores Científicos

35 anos dedicados à excelência em publicação científica

Botucatu
2021

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDITORES CIENTÍFICOS (ABEC BRASIL)

DIRETORIA

Presidente
Sigmar de Mello Rode

Vice-Presidente
Lia Machado Fiuza Fialho

Secretário-Geral
Piotr Trzesniak

1a. Secretária
Germana Fernandes Barata

1a. Tesoureira
Ilda Fontes

2a. Tesoureira
Edna Frasson de Souza Montero

Presidente anterior (cargo nato)
Rui Seabra Ferreira Júnior

CONSELHO DELIBERATIVO

Ana Marlene Freitas de Morais
Andréa Ferreira Gonçalves
Bruna Morais Soares Erlandsson
Claudia Oliveira de Moura Bueno
Eli Lopes da Silva
Elisabete Werlang
Elizabeth da Costa Mattos
Eloísa Príncipe
Heloisa Junqueira Fleury
Silvia Regina Galleti

CONSELHO FISCAL

Bruna Lavinas Sayed Picciani
Juliana Maria de Sousa Pinto
Mariana Biojone Brandão

Sumário

Apresentação 9

Prefácio
Charles Pessanha 11

1 Do presencial ao virtual ...
Silvia Regina Galleti, Sigmar de Mello Rode 13

2 Prêmio Jovem Editor Jürgen Döbereiner
Lia Machado Fiuza Fialho 15

3 A contribuição da ABEC Brasil na evolução do Fator de Impacto (FI) dos periódicos do Brasil na base Web of Science (WoS): 1985-2020 - *Benedito Barraviera*
Piotr Trzesniak 23

4 Como conseguir bons avaliadores e boas avaliações
Eloísa Príncipe 37
Indicação do revisor pelo autor: aceitar ou não aceitar - eis a questão! - *Alexander Kellner*
Publons para editores: reconhecimento dos revisores - *Deborah Dias*
Desafio de conseguir e manter revisores - *Renato Paiva*

5 Alinhando o seu periódico para atender a Ciência Aberta
Silvia Regina Galleti 49
Alinhando meu periódico com a Ciência Aberta: SciELO - *Denise Peres Sales*
Política de implantação da Ciência Aberta: Revista Brasileira de Enfermagem REBEn - *Dulce Barbosa*
Os desafios para a prática da Ciência Aberta por periódicos da área de Humanidades - *Silvio Gallo*

6 O que fazer diante de má conduta: pontos de vista moral e legal
Eli Lopes da Silva 63
Creative Commons - Direitos autorais em benefício do usuário - *Christian Perrone*
Direitos autorais, plágio e reciclagem de texto - *Luciana Christante de Mello*
Entendendo a dinâmica de retratações pela perspectiva do Retraction Watch - *Mariana Ribeiro*

7 Plágio: o quê, como, quando
Sigmar de Mello Rode 73
Sistema de detecção de similaridade: qual é o número mágico? - *Marcelo Krokoscz*
Transparência nas notas de retratação: dimensão do plágio - *Carmen Penido*
Similarity Check: interpretação do editor - *Edna Frasson de Souza Montero*

8 Como o modelo econômico afeta o meu periódico
Lia Machado Fiuza Fialho 87
Programa Editorial e Ciência Aberta no CNPq - *Adriana Tonini*
Revisitando condicionantes econômicos da publicação em acesso aberto - *André Appel*
Decisões difíceis: mudando o modelo para sobreviver - *Antônio José da Silva Neto*

9 Avaliação de periódicos pela Capes
Edna Frasson de Souza Montero 99
A nova estrutura de avaliação da produção intelectual nas Fichas da Avaliação Quadrienal 2021 e o papel do Qualis Periódicos - *Paulo Jorge Parreira dos Santos*

Qualis Periódicos: o que pode ser feito para valorizar as revistas brasileiras? - *Osvaldo Malafaia*
Avaliação de periódicos pela Capes - *Ângelo Ricardo de Souza*

10 Open Science: more than open access - *Alison Mudditt*
Andréa Ferreira Gonçalves 111

11 Open Science for editors I
Rachael Lammey 121
Editors' ambitions towards the UN Sustainable Development Goals - *Philip Campbell*
Open Peer Review: pros, cons and considerations - *Sabina Alam*
The future of metrics on Open Science - *Rachael Lammey*

12 Open Science for editors II
Germana Barata 133
Devemos abrir os dados? - *Emerson del Ponte*
O "Plano S" dentro do ecossistema de conhecimento: os desafios das revistas da América Latina - *Wilson López López*
Preprints: desafios para o futuro - *Abel Packer*

13 Sessão de Comunicação Oral *ABEC Meeting Live 2020* 145

Apresentação

https://doi.org/10.21452/abec.2021.isbn.978-65-993452-1-0.apresentacao

Como canais informais de comunicação entre pesquisadores, os eventos científicos, em diferentes campos do conhecimento, trazem o estado da arte de suas áreas, pois revisam e atualizam conceitos, suscitam fatos novos e ideias mais rapidamente que outros meios formais de comunicação, tais como livros ou periódicos científicos.

Organizado na modalidade virtual, o *ABEC Meeting Live 2020* cumpriu com os seus objetivos de oportunizar a troca de experiências como aprendizado para o aperfeiçoamento dos processos na editoria científica, tanto para iniciantes quanto para especialistas na área. Nesta edição do evento, ano de isolamento social provocado pela pandemia do coronavírus - covid-19, o desafio para a sua realização foi vencido graças ao uso da tecnologia, que possibilitou a interação de forma virtual.

O registro da comunicação oral transmitida em seus encontros anuais concretiza uma aspiração da diretoria da ABEC Brasil, alcançada neste ano de 2020 em que a instituição comemora 35 anos de atuação. A proposta desta publicação é o registro formal do *ABEC Meeting Live 2020*, encontro entre pesquisadores e profissionais que atuam em periódicos científicos, visando apresentar aos leitores as experiências do evento.

Para esta publicação, elegemos o gênero textual Resenha Crítica, uma para cada mesa de discussões, redigidas em sua maioria por pesquisadores e profissionais que coordenaram as apresentações durante o encontro. Dado o gênero escolhido para este livro, o leitor terá acesso à síntese de

cada tema apresentado, assim como às críticas realizadas pelos autores dos capítulos.

Ficamos no desejo de que as próximas edições do evento venham a ser, pelo menos em parte, presenciais, com espaço para a troca de experiências durante as apresentações e na informalidade durante os intervalos e *coffee breaks*, mas, por outro lado, fica o aprendizado dessa realização virtual de 2020, que potencializa eventos futuros de forma híbrida, ou seja, parte presencial e parte à distância.

Aos autores das resenhas críticas, agradecemos a disponibilidade de socialização de seus conhecimentos, suas experiências de mediação e, sobretudo, a apreciação crítica realizada nas resenhas que, certamente, muito contribuirão para o novo paradigma da Ciência Aberta na publicação científica e seus preceitos para fomentar, projetar, gerir, fazer, comunicar e avaliar pesquisa, de maneira a enriquecer o modo clássico, com o incremento da transparência, da reprodutibilidade e do reuso de dados, maximizando assim a razão de ser da ciência como empreendimento cooperativo acadêmico, social, econômico e cultural.

A você, leitor, fica mais esta contribuição da ABEC Brasil, apresentando este registro em livro, nos suportes digital e impresso, dos desafios e perspectivas da editoria científica, em âmbito nacional e internacional.

Os organizadores

Prefácio

https://doi.org/10.21452/abec.2021.isbn.978-65-993452-1-0.prefacio

Foi com muita honra e satisfação que aceitei a tarefa de prefaciar o livro Desafios e perspectivas da editoria científica: memórias críticas do *ABEC Meeting Live 2020*, organizado por Elisabete Werlang, Paulo Eduardo Carlim e Sigmar de Mello Rode. Diz o lugar comum que as necessidades geram invenções. As instituições de pesquisa – longe de usar a pandemia da covid-19 para justificar o imobilismo – reagiram e inovaram com encontros acadêmicos realizados por meio de plataformas eletrônicas. A Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil), como sempre, agiu com brilhantismo. Não apenas fez do seu encontro de 2020 um sucesso absoluto, como inovou ao publicar, no presente livro, em suportes impresso e *on-line*, os destaques da reunião que comemorou seus 35 anos de existência.

A ABEC Brasil, desde sua fundação, vem se comprometendo com o aprimoramento da qualidade dos periódicos científicos sob todos seus aspectos. Essa preocupação vem marcando os encontros, cursos e *workshops* da Associação, bem como sua participação em órgãos de assessoramento e conselhos como CNPq, Finep, Capes, Fapesp e Ibict e suas parcerias com o SciELO, o COPE, o Consórcio Brasileiro do ORCID e o CITI Program, entre outros.

A obra em epígrafe é um bom exemplo desse comprometimento. Certamente, será consulta obrigatória para todos que militam no labor acadêmico. Todo pesquisador é potencial autor e eventual avaliador e editor. O livro retrata, por meio de dez resenhas críticas realizadas pelos moderadores das mesas do encontro, os principais assuntos abordados na programação pelos palestrantes convidados. Tais resenhas devem servir de guia para um melhor aprofundamento dos respectivos temas nos arquivos do site da

ABEC Brasil. Além delas, outras três seções são dedicadas à apresentação do livro, ao Prêmio Jovem Editor Jürgen Döbereiner e à Sessão de Comunicação Oral.

Os capítulos abordam as questões mais importantes sobre a publicação científica na atualidade. O leitor encontrará reflexões sobre a contribuição da ABEC Brasil para a evolução do fator de impacto das revistas brasileiras no Web of Science, a qualidade da avaliação e dos avaliadores, o debate sobre a prática de indicação do avaliador pelo autor, a utilização do Publons e as dificuldades para conseguir bons revisores. Dois artigos são dedicados ao problema da má conduta no exercício da ciência nos aspectos legal e moral: direitos autorais, plágio, autoplágio, retratações, prevenções, transparência, Similarity Check e *accountability.* As restrições orçamentárias impostas conforme o modelo econômico dos periódicos motivaram os debates em torno de alternativas financeiras e organizacionais sobre o financiamento e manutenção das revistas científicas. A avaliação de periódicos pela Capes, a nova estrutura de avaliação e o novo desenho institucional do Qualis Periódicos ganharam relevância na programação e fornecem importantes subsídios para a discussão atual da comunidade acadêmica sobre o assunto.

Os desafios impostos pela adoção da Ciência Aberta mereceram maior destaque por parte dos organizadores do encontro, o que se reflete na edição deste livro. Nada menos que quatro mesas-redondas citaram o tema em seus títulos. As várias abordagens trataram de problemas conceituais a operacionais, como concepção da pesquisa, procedimentos metodológicos, sustentabilidade, transparência, *open peer review*, exposição de dados e *preprints* e novos critérios SciELO, entre outros. Destaque-se, ainda, o papel providencial da utilização dos procedimentos da Ciência Aberta na produção e circulação de conhecimento durante a pandemia da covid-19.

Enfim, estamos diante de um verdadeiro tratado sobre os diferentes temas da editoração da ciência. Nenhum desafio científico contemporâneo foi negligenciado pelos organizadores do *ABEC Meeting Live 2020*. Muito feliz a decisão de registrar estas *Memórias Críticas* do evento a partir de resenhas caprichosamente elaboradas pelos mediadores das mesas que, deste modo, puderam trazer os principais elementos que suscitaram debates entre os apresentadores e a audiência.

Janeiro de 2021

Charles Pessanha
Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Editor Emérito da DADOS - Revista de Ciências Sociais e
Presidente da ABEC Brasil (1993 - 1995)

Capítulo 1

Do presencial ao virtual...

Silvia Regina Galleti, Sigmar de Mello Rode

https://doi.org/10.21452/abec.2021.isbn.978-65-993452-1-0.cap1

Aos doze dias do mês de março de 2020, em São Paulo, capital, nas dependências do Hotel Nobile Suites, tomamos oficialmente posse para o mandato 2020-2021 da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil). Nesta ocasião, iniciamos a organização dos eventos para 2020 que, como tradição, seriam no formato presencial. Logo em seguida ocorreu o distanciamento social e então tudo mudou, o presencial deu vez ao virtual...

Altamente comprometida com o avanço dos periódicos científicos brasileiros, e se adaptando ao difícil cenário de pandemia da covid-19, a ABEC Brasil inovou ao criar, entre 15 e 25 de setembro de 2020, seu primeiro encontro virtual – o *ABEC Meeting Live 2020* – 35 anos de ABEC Brasil.

Foram vários meses de investigação, aprendizado e esforços para oferecer aos associados e a toda comunidade envolvida em editoria científica uma plataforma eficaz para realização dos encontros virtuais, promovendo contínua troca de conhecimento, *networking* e capacitação.

Os *webinars*, minicursos e rodas de conversa aconteceram ao longo dos meses de julho a dezembro de 2020. As mesas-redondas e palestras ocorreram de 22 a 25 de setembro contando, inclusive, com ministradores que dificilmente participariam presencialmente, e contemplando temas como os critérios de avaliação de periódicos pela Capes, o desafio de

conseguir bons avaliadores e boas avaliações, o alinhamento dos periódicos aos preceitos da Ciência Aberta, pontos de vista moral e legal em casos de má conduta ou plágio e sobre como o modelo econômico interfere na política editorial das revistas científicas, bem como um resgate histórico sobre a contribuição da ABEC Brasil na evolução do Fator de Impacto (FI) dos periódicos do Brasil na base Web of Science (WoS).

Não deixamos de ter a Sessão de Comunicação Oral, para a qual foram selecionados 11 trabalhos pela comissão científica.

O prêmio Jovem Editor Jürgen Döbereiner 2020 teve seu vencedor anunciado na sessão de abertura do encontro, sendo premiado nesta edição Vinicius Gomes de Vasconcellos, um jovem de 30 anos, graduado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), editor da Revista Brasileira de Direito Processual Penal (RBDPP) e membro do corpo de pareceristas de diversas revistas científicas da área do Direito.

À equipe ABEC envolvida no evento, o nosso reconhecimento pelo empenho e profissionalismo. Aos diretores, conselheiros, patrocinadores, por ordem alfabética - Clarivate, Editora Cubo, Emerald Publishing, Springer Nature, Zeppelini Publishers e, em especial, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), ficam nossos mais sinceros agradecimentos.

Disponível nos suportes digital e impresso, este livro é mais uma ação da ABEC Brasil no cumprimento de sua missão de desenvolver e aprimorar a publicação de periódicos, aperfeiçoar a comunicação e divulgação de informações e manter o intercâmbio de ideias e a defesa dos interesses comuns dos editores científicos.

Esperamos, caro leitor, que as abordagens e as experiências compartilhadas pelos palestrantes, ministrantes, *webinaristas*, anfitriões, todos profissionais de referência em suas especialidades, contribuam de modo diferenciado para sua vida profissional e acadêmica.

Capítulo 2

Prêmio Jovem Editor Jürgen Döbereiner 2020

Lia Machado Fiuza Fialho

https://doi.org/10.21452/abec.2021.isbn.978-65-993452-1-0.cap2

O Prêmio Jovem Editor é uma iniciativa promovida pela Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil), que tem por objetivo premiar um(a) jovem integrante de comitê editorial e/ou que tenha contribuído para a valorização de periódicos brasileiros, por meio de ações inovadoras. Tal modo, além de reconhecer trabalhos qualificados no campo editorial, estimula jovens para atuação nessa seara envolvendo-os em eventos e formações desenvolvidos por intermédio da Associação.

Esse Prêmio foi criado em 2001, mediante idealização de Piotr Trzesniak, na gestão do então presidente Jürgen Döbereiner, que de pronto o implementou. Entre as edições mais recentes, saíram vitoriosos com este reconhecimento Fabio Scorsolini-Comin (2015), Lia Machado Fiuza Fialho (2017) e Gustavo Cunha de Araújo (2019).

O estímulo promovido pelo Prêmio perpassa a trajetória de jovens profissionais que se tornaram editores de importantes periódicos nacionais das mais diversas áreas. Destacam-se, inclusive, dois premiados que contribuíram de maneira especial com a ABEC Brasil: Rui Seabra Ferreira Junior, duas vezes eleito presidente da referida Associação (2017-2020) e Lia Machado Fiuza Fialho, atual vice-presidente.

A XI edição do Prêmio Editor do Futuro, em 2020, teve seu nome alterado para Prêmio Jürgen Döbereiner - Modalidade Jovem Editor, em homenagem póstuma ao pesquisador Jürgen Döbereiner, que muito contribuiu para o campo editorial. Tendo estudado na Faculdade de Medicina Veterinária da Ludwig-Maximilian-Universität München, na Alemanha (1947-1950), Döbereiner mudou-se para o Brasil acompanhado de sua esposa, engenheira agrônoma Johanna Döbereiner, e formou-se pela Escola Nacional de Veterinária da Universidade Rural do Brasil, hoje Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) (1952-1954). Obteve o grau de MSc in Veterinary Science pela University of Wisconsin-Madison, nos Estados Unidos da América (1961-1963), como *fellow* da Rockefeller Foundation, e foi contemplado também com o título de Dr.med.vet.h.c. pela Justus-Liebig-Universität Giessen, na Alemanha (1977). No campo editorial, atuou como responsável pela publicação dos Arquivos do Instituto de Biologia Animal (1959-1961), como editor-chefe da revista Pesquisa Agropecuária Brasileira (1966-1976) e do periódico Pesquisa Veterinária Brasileira (1981-2018). Eleito presidente da ABEC Brasil para a gestão entre 2000 e 2004, colaborou incisivamente para o fortalecimento da Associação e para o desenvolvimento dos periódicos brasileiros.

Durante a realização do *ABEC Meeting Live 2020*, o Prêmio Jürgen Döbereiner foi entregue ao vencedor Vinicius Gomes de Vasconcelos, que concorreu com outros 14 candidatos, tendo sua proposta recebido maior pontuação pela comissão julgadora composta por quatro membros integrantes da atual gestão da Associação: Lia Machado Fiuza Fialho, vice-presidente; Piotr Trzesniak, secretário-geral; Edna Frasson de Souza Montero, segunda-tesoureira, e Eloísa Príncipe, do Conselho Deliberativo.

Os candidatos enviaram proposta para uma criteriosa avaliação que analisou: a descrição do periódico em que os candidatos atuavam e a relevância do papel que exerciam considerando a relação com a área de pesquisa em que eles estão inseridos; o balanço das atividades desenvolvidas pelos proponentes desde o início do seu trabalho no periódico, ressaltando as mudanças ocasionadas; a descrição da sua iniciativa de maior destaque que contribuiu para a valorização do periódico de atuação; as expectativas para a editoração científica e como a ABEC Brasil pode contribuir para isso; e a dissertação sobre sua atuação para implantação/adequação/aprimoramento de um aspecto selecionado dentre os previamente indicados no seu periódico

e os benefícios conquistados - Ciência Aberta, internacionalização, divulgação científica, Qualis Capes e métricas.

A proposta de Vinicius Gomes de Vasconcellos, vencedora da edição 2020

Inicialmente, importa apresentar o ganhador do Prêmio Jürgen Döbereiner. Vinicius Gomes de Vasconcellos é um jovem de 30 anos, graduado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), que vivenciou as experiências de ser bolsista de iniciação científica CNPq e pesquisador visitante no Max Planck Institute for Foreign and International Criminal Law. Fez pós-graduação em *Derechos fundamentales y garantías constitucionales en la Justicia Penal* pela Universidad de Castilla-La Mancha, mestrado em Ciências Criminais pela PUCRS e doutorado em Direito pela Universidade de São Paulo (USP), com período de sanduíche (PDSE/Capes) na Universidad Complutense de Madrid, e estágio de pós-doutoramento na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente, é assessor de Ministro no Supremo Tribunal Federal, professor efetivo da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Direito do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP), além de professor convidado da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), dentre outras. No campo editorial, é editor da Revista Brasileira de Direito Processual Penal (RBDPP) e membro do corpo de pareceristas de diversas revistas científicas da área do direito. Mais detalhes podem ser consultados no seu Currículo Lattes disponível no *link* http://lattes.cnpq.br/9628659956663949, no ORCID encontrado em http://orcid.org/0000-0003-2020-5516, ou via contato eletrônico, vinicius.vasconcellos@ueg.br.

A carta de apresentação de Vinicius Gomes de Vasconcellos foi redigida por Nereu José Giacomolli, professor titular do Programa de Pós-graduação em Ciências Criminais da PUCRS, também editor da Revista Brasileira de Direito Processual Penal. Ele narrou que o projeto editorial da RBDPP se iniciou em 2014, com a publicação, em 2015, de um único volume impresso porque se desejava periodicidade anual. No entanto, o projeto se estagnou, dentre outros motivos, por falta de financiamento. Em junho de 2016, ele

convidou Vinicius Vasconcellos para integrar a editoria da revista, tendo em vista a sua experiência previa na atuação como editor-assistente da Revista Brasileira de Ciências Criminais (RBCCRIM) e seu interesse pela editoração científica. Vinicius Vasconcellos logo se destacou por propor uma ampla reestruturação do periódico, envolvendo: alteração para publicação *on-line* em acesso aberto; utilização do sistema OJS; redefinição de suas políticas editoriais; reformulação da equipe editorial e de suas funções; adoção de uma concepção consistente de controle por pares e rodadas de correções, com a participação ativa do editor responsável por gerir a submissão; valorização da atuação dos avaliadores e da transparência do processo editorial; introdução de novo projeto gráfico; ampla divulgação pública de chamadas de avaliadores e de autores; busca de indexações e de internacionalização da revista; e realização de dossiês temáticos com editores-associados especializados, majoritariamente estrangeiros. Ademais, explicitou que Vinicius Vasconcellos também apresentou à equipe editorial as novas políticas e diretrizes, que foram aprovadas e implementadas, tornando a periodicidade quadrimestral em 2017, e a realização de dossiês temáticos em cada número. Nereu Giacomolli salientou que as políticas editoriais da RBDPP foram reestruturadas a partir de estudos consistentes de editoração científica, por meio de bibliografia específica e participação em eventos, como aqueles organizados pela ABEC Brasil, o que fortaleceu a importância concedida às diretrizes de integridade científica.

A candidatura de Vinicius Vasconcellos, em congruência à apresentação de Nereu Giacomolli, descreveu com clareza o periódico em que atua e a relevância do seu papel, ressaltando sua participação para tornar a RBDPP um periódico *on-line*, em acesso aberto, hospedado na plataforma em OJS/PKP, especializado em direito processual penal. Dentre as atividades desenvolvidas por Vinicius Vasconcellos destacou-se sua coordenação na equipe de editores, em que realizou o manejo das submissões e, especialmente, a orientação na utilização do OJS e na conformação com as novas políticas editoriais assentadas para a revista. Ademais, ele foi o responsável pela indexação da RBDPP no Web of Science (WoS), no Scopus e no Directory of Open Access Journals (DOAJ), dentre outros indexadores. Também efetivou contatos e parcerias, como com o Publons e com a ABEC Brasil (esta viabilizou implantar o *Digital Object Identifier* - DOI) e promoveu avanços em termos de internacionalização, organizando dossiês coordenados

por pesquisadores estrangeiros, além de promoção de divulgação do periódico em grupos de pesquisa de diversos países.

Vinicius Vasconcellos optou por discorrer em sua proposta sobre Ciência Aberta, a qual destacou como passo fundamental para a consolidação das revistas científicas em uma perspectiva internacional e para a ampliação das contribuições à sociedade em geral, especialmente na área do Direito, em que a atenção a temas de editoração e integridade científica é muito recente. Tal aderência tornou possível a valorização dos pareceristas, clareza no fluxo editorial, com a explicitação das datas de recebimento, controle preliminar, avaliações, rodadas de correção e aprovação, além dos nomes dos editores envolvidos. Também permitiu adotar declarações de integridade científica, inclusive de autoria nos termos de Casrai CRediT e aceitar depósito de *preprints* e *postprints*.

Por fim, Vinicius Vasconcellos salientou que possui interesse em se aperfeiçoar cada vez mais no campo da editoração científica e que "a ABEC Brasil é uma fonte confiável para essa busca de conhecimento e para a certificação dos parâmetros editoriais adotados pelos periódicos brasileiros", agradecendo a Associação pela veiculação de conhecimentos essenciais para a qualificação dos periódicos.

Apreciação crítica da resenhista

A ABEC Brasil recebeu 15 candidaturas, todas com propostas muito qualificadas, o que demandou muito esmero da comissão para selecionar a que mais se destaca. No entanto, o trabalho diferenciado empreendido pelo Vinicius Vasconcellos foi inconteste, já que era visível e facilmente constatado, no site da Revista Brasileira de Direito Processual Penal - RBDPP (http://www.ibraspp.com.br/revista/index.php/RBDPP), o rápido progresso do periódico, justamente no período em que ele ingressa como editor corresponsável.

De uma revista estagnada, a RBDPP, que só tinha publicado um único volume impresso, em pouco tempo, consolidou-se como uma revista *on-line* de acesso aberto bastante qualificada e respeitada pelos pesquisadores e profissionais de sua área, caminhando em conformidade com os modernos padrões de editoração e integridade científica. Passou de impressa para eletrônica, sendo disponibilizada via plataforma OJS/PKP; ampliou o número

de edições anuais, de apenas uma foi para quatro edições; publicou bons artigos nacionais e internacionais, aumentando consideravelmente a internacionalização; adotou ações em conformidade com a Ciência Aberta, destacando as datas do processo editorial, os editores responsáveis, autoria nos termos de Casrai CRediT, depósito de *preprint*s e *postprints,* valorização dos pareceristas *ad hoc*, entre outros. E o mais surpreendente, em menos de três anos conseguiu qualidade para indexar o periódico no WoS, no Scopus, no DOAJ e em outros indexadores de relevância internacional.

Vinicius Vasconcellos não foi responsável apenas por criar um periódico ou dar continuidade a um trabalho de excelência, como era possível ver em algumas propostas, mas foi o candidato avaliado que, comprovadamente, mais contribuiu para a qualificação do periódico em que atuava durante o período de gestão apresentado, o que possibilitou mudanças significativas para a RBDPP. Tal modo, o Prêmio Jürgen Döbereiner, concedido na ocasião do *ABEC Meeting Live 2020*, foi nada mais que o reconhecimento a todo o esforço empreendido pelo jovem editor.

A atual gestão da ABEC Brasil, presidida por Sigmar de Mello Rode e Lia Machado Fiuza Fialho, espera que o Prêmio concedido a Vinicius Vasconcellos o estimule a prosseguir no campo editorial, caminho que ainda não denota a devida valorização no Brasil, tanto pelo parco financiamento público aos periódicos e à pesquisa, como pela ausência de uma formação específica para consagrar a editoria como carreira. Esses aspectos fazem com que os profissionais de diversas áreas atuem nessa seara, majoritariamente, sem ganhar nenhuma remuneração e, por vezes, sequer contar carga horária em sua jornada laboral, o que torna o trabalho editorial, muitas vezes, voluntariado, um percurso descontinuado, temporário. Na contramão, a ABEC Brasil investe nessa lacuna e vem, historicamente, contribuindo para qualificação dos profissionais e dos periódicos brasileiros, estimulando pesquisadores, bibliotecários, gerentes de portais e demais profissionais imbricados nesse campo para a qualificação de recursos humanos e da veiculação do conhecimento científico produzido.

SOBRE A RESENHISTA
Lia Machado Fiuza Fialho

Pós-doutoranda em História da Educação pela Universidade de Salamanca-Espanha (USAL), pós-doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestra em Saúde Coletiva pela Universidade de Fortaleza (Unifor), especialista em Inclusão da Criança Especial no Sistema Regular de Ensino (UFC) e graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), é professora do Centro de Educação da UECE e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UECE) e do Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas (MPPP/UECE). Editora-chefe da Revista Educação & Formação e da Coleção Práticas Educativas da Editora da UECE (EdUECE) e membro do comitê editorial da Revista Brasileira de Educação (RBE/ANPEd) e de diversos periódicos qualificados e coleções de livros. É também vice-presidente da Associação Brasileira de Editores Científicos – ABEC Brasil e bolsista produtividade em pesquisa do CNPq.

http://lattes.cnpq.br/4614894191113114
https://orcid.org/0000-0003-0393-9892
lia_fialho@yahoo.com.br

Capítulo 3

A contribuição da ABEC Brasil na evolução do Fator de Impacto (FI) dos periódicos do Brasil na base Web of Science (WoS): 1985-2020

Piotr Trzesniak

https://doi.org/10.21452/abec.2021.isbn.978-65-993452-1-0.cap3

Desafiado a fazer uma resenha, fui ao dicionário aprender do que se trata de fato. A primeira acepção de "resenha" é *ato ou efeito de resenhar*... mas a primeira de "resenhar" é *fazer resenha de*. Aí, vi que não teria vida fácil.

Anedotas à parte, o dicionário diz também que resenhar é descrever pormenorizadamente, relatar minuciosamente. É esse o contexto em que desfruto do raro privilégio de descrever, em um texto, a interessante apresentação do professor Benedito Barraviera.

A contribuição da ABEC Brasil na evolução do Fator de Impacto (FI) dos periódicos do Brasil na base Web of Science (WoS): 1985-2020

BARRAVIERA, Benedito. A contribuição da ABEC Brasil na evolução do Fator de Impacto (FI) dos periódicos do Brasil na base Web of Science (WoS): 1985-2020. *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Palestra]**. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2020. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/eventos/meeting_2020/palestras/terca/benedito_barraviera.pdf. Acesso em: 20 dez. 2020.

Professor livre-docente (1993) e titular (1999) de Moléstias Infecciosas e Parasitárias na Faculdade de Medicina de Botucatu , Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), Benedito Barraviera é pesquisador do Centro de Estudos de Venenos e Animais Peçonhentos (Cevap) dessa mesma Universidade. Graduado em Medicina em 1977 pela Faculdade de Medicina de Botucatu da Unesp, especializou-se em Medicina Tropical pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (1979) e obteve os títulos de mestre (1984) e doutor (1986) em Medicina Interna pela Unesp.

Tem experiência em toxinologia, medicina tropical e pesquisa clínica. É fundador do Cevap (diretor em 1993-1997, 2006-2014 e 2018-2021). Foi Pró-Reitor de Extensão Universitária (2001-2004). A partir de 2005, tornou-se coordenador do Grupo de Pesquisa em Toxinologia certificado pela Unesp e CNPq e Presidente da Fundação Lucentis de Apoio à Cultura, Ensino, Pesquisa e Extensão. Em 2019, foi empossado como membro titular da Academia de Ciências Farmacêuticas do Brasil.

No campo da Editoração Científica, criou, em 1995, a revista já então eletrônica The Journal of Venomous Animals and Toxins including Tropical Diseases, da qual é editor-chefe. Foi presidente da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil) de 2008 a 2011 e seguiu trabalhando pela Associação como tesoureiro até 2019.

Em seus 40 *slides*, Barraviera vai nos revelando passagens e conquistas da história da ABEC Brasil, associando episódios e iniciativas tanto ao aumento da quantidade de revistas brasileiras com Fator de Impacto (FI), quanto ao crescimento dos respectivos valores desse indicador ao longo do tempo. Inicia mostrando trechos da ata de fundação, de 1985, e destacando presidente e vice da primeira diretoria. Salta seis anos para marcar a criação do arXiv (1991), que trouxe, para a comunicação científica, os *papers* (*preprints*) eletrônicos, o que sugeria que pudesse haver também revistas em mídia virtual... mas, seriam essas reconhecidas como tais?

Embora, como mencionado na discussão adiante, a publicação eletrônica não fosse a principal preocupação dentro da cultura institucional da ABEC Brasil à época, a Associação, a partir de 1995, abriu espaço para a apresentação de diversas iniciativas nesse sentido em seus eventos e se envolveu significativamente no projeto SciELO. Barraviera ilustra essas ações ao trazer o artigo que descreve a trajetória do Journal of Venomous Animals

and Toxins including Tropical Diseases (JORGE, 2020) e ao apresentar a diretoria da ABEC Brasil que acompanhou os criadores do SciELO em seus primeiros passos.

Saltando 12 anos, Barraviera resenha (sim, ele descreve pormenorizadamente) fatos marcantes do ano de 2008, a saber sua posse como presidente da ABEC Brasil e a reestruturação do Qualis, com maior ênfase no FI (o conceito e as limitações desse indicador serão discutidos adiante). O último ponto motivou 62 editores a assinarem editorial em que denunciavam a perversidade dessa prática e solicitavam a mudança urgente nos respectivos critérios. Aliás, a maior assertividade da ABEC Brasil ao confrontar a Capes e apresentar as reivindicações dos editores, a partir de 2008, torna-se uma característica da Associação, como representante dos editores brasileiros.

São outras iniciativas mencionadas por Barraviera, às quais retornaremos sob uma óptica de cultura institucional, vários acordos e parcerias internacionais, com especial destaque para a disponibilização do *Digital Object Identifier* (DOI) às revistas brasileiras, a custos acessíveis e burocracia minimizada.

A inauguração da sede própria da ABEC Brasil é outro marco relevante do período de 2008 a 2017, ao final do qual parece nascer uma quarta cultura institucional (ou não? Isso o tempo definirá!).

Barraviera recorre a Domingues *et al.* (2020), trabalho em que figura como coautor, para mostrar, com dados e figuras, as variações no número de revistas brasileiras com FI e nos valores desse indicador:

- A quantidade de revistas com FI_{ano} passou de 31, em 2008, para 102, em 2019, um aumento de cerca de 330%;
- O percentual de revistas com $FI_{ano} > 0,5$, que correspondia a apenas 10,8 % do total de revistas indexadas no Web of Science em 2008 (31 em 158) passou a 79,1 % (102 em 129) em 2019;
- No ano de 2017, pela primeira vez uma revista brasileira obteve um $FI_{2017} > 3.0$.
- E, em 2019, pela primeira vez uma revista brasileira obteve um $FI_{2019} > 5.0$.

Diante desses números e dos 4.570 prefixos DOI já disponibilizados pela ABEC Brasil, Barraviera justificadamente ressalta o importante papel da Associação para a internacionalização da pesquisa brasileira, por propiciar treinamento em seus cursos, por trazer o estado da arte em seus eventos e

por facilitar o acesso a recursos e ferramentas que possibilitam visibilidade mundial. Identifica, mais, o Brasil como o maior parque editorial acadêmico, não comercial, de revistas científicas de acesso aberto no planeta. Ilustra, com um artigo de sua autoria, como a inserção do ORCID é capaz de mostrar artigos e revistas brasileiras para o mundo.

Certamente, informações e recursos disponibilizados pela ABEC Brasil aos editores das revistas do Brasil foram e são decisivos para concluir que a internacionalização delas se encontra em... avançado estado de superação!

Sobre cultura institucional, treinamento de editores e Fator de Impacto: o raro privilégio de reagir às provocações de Benedito Barraviera

Os primeiros *slides* da apresentação de Barraviera cobrem o histórico e as principais ações e conquistas da ABEC Brasil desde sua fundação. Não é possível, porém, deixar de registrar que as gestões, a partir de 2008, divisaram, no tempo certo, mudanças indispensáveis na cultura institucional da Associação, de modo a fortalecê-la, consolidá-la e atualizá-la em termos de missão e comprometimento com as revistas brasileiras e seus editores.

O parágrafo anterior aponta o foco de nossa terceira seção. A segunda, a seguir, aborda o conceito de Fator de Impacto, visando quebrar as místicas que o cercam a partir de uma inversão no modo de considerá-lo: em lugar de fixar-se em sua denominação, contestando sua validade como indicador de qualidade ou de impacto (questionamento que não oferece qualquer dificuldade...), basear-se na sua definição e visualizar com clareza qual a informação que ele contém de fato.

Reflexões sobre o Fator de Impacto (FI) e como interpretá-lo

O FI, apesar de suas limitações e restrições (como bem colocado por Barraviera!), é um dos indicadores que, juntamente a outros critérios, compõe o complexo conceito de qualidade de um periódico científico. Conforme Trzesniak (2006), integra a dimensão "percepção de mercado" desse conceito.

Indicadores bem construídos dificilmente são perversos, o que pode sê-lo são as utilizações que dele se faz. O FI não foge a esse perfil. Sua definição é clara: o FI_{ano} de uma revista, sempre apurado no ano (a+1),

corresponde ao número de citações concedidas, no ano *a*, aos artigos nessa revista publicados nos dois anos anteriores a esse ano *a*. É um valor médio de citações por artigo e, portanto, deveria ser até expresso com essa unidade. Assim, se o FI_{2031} de um periódico X (calculado em 2032) é de 2,40 citações por artigo, quer dizer que os artigos nele publicados em 2030 e 2029 foram citados, em média, 2,40 vezes em 2031.

Então, que informações o FI_{2031} da revista X contém de fato? Ele somente permite inferir algo acerca do conjunto dos artigos publicados na janela temporal de referência.

Mais importante é o que ele não diz! O fato de que, conhecendo seu valor correspondente a um dado ano, não se pode concluir absolutamente nada sobre:

I) a qualidade de qualquer dos artigos publicados na revista X, nem na janela temporal considerada (e certamente muito menos em qualquer outro ano). Supondo que tenham sido publicados 100 artigos na janela de referência, o valor médio de 2,40 citações/artigo pode ocorrer se um único dos cem teve 240 citações, ou se dois conseguiram 120 cada um, ou se quatro obtiveram 60, ou se... enfim, é mais plausível que a maioria dos artigos não tenha recebido nenhuma citação do que o contrário.

II) a qualidade da própria revista ao longo do tempo, já que, a cada ano, o FI é calculado para uma janela temporal diferente, não sendo surpresa se variar de 5,00 para 1,00 em apurações sucessivas. Apenas se os valores do FI forem significativos e consistentes por, pelo menos, quatro anos consecutivos é que se pode aceitá-los como um dos indicadores que corroboram a boa "qualidade de mercado" da revista X.

Então, é isso que o FI é, e assim deveria ser considerado e utilizado, sem perversidade. Mas isso muitas vezes não é o caso, aspecto em que não nos vamos alongar.

Porém, há uma visão que pode amenizar a antipatia que algumas pessoas sentem pelo FI. Vejam, é, na realidade, um equívoco partir do nome-fantasia do indicador para criticá-lo. Fator de impacto não é um composto de duas palavras e uma conjunção, é na verdade um "conceito encapsulado", ou seja, é um termo único que designa o resultado da conta que se faz para determiná-lo. Olhem-no como um termo novo, *fatordeimpacto,* para o qual não faz sentido buscar um significado a partir das definições de "fator" e nem de "impacto" do dicionário separadamente.

Impacto é um conceito amplo e difuso; então o que é o impacto de uma revista científica? Certo, não é difícil aceitar que o valor médio de citações concedidas, em um dado ano, aos artigos publicados numa revista X nos dois anos imediatamente anteriores tenha alguma relação com o impacto dela. Mas esse é um nome muito longo para um indicador. Então se resolveu denominá-lo... *fatordeimpacto*.

Mas quem contém mesmo o conteúdo de qualquer indicador, em termos de informação que ela encerra ou não, é sempre sua fórmula de cálculo, e é nela, e não no seu nome-fantasia, que se deve buscar suas interpretações.

A ABEC Brasil 1985-2020: três (ou já quatro?) culturas institucionais

Ao longo da história da ABEC Brasil, podem-se identificar ao menos três fases em que vigoraram diferentes culturas institucionais, porém sempre em conformidade com a diretriz principal de incentivar, fortalecer, consolidar e internacionalizar as revistas brasileiras.

A primeira cultura (1984-1994): interlocução com órgãos de fomento

Uma semente para a ABEC Brasil já existia no final da década de 1970. Nos conta Moriconi (1994, p. 1):

> Em fins da década de 70, a organização dos editores já se fazia sentir, especialmente na área de Ciências Sociais e Humanas, quando se passou a difundir a ideia de que a publicação dos resultados de pesquisa era parte integrante da mesma e, como tal, deveria ser considerada pelos órgãos responsáveis pelo desenvolvimento científico e tecnológico do país. Esse pensamento toma vulto e, em 1980, o CNPq inicia financiamento, ainda que tímido, porém sistemático, às revistas científicas, vindo a se expandir em 1981 e 1982 com a criação do Programa de Apoio a Publicações Científicas e, principalmente, com a obtenção da parceria com a Finep.

Sentindo a necessidade de um interlocutor institucional representativo dos editores científicos para o Programa, CNPq e Finep promoveram, em 1984, em São Lourenço (MG), o I Encontro de Editores Científicos, que nos levou a considerar esse ano como o de criação de fato da ABEC Brasil. A Associação se fundou de direito no II Encontro, em São Paulo, em 1985.

Esse contexto e a estreita parceria com CNPq e Finep no Programa de Apoio às Publicações Científicas marcaram a cultura institucional dos primeiros dez anos da ABEC Brasil: a de representante da comunidade dos editores científicos brasileiros junto aos órgãos federais de financiamento, consolidando e garantindo o programa. A missão foi bem cumprida e o apoio se manteve pelo menos até 2019.

É desse período o primeiro logotipo da ABEC Brasil que, como observado por Barraviera, carregava o conceito da época de revista impressa. Porém continha também uma mensagem: as letras A B E C, em folhas soltas, remetiam aos artigos científicos, aos pequenos avanços do conhecimento, por cuja qualidade e difusão a Associação se comprometia a zelar. A continuação, página branca, capa e livro, representava a transição desses resultados de pesquisa emergentes em conhecimento consolidado para o benefício da humanidade.

Nessa primeira fase, realizaram-se ainda duas edições do Encontro Nacional de Editores Científicos, em Ribeirão Preto (SP) (1988) e em Caxambu (MG) (1992).

A segunda cultura (1994-2008): treinamento

Em 1994, Charles Pessanha e Carlos Antonio de Moura assumem, respectivamente, como presidente e vice-presidente da ABEC Brasil, e lembro-me com clareza da ênfase de Charles: “Cursos, cursos, a ABEC precisa dar cursos”. Assim, uma vez ajustada a questão do Programa de Apoio, assume o papel principal, na cultura institucional, o treinamento dos editores brasileiros. O primeiro Curso de Editoração Científica ocorre em São Paulo, em 1994, seguido do segundo, no Rio de Janeiro, no mesmo ano. Até a décima edição, em 2001 (Atibaia - SP), o curso já percorrera o país de Blumenau (SC) a Belém (PA). Outros seis cursos foram realizados até o final dessa fase, o de número XVI em São Paulo, em 2008. Tal desempenho somente se viabilizou graças ao forte e permanente apoio do CNPq.

Tal como a interlocução com Programa de Apoio, o treinamento mediante ministração de cursos é cultura institucional consolidada na ABEC Brasil e segue sendo uma de suas maiores preocupações. Já na fase três (seção a seguir), adicionou-se aos cursos tradicionais o Programa de Capacitação ProCPC, em convênio com o Council of Science Editors, como

ressaltado na apresentação de Barraviera. A pandemia de 2020 trouxe para o contexto a realização virtual no formato de minicursos. Foram 20 durante este ano[1].

De fato, o treinamento nunca poderá deixar de ser prioridade na ABEC Brasil. A razão é simples: ninguém faz graduação, mestrado ou doutorado em editoração de revistas, mas em uma área do conhecimento, em que passará a atuar profissionalmente como pesquisador e, quase sempre, também professor. Então, um dia, torna-se também editor... porém, geralmente sem ter sido preparado para tal, tendo apenas, eventualmente, sua experiência como autor e revisor. Passa, em um instante, de usuário a gestor no sistema de divulgação do conhecimento científico. E passa a ter de se preocupar, dentre outros, com o sistema eletrônico de submissão/editoração, requisitos de indexadores, redes sociais, metadados, Ciência Aberta, repositórios de dados, direitos autorais, verificação de similaridade, supervisão da equipe da revista, pressões de autores, seleção e cobrança de revisores, avaliações pelo Qualis e acompanhamento de métricas - tradicionais e alternativas. É muito conhecimento, são muitos conceitos a adquirir, desbravar e aplicar. Aprender tudo sozinho, muitas vezes por ensaio e (muito) erro é digno de várias sequências de "Missão Impossível".

Então, não nos esqueçamos de Charles: Cursos, cursos, precisamos dar cursos!

Mais de 1994-2008: a migração do papel para o virtual

Embora não fosse a preocupação principal da cultura institucional da época, a migração do papel para o virtual foi uma preocupação e teve atenção da ABEC Brasil desde seus primeiros passos. De fato, a criação do SciELO, em 1996, lembrada por Barraviera em seus *slides* 9 e 10, foi concebida no ano anterior, em um evento da Associação.

Na edição de agosto de 1995 do Scientific American*,* Gibbs publica o artigo Lost Science in the Third World, em que, entre outros pesquisadores, cita Rogerio Meneghini. Em uma das passagens, o autor destaca (em tradução livre), que, em uma mesma revista, os artigos brasileiros são 60% menos

[1] https://www.abecbrasil.org.br – acesso pelo menu Eventos/Anteriores

citados do que os americanos, [...] mais que preconceito, trata-se de um tipo de fenômeno sociológico (GIBBS, 1995).

A difusão eletrônica dos artigos científicos, iniciada por Ginsparg em Los Alamos (Barraviera, *slide* 6), abriu caminho para retirar das editoras comerciais o monopólio de veiculação dos resultados de pesquisa, possibilitando que os pesquisadores voltassem a fazê-lo diretamente, e as primeiras revistas eletrônicas independentes, ainda experimentais, começavam a surgir.

Sob esse pano de fundo, a ABEC Brasil promove, ainda em 1995, o seu primeiro *Workshop* de Editores Científicos, em que duas das quatro sessões tiveram como tema 'Novas tecnologias e Revistas Científicas'.

Na primeira, técnica, foram apresentados três experimentos brasileiros no campo das publicações eletrônicas, um em HTML e dois baseados em disquetes. A segunda delas, política, intitulada Situação no Brasil, tinha, entre os participantes, justamente Rogerio Meneghini e Abel Packer. O SciELO começou a nascer durante o evento, nas conversas paralelas entre os editores das revistas brasileiras consolidadas e esses dois pioneiros da indexação de texto integral em *open access* – quando esse termo estava ainda longe de ser utilizado em qualquer escala perceptível.

Ao identificar uma biblioteca eletrônica de revistas como uma solução para que a ciência do terceiro mundo deixasse de ser conhecimento perdido (*lost science*), esse grupo de pessoas antecipou, em sete anos, o que se lê na abertura da *Budapest Open Access Initiative*:

> Uma antiga tradição e uma nova tecnologia convergiram para tornar possível um avanço histórico. A antiga tradição é a disposição de cientistas e acadêmicos em publicar o fruto de suas pesquisas sem remuneração, em nome da transparência e democratização do conhecimento. A nova tecnologia é a internet. O avanço histórico que eles possibilitam é a distribuição da literatura acadêmica arbitrada por toda a extensão do globo e o acesso totalmente irrestrito e gratuito por parte de qualquer cientista, acadêmico, professor, estudante ou outro interessado. (BUDAPEST OPEN ACCESS INITIATIVE, 2002).

O SciELO foi viabilizado com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e operacional do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme), e sempre contou com significativo envolvimento da ABEC Brasil.

A terceira cultura (2008-2020... ou será -2018?): serviços aos associados

A preocupação, na verdade, surgiu na virada do milênio: que benefícios a ABEC Brasil propiciava aos associados, além de descontos nos cursos e nos eventos? Que retorno recebia quem se tornasse membro? Algumas iniciativas tímidas, como uma *newsletter* impressa e, depois, eletrônica (o *Electro ABEC*) nasceram, mas não avançaram. Cogitou-se uma parceria com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), que incluiria na anuidade uma assinatura da revista Ciência da Informação – outra proposta que não se concretizou.

São nítidas, porém, as mudanças observadas quando, em 2008, assume a presidência o nosso palestrante Benedito Barraviera (tendo como vice-presidentes Carlos Coimbra, por dois anos, e Sigmar de Mello Rode, por outros dois). A primeira mudança, de natureza física: a sede passa de Petrópolis[2] (RJ) para Botucatu (SP). A segunda, que efetivamente implicou a terceira cultura institucional, foi a preocupação em ampliar a oferta de serviços aos associados e as ações decorrentes dessa cultura – tanto na diretoria comandada por Barraviera como nas que se seguiram.

Por estarem explícitas na apresentação de Barraviera, não vejo necessidade de aqui discriminar quais foram essas ações, mas elas vão desde maior assertividade ao levar a voz dos editores brasileiros para a direção da Capes (*slides* 13-15) até as múltiplas parcerias que trazem significativas facilidades e redução de custos às revistas brasileiras (*slides* 20-31).

A quarta cultura (desde 2018?-...): trabalhando para a Ciência Aberta

Várias ações e iniciativas da ABEC Brasil desde 2018 (lançamento de livros, participação no Consórcio Brasileiro do ORCID, EmeRI etc.) apontam um engajamento progressivo na promoção da Ciência Aberta. Cabe especular se o trabalho rumo à popularização, consolidação e, especialmente, operacionalização responsável dos conceitos e ferramentas dessa nova

[2] Por mais de dez anos, a ABEC Brasil teve o importante apoio do Laboratório Nacional de Computação Científica, que, mediante convênio, cedia o espaço físico para a sede da Associação.

forma de encarar e divulgar resultados de pesquisa já não signifique que uma quarta cultura institucional seja a nova protagonista na instituição.

Ressaltando que uma nova cultura protagonista na ABEC Brasil nunca implicou que as anteriores perdessem sua importância ou fossem abandonadas.

REFERÊNCIAS

BUDAPEST OPENS ACCESS INITIATIVE. **Iniciativa de Budapeste pelo Acesso Aberto**. [2020]. Disponível em: https://www.budapestopenaccessinitiative.org/translations/portuguese-translation. Acesso em: 10 jan. 2021.

DOMINGUES, Renata Seabra *et al*. Evolução histórica do Fator de Impacto (FI) na base Web of Science (WoS) dos periódicos do Brasil entre 2008 e 2018. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 7, p. 1-9, mar. 2020. Número especial. https://doi.org/10.28998/cirev.2020.7ne.01-09. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/9374/7254. Acesso em: 10 jan. 2021.

GIBBS, W. Wayt. Lost Science in the Third World. **Scientific American**, [*s. l.*], v. 273, n. 2, p. 92-99, Aug. 1995.

JORGE, Marcos. **Do disquete à Ciência Aberta**: 25 anos da revista do Cevap-Unesp (*on-line*). 2020. Disponível em https://www2.unesp.br/portal#!/noticia/36016/do-disquete-a-ciencia-aberta-25-anos-da-revista-do-cevap-unesp. Acesso em: 10 jan. 2021.

MORICONI, Valério Palmira. **Espelho da Ciência.** Rio de Janeiro, Brasília: Finep; IBICT, 1994.

TRZESNIAK, Piotr. As dimensões da qualidade dos periódicos científicos e sua presença em um instrumento da área da educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 346-361, maio/ago. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a13v11n32.pdf. Acesso em: 10 jan. 2021.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

A contribuição da ABEC Brasil na evolução do Fator de Impacto (FI) dos periódicos do Brasil na base Web of Science (WoS): 1985-2020

BARRAVIERA, Benedito. CEVAP Journal: the first Brazilian electronic scientific publication turns 20 years old. **Journal of Venomous Animals and Toxins including Tropical Diseases**, Botucatu, v. 1, n. 52, 2015. https://doi.org/10.1186/s40409-015-0050-7

MARTINS, Selma de Lourdes Pires *et al*. Do disquete às nuvens: a saga da primeira revista eletrônica científica brasileira. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 5, p. 86-100, fev. 2018. Número especial. http://dx.doi.org/10.21452/23580763.2018.5ne.86-100.

SIMIONATO, Juliana S. *et al.* Como aumentar o fator de impacto nas bases Web of Science (WoS) e Scopus (Scimago): ações implementadas pelo The Journal of Venomous Animals and Toxins including Tropical Diseases. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 5, p. 58-67, 2018. Número especial. http://dx.doi.org/10.21452/23580763.2018.5ne.58-67.

SOBRE O RESENHISTA
Piotr Trzesniak

Licenciado pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) e bacharel, mestre e doutor em Física pelo Instituto de Física da mesma Universidade, é professor titular aposentado da Universidade Federal de Itajubá (UniFEI), e professor permanente do Mestrado Profissional em Gestão Pública da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Desenvolveu pesquisas em Física da Matéria Condensada, Física Nuclear e Ensino de Física. Atuou na UniFEI nos programas de pós-graduação em Materiais para Engenharia e em Engenharia de Produção, trabalhando com temas de sua formação, de garantia de controle de qualidade, de metrologia, de desenvolvimento de indicadores em geral e de metodologia de pesquisa, epistemologia e construção do conhecimento. Ainda na UniFEI, foi editor da revista Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico. Prestou assessoria e participou de Comitês no CNPq, Capes, SciELO e Ibict e, fora do Brasil, junto ao Ministério de Ciência e Tecnologia de Moçambique. Foi editor da Advances in Scientific and Applied Accounting, do Interamerican Journal of Psychology e da Revista Brasileira de Ensino e Pesquisa em Administração. Foi, ainda, editor associado da *newsletter* da International Society for Theoretical Psychology. Tem atuação como consultor da Brazilian Veterinary Research e do Journal of Operations and Supply Chain Management. É integrante do Conselho Diretor, participante do Corpo Científico e/ou parecerista de revistas de Ciência da Informação, de Administração, de Enfermagem, de Psicologia, de Ensino de Física e de Fonoaudiologia. Fez parte durante oito anos (1996-2003) da diretoria da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil), retornando em 2020 como Secretário-geral (2020-2022). Foi também, por dois anos, membro da diretoria da Associação Brasileira de Editores Científicos de Psicologia (Abecip), da qual é sócio-fundador. Aliada à sua formação como pesquisador, essa atuação interdisciplinar tem-lhe permitido contribuir não apenas na comunicação científica nas várias áreas, mas também em pesquisas específicas dentro delas, o que se traduz em publicações e comunicações no país e no exterior.

http://lattes.cnpq.br/5469157594946888
https://orcid.org/0000-0002-2833-1923
piotreze@gmail.com

Capítulo 4

Como conseguir bons avaliadores e boas avaliações

Eloísa Príncipe

https://doi.org/10.21452/abec.2021.isbn.978-65-993452-1-0.cap4

Os principais pontos abordados durante esta mesa foram sobre se periódicos científicos devem ou não aceitar a indicação de revisor pelo autor, sobre o reconhecimento automatizado para revisores a partir da integração do Publons, no sentido de aprimorar a experiência do revisor, motivando-o para emitir um bom parecer, e sobre o desafio de conseguir e manter revisores. O público-alvo da mesa foi composto pela comunidade científica, principalmente editores de periódicos, pareceristas, autores, bibliotecários, pesquisadores, professores, alunos de pós-graduação e profissionais de áreas afins à publicação científica.

Indicação do revisor pelo autor: aceitar ou não aceitar - eis a questão!

KELLNER, Alexander Wilhelm Armin. Indicação do revisor pelo autor: aceitar ou não aceitar - eis a questão! *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Palestra]**. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2020. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/eventos/meeting_2020/palestras/terca/alexander_kellner.pdf. Acesso em: 10 nov. 2020.

Alexander Kellner é doutor pela Columbia University em programa com o American Museum of Natural History (Nova Iorque). Graduado em

Geologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é diretor do Museu Nacional e desde 2007 editor-chefe dos Anais da Academia Brasileira de Ciências (AABC). Possui mais de mil publicações – incluindo resumos, editoriais e artigos populares – sendo mais de 250 artigos originais, publicados nas principais revistas científicas tais como Nature, Science e Proceedings of the National Academy of Sciences (PNAS).

Kellner descreveu 70 espécies novas e organizou expedições para os mais diferentes pontos do planeta, o Atacama (Chile), Kerman (Irã), Liaoning (China) e a Antártica. Recebeu vários prêmios e homenagens, tendo sido eleito membro titular da Academia Brasileira de Ciências, membro honorário da New York Paleontological Society, pesquisador associado do American Museum of Natural History e do Institute of Vertebrate Paleontology and Paleoanthropology (IVPP, China). Em 2010, recebeu o prêmio da The World Academy of Sciences (TWAS) na categoria de Ciências da Terra. Admitido na classe de comendador da Ordem Nacional do Mérito Científico, acaba de ser promovido para a Classe Grã-Cruz.

Durante sua apresentação, o conferencista destacou que, entre os diversos aspectos que envolvem as atribuições de rotina de um editor-chefe (aulas em cursos de graduação e pós-graduação, reuniões, orientações, palestras, bancas, comissões, chefias, pesquisa, método, escrita científica, propriedade intelectual, conduta ética, coordenação, prestação de contas e ... mais reuniões!, entre outros) um aspecto imprescindível é conviver com os critérios do Qualis Capes, os quais embora apresentem muitas vantagens, por outro aspecto proporcionam um ambiente muito complexo, gerando efeitos colaterais que, na visão dele, são deletérios para periódicos com amplo escopo, que é o caso por exemplo dos AABC.

É o que Alexander Kellner chamou de “admirável mundo novo” das publicações científicas!

Ao refletir sobre o objetivo principal do editor, que é o zelo pela qualidade – proporcionar a leitura de artigos que, em suas áreas específicas, contribuam para novas pesquisas ou ao menos sirvam para fundamentar ideias ainda não completamente elaboradas – o palestrante questionou em qual mundo estamos vivendo; em particular, em qual mundo vivem os pesquisadores científicos? O que é demandado deles?

A resposta a essas questões trata do contínuo aumento, em nível mundial, das demandas de publicação em decorrência do que se pode chamar de "efeito padaria" ou "*bakery effect*": para o pesquisador desenvolver seu trabalho com relativo sucesso e pleitear financiamento, necessita obrigatoriamente apresentar produção científica, "pãozinho quente"! E, ainda mais, com hora marcada! Para concluir o mestrado, deve ter no mínimo um *paper* aprovado; durante o doutorado, dependendo do programa de pós-graduação, podem ser até três! Ou quatro!

Kellner considera que essa pressão por resultados apresenta um conjunto de circunstâncias que poderiam instigar longos debates sobre questões fundamentais como a qualidade e a ética da ciência, mas o fato é que estamos em um mundo em que é necessário aumentar cada vez mais a produtividade, e isso acaba por ocasionar um número absolutamente incrível de artigos. No caso específico dos AABC, a evolução de submissão de artigos entre 2008 e 2020 tem sido exponencial – em 2008, a revista recebeu menos de 200 *papers*; em 2019 foram 1.540, e em 2020, número recentemente informado, até outubro haviam sido 1.448 submissões!

Ao ressalvar que, se o pesquisador está abarrotado de trabalho, o revisor, idem, Kellner defende que nesse contexto não há outro modo de atuar para garantir a qualidade dos periódicos a não ser a revisão por pares. Ele relata que, em diferentes estágios de sua carreira de pesquisador, chegou a experimentar uma série de problemas ao submeter artigos científicos. Em um dos casos, um trabalho em conjunto com um cientista norte-americano, um revisor indicou que o texto não estaria em acordo com a correta língua inglesa, ao apontar um trecho do artigo escrito exatamente pelo colega estrangeiro em seu idioma nativo.

Conforme a percepção do palestrante, apenas em raras situações o percurso desde a pesquisa até a publicação pode ocorrer sem sobressaltos, sendo bem-sucedido – com o manuscrito bem elaborado, revisores a postos e prontos para ajudar a chegar ao objetivo: o trabalho aceito. Mas, em outro extremo, o percurso pode em muitas situações ser terrível, pois não bastassem as tarefas de pesquisar, registrar dados, elaborar relatórios e artigos e lutar contra a escassez de recursos orçamentários, o fato de os revisores estarem abarrotados de trabalho faz com que pesquisadores hoje em dia vivam "quase a situação de ajoelhar" para que alguém aceite

revisar o artigo. Como podem então as revistas – em especial aquelas que vêm registrando crescimento exponencial de submissões – conseguir bons revisores? – questiona.

Como resposta, Kellner traz o exemplo dos AABC, em que a questão tem se resolvido com a inclusão, no processo de submissão, de uma etapa em que o periódico pede que o próprio autor faça a indicação de revisores, obrigatoriamente alguns deles de fora do país.

Kellner reconhece que, em dado momento, essa situação trouxe a ele, como editor, problemas com a Academia, pois havia pessoas radicalmente contra, com o argumento de que seria um procedimento antiético. Entretanto, com a já mencionada sobrecarga de trabalho, e pela diversidade de assuntos da revista, não sendo possível que o editor-chefe fique à frente de todos os trabalhos, foi definido como competência dos editores-adjuntos, editores-associados e editores de área decidirem aceitar ou não a indicação feita pelo autor.

O palestrante observa que revisores podem ter boa ou má fé – alguns em muitos momentos são críticos implacáveis, além da conta; outros, em sentido inverso, aceitam tudo conforme apresentado no original – o que, conforme adverte, não consiste em uma autêntica revisão. E conclui que todo autor, em algum momento, vai se deparar com essa questão da revisão por pares. Independente da área, de quem seja o autor do artigo, de quem sejam os revisores, o que conta é a qualidade dos pareceres. Isso é o que se procura levar em consideração nos AABC.

Desafio de conseguir e manter revisores

PAIVA, Renato. Desafio de conseguir e manter revisores**.** *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Palestra]**. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2020. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/eventos/meeting_2020/palestras/terca/renato_paiva.pdf. Acesso em: 12 nov. 2020.

Renato Paiva é doutor em Agronomia pela University of Illinois at Urbana-Champaign com área de concentração em Biologia Molecular de Plantas e mestre em Agronomia pela Mississippi State University. Graduado em Agronomia pela Escola Superior de Agricultura de Lavras (UFLA), é professor titular do Departamento de Biologia da UFLA da área de Fisiologia Vegetal. Atua como editor-chefe das revistas científicas

Ciência e Agrotecnologia e Plant Cell Culture & Micropropagation. Atuou como diretor da Editora UFLA, diretor da Regional Sudeste da Associação Brasileira de Editoras Universitárias (ABEU) e como membro eleito do Comitê Consultivo SciELO Brasil, representando os periódicos da área de Ciências Agrárias. Membro da Câmara de Assessoramento em Ciências Biológicas e Biotecnologia (CBB) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Fisiologia Vegetal e Chefe do Departamento de Biologia, é responsável pelo Laboratório de Cultura de Tecidos de Plantas (LCTP-UFLA). Líder do grupo de pesquisa Propagação de Plantas Lenhosas (CNPq), Paiva é membro da International Society for Horticultural Science (ISHS) onde atua como *chair* do Workgroup Quality Management in Plant Propagation. Presidiu a Associação Brasileira de Cultura de Tecidos de Plantas (ABCTP) e o I Congresso Brasileiro de Cultura de Tecidos de Plantas (2003). Em 2017, foi agraciado com o Prêmio Linda Caldas pela reconhecida contribuição científica na área de Cultura de Tecidos de Plantas e pelos relevantes trabalhos prestados junto à ABCTP.

O conferencista inicia dirigindo-se, principalmente, aos editores mais novos, enfatizando que eles não estão sozinhos. A dificuldade de encontrar revisores é normal, assegura. A maioria já passou, está passando ou ainda vai passar por essa dificuldade. É mais uma adversidade a ser superada. Aliás, afirmou Paiva, superar adversidades é parte do cotidiano dos editores científicos.

Ele sugere a construção de uma lista de revisores adequada para suprir a demanda dos artigos de seu periódico. Em sequência, passa a enumerar algumas ações que podem auxiliar na busca por revisores: a) cobrar suas amizades – pesquisadores mais próximos de você podem agir como revisores; b) convidar autores que já submeteram artigos à sua revista e autores das referências citadas nos artigos; demora um pouco, mas o resultado é muito produtivo; c) o uso do Currículo Lattes como ferramenta para identificar futuros revisores; normalmente, busca-se por assunto, palavras-chave e pesquisadores com a titulação de doutor, ou pelo campo de "bolsistas de produtividades em pesquisa" do CNPq, considerando que esses pesquisadores estão, teoricamente, mais voltados à pesquisa e, portanto, bem qualificados para o desempenho da função de revisão, representando

ótima fonte de potenciais revisores, basicamente do Brasil; d) o uso de plataformas de revisores, como por exemplo o Publons, o que acarreta num salto na internacionalização de sua lista de revisores, considerando que a maioria das possibilidades apresentadas é de pesquisadores estrangeiros; e) o uso de plataformas de gerenciamento de artigos, as quais possuem bancos de revisores e, se as revistas têm acesso a essas plataformas, também têm acesso ao banco de revisores; são plataformas que integram processos automatizados, entre as quais o sistema ScholarOne integrado ao Reviewer Connect, do Publons.

Finalizando sua apresentação, Paiva relaciona algumas práticas para manter/fidelizar os revisores: reconhecimento – agradecimentos por e-mail, emissão de certificados; informar sobre a publicação do trabalho avaliado; referenciar a contribuição na listagem de final de ano no site da revista, por exemplo; e considerar o avaliador como potencial editor de área da revista. Sugere, também, o uso de cortesias, tais como: a não cobrança de taxas de submissão e/ou publicação, a oferta de mimos (calendários/canetas/canecas), produtos promocionais da revista, a manutenção de contatos regulares, informando, por exemplo, as conquistas da revista, além de evitar a sobrecarga de solicitações de pareceres. Completando, o conferencista destaca que essas ações constituem um desafio que nunca se esgota, mas que é minimizado ao longo do tempo, passo a passo, tornando-se um desafio inerente ao processo.

Publons para editores: reconhecimento dos revisores

DIAS, Deborah. Publons para editores: reconhecimento dos revisores. *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Palestra]**. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2020. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/eventos/meeting_2020/palestras/terca/deborah_dias.pdf. Acesso em: 10 nov. 2020.

Deborah Dias é especialista em Engenharia de Software e Administração de Marketing, com bacharelado em Arqueologia. Responsável pelo treinamento e suporte para usuários das bases de dados da Clarivate no Brasil, tem mais de 20 anos na área de suporte e treinamento, e participação em seminários e eventos voltados a editores sobre práticas de qualidade para periódicos e adequação a critérios de indexação.

A palestrante inicia a sua comunicação destacando a complexa e

árdua atividade de revisão por pares e de obtenção de pareceristas para essa função. Na prática, afirma Deborah, a revisão por pares não tem reconhecimento, não se recebe nada por isso e é um esforço que não aparece perante a comunidade. Trata-se de fator crítico para a maioria das revistas, mas a comunidade de revisores acredita que sem a revisão por pares não haveria controle na comunicação científica (*sense about science*).

Nesse contexto, o Publons nasceu como uma plataforma de cadastramento dos trabalhos dos revisores. Esse era o seu foco. A sua missão, "acelerar a pesquisa aproveitando o poder de revisão por pares". Oferece, assim, a possibilidade de todo pesquisador inserir suas informações, quer como autor, parecerista, editor ou membro de comitê científico ou executor de outro trabalho no campo da editoração científica.

Os revisores trabalham sob pressão. À medida que cresce cada vez mais o volume de artigos submetidos à publicação, aumenta consequentemente o número de pareceres a serem apresentados. E, assim, continua Deborah, conforme a produção de publicações cresce, os problemas também aumentam, em dois polos básicos: grande pressão para publicar *versus* incentivo mínimo para revisar.

Do ponto de vista do editor, Deborah destaca três pontos: as dificuldades para encontrar revisores, a baixa taxa de aceitação de revisores e a demora na resposta ao convite para avaliar um artigo. Dessa maneira, como o Publons nasceu uma plataforma para o pesquisador cadastrar suas publicações, revisões e outras atividades, pode auxiliar em alguns desses problemas, motivando revisores a participarem da avaliação e fornecendo ferramentas aos editores na tarefa de identificar revisores, oferecendo subsídios/sugestões aos editores para identificar possíveis revisores que melhor se encontrem alinhados à linha temática do manuscrito a ser revisado, acelerando o processo de revisão.

A palestrante ressalta que o pesquisador, enquanto revisor, é um cliente. Nesse contexto, o editor deve apresentar um diferencial para que o revisor se sinta motivado a entregar uma revisão rápida, robusta e especializada, transformando a revisão em uma atividade recompensadora e incentivando os pesquisadores a revisar e submeter manuscritos para a sua revista. O Publons oferece perfis gratuitos para pesquisadores e permite que os editores rastreiem, verifiquem e mostrem suas revisões por pares e contribuições editoriais em periódicos do mundo todo. Os editores

analisam os perfis de interesse, verificando as atividades do possível revisor, analisando suas publicações no Web of Science (WoS), número de revisões realizadas, para quais revistas e outras informações.

Na prática, o sistema funciona de forma integrada ao processo de submissão de manuscritos. Uma vez feito o convite ao revisor e ele tendo dado seu aceite, quando for apresentar seu parecer no sistema de submissão, ele apenas vai marcar se aceita que as informações sejam adicionadas ao seu perfil pessoal no Publons. Caso ele ainda não tenha um perfil, será convidado a criar um e, a partir daí, será feita a alimentação dessa informação automaticamente no seu cadastro. Finalizando, foram apresentados os principais parceiros – BMJ, eLife, Sage, Wiley e SciELO, dentre outros, e os dados referentes ao Publons, que refletem a demanda dos pesquisadores pelo serviço.

Conforme dados de julho de 2020, a plataforma possui mais de 2 milhões de revisores cadastrados (131 mil do Brasil), mais de 8,7 milhões de revisões realizadas (210 mil do Brasil), 8 mil revistas parceiras (300 do Brasil) e um alto nível de satisfação por parte dos usuários, de 8/10 (no Brasil 9/10). Na prática, a cada semana, destaca a palestrante, 14 mil revisões são inseridas na plataforma, evidenciando que o Publons está acelerando a pesquisa, de forma clara e registrada, através do processo de revisão por pares.

Apreciação crítica da resenhista

Com a temática sobre como conseguir bons avaliadores e boas avaliações, tiveram início as mesas-redondas do *ABEC Meeting Live 2020* - 35 Anos de ABEC Brasil, evento realizado na modalidade virtual. Esta mesa teve a participação de dois experientes editores científicos – Alexander Kellner, editor-chefe dos Anais da Academia Brasileira de Ciências (AABC) e Renato Paiva, editor-chefe das revistas Ciência e Agrotecnologia e Plant Cell Culture & Micropropagation, além da participação da especialista Deborah Dias, da Plataforma Publons, abordando diferentes pontos sobre revisão por pares.

A revisão por pares é considerada uma das principais etapas da comunicação científica e compreende a avaliação dos trabalhos submetidos à publicação em uma revista científica, por parte dos membros (especialistas) da área de cobertura do periódico. Esses revisores, também denominados

de avaliadores, pareceristas ou árbitros, são convidados pelos editores a fazerem uma avaliação crítica do manuscrito, analisando o seu conteúdo, mérito científico, estrutura e clareza do artigo, visando à publicação de trabalhos de boa qualidade, de forma a contribuir para o avanço da ciência.

Em cumprimento às suas tarefas, os avaliadores devem apresentar comentários construtivos que contribuam para a melhoria do texto. Basicamente são três os modelos de avaliação por pares: o simples-cego (*single-blind*) – quando apenas os revisores sabem quem são os autores; o duplo-cego (*double-blind*) – quando nem o autor, nem o avaliador são identificados, e a revisão aberta (*open review*) – quando o autor sabe quem são os revisores e os revisores sabem quem são os autores. Esta última modalidade vem ganhando força no mundo acadêmico, embora ainda tímida, sendo considerada por Spinak (2018), um dos principais pilares do movimento da Ciência Aberta, juntamente ao acesso aberto e aos dados de pesquisa abertos.

Mas, como conseguir revisores? Esta é uma questão muito debatida no meio científico, inclusive nos dias atuais, onde há um crescimento frenético do número de artigos produzidos e publicados, gerando, consequentemente, uma busca arrebatada por pesquisadores que queiram e possam participar dessa importante etapa editorial, considerando, ainda, ser uma ação não remunerada e sem reconhecimento, principalmente pelas agências de fomento, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entre outras.

Assim, nesta mesa-redonda foram apresentadas algumas iniciativas que podem auxiliar no processo, como a indicação do revisor pelo autor, mantendo-se a prerrogativa de aceitação ou não por parte do editor, após considerações éticas e formais, por exemplo, ou a elaboração de listas de revisores – convite aos pesquisadores mais próximos, pesquisa na Plataforma Lattes do CNPq e o uso de plataformas de revisores, como a do Publons. Assim, com esses instrumentos e, de acordo com o assunto do artigo, os editores selecionam os revisores para emitir os pareceres.

A temática da revisão por pares é extremamente relevante na cadeia da editoração científica. Obter revisores adequados e cientes de suas funções e responsabilidade requer muito esforço por parte dos editores. Conjugar iniciativas como as apresentadas e associá-las à boas práticas científicas

resultará numa melhor ciência produzida e publicada.

REFERÊNCIA

SPINAK, Ernesto. Sobre as vinte e duas definições de revisão por pares aberta...e mais. **Blog SciELO em Perspectiva**, [*s. l.*], 28 fev. 2018. Disponível em: https://blog.scielo.org/blog/2018/02/28/sobre-as-vinte-e-duas-definicoes-de-revisao-por-pares-aberta-e-mais/#.Xm-sgKhKg2w. Acesso em: 17 dez. 2020.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

Indicação do revisor pelo autor: aceitar ou não aceitar - eis a questão!

ANAIS DA ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**. [2020]. Disponível em: https://www.scielo.br/revistas/aabc/iaboutj.htm. Acesso em: 16 dez. 2020.

KELLNER, Alexander Wilhelm Armin. The Qualis system: a perspective from a multidisciplinary journal. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, Rio de Janeiro, v. 89, n. 3, p. 1339-1342, July/Sept. 2017. Disponível em: http://ref.scielo.org/p5h8w5. Acesso em: 16 dez. 2020.

KELLNER, Alexander Wilhelm Armin; PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. H-index in the Brazilian Academy of Sciences: comments and concerns. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, Rio de Janeiro, v. 80, n. 4, p. 771-781, Dec. 2008. http://dx.doi.org/10.1590/S0001-37652008000400016. Acesso em: 10 dez. 2020.

Desafio de conseguir e manter revisores

DIRETRIZES do CSE para promover integridade em publicações de periódicos científicos: atualização de 2012. Tradução de Ana Maria Tomasevicius. São Paulo: ABEC Brasil, 2017. 96 p. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/arquivos/whitepaper_CSE.pdf. Acesso em: 10 dez. 2020.

JANA, Siladitya. A history and development of peer-review process. **Annals of Library and Information Studies**, [*s. l.*], v. 66, p. 152-162, Dec. 2019.

Publons para editores: reconhecimento dos revisores

NASSI-CALO, Lilian. In time: Publons busca atrair pareceristas e aperfeiçoar a avaliação por pares. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 367-368, Dec. 2017. https://doi.org/10.1590/1984-0462/;2017;35;4;00018. Acesso em: 15 dez. 2020.

ORTEGA, Jose Luis. Exploratory analysis of Publons metrics and their relationship with bibliometric and altmetric impact. **Aslib Journal of Information Management**, [*s. l.*], v. 71, n. 1, p. 124-136, Jan. 2019. https://doi.org/10.1108/AJIM-06-2018-0153 .

PUBLONS. **Track more of your research impact**. [2020]. Disponível em: https://publons.com/about/home/. Aceso em: 16 dez. 2020.

SENSE ABOUT SCIENCE. **Peer Review Survey 2019**. [2019]. Disponível em: https://senseaboutscience.org/activities/peer-review-survey-2019/. Acesso em: 10 dez. 2020.

WARE, Mark; MABE, Michael. **The STM report**: an overview of scientific and scholarly journal publishing. 4. ed. Haia, Holanda: International Association of Scientific, Technical and Medical Publishers 2015. Disponível em: https://www.stm-assoc.org/2015_02_20_STM_Report_2015.pdf. Acesso em: 16 dez. 2020.

SOBRE A RESENHISTA
Eloísa Príncipe

Doutora (2005) e mestre em Ciência da Informação (1989) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), convênio Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict/UFRJ), especialista em Documentação Científica (1979) e bacharel (1978) em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), é tecnologista do Ibict e professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PPGCI/UFRJ/Ibict. Participa como vice-líder do Grupo de Pesquisa Comunicação e Divulgação Científicas do Ibict, certificado pelo CNPq, e coordena o projeto de pesquisa Comunicação científica: percursos, desafios e perspectivas. Foi editora-adjunta da revista Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e parecerista dos periódicos Ciência da Informação, Informação & Informação, Liinc em Revista, RDBCI – Revista Digital de Biblioteconomia, RBBD – Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação e RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde e Transinformação. É membro da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil), da qual já foi membro da diretoria, por dois mandatos, e do Conselho Deliberativo (2018/2022) e em outros vários períodos e da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (Ancib).

http://lattes.cnpq.br/4433049915911546
https://orcid.org/0000-0002-1540-0854
principe@ibict.br

Capítulo 5

Alinhando o seu periódico para atender a Ciência Aberta

Silvia Regina Galleti

https://doi.org/10.21452/abec.2021.isbn.978-65-993452-1-0.cap5

A Ciência Aberta tem como uma das suas dimensões a transformação do sistema utilizado para comunicar ciência e pesquisa. Para isso, requer dos pesquisadores um conjunto de práticas, entre as quais a disponibilização de dados da pesquisa, adoção da modalidade *preprint* de comunicação, transparência e abertura dos processos de avaliação por pares.

Estamos todos diante de uma mudança de paradigma: editores, revisores, equipes editoriais, pareceristas, bibliotecários e autores – a mudança não está no que se faz, mas em como se faz, de maneira aberta e colaborativa, em benefício do conjunto da sociedade. E cada área do conhecimento tem as suas particularidades para atender a essa nova realidade. Daí o propósito desta mesa-redonda em confrontar estratégias e reflexões para a adoção da Ciência Aberta.

Alinhando meu periódico com a Ciência Aberta: SciELO

SALES, Denise Peres. Alinhando meu periódico com a ciência aberta: SciELO. *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Palestra]**. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2020. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/eventos/meeting_2020/palestras/terca/denise_peres.pdf. Acesso em: 22 nov. 2020.

Denise Peres Sales é mestre em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo (USP) (2013), graduada em Biblioteconomia (2010) e também em Ciência da Informação com habilitação em Biblioteconomia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2005). Bibliotecária Coordenadora do Processo de Indexação de Periódicos da coleção SciELO Brasil, tem experiência na área de Ciência da Informação. Durante sua participação no *ABEC Meeting Live 2020*, Denise apresentou aspectos que os periódicos devem ajustar, no contexto do SciELO, para atender aos preceitos da Ciência Aberta.

Considerando a internet como estrutura de comunicação, a conferencista apresenta a Ciência Aberta como um novo paradigma de fomentar, projetar, gerir, fazer, comunicar e avaliar pesquisa, de maneira a enriquecer o modo clássico, com o incremento da transparência, da reprodutibilidade e do reuso de dados, maximizando assim a razão de ser da ciência como empreendimento cooperativo acadêmico, social, econômico e cultural, envolvendo todas as instâncias e atores da pesquisa. Argumenta que a Ciência Aberta dá aos pesquisadores maior controle na comunicação das suas pesquisas e motiva uma remodelação abrangente do fluxo de comunicação científica e das próprias funções dos periódicos.

Para fins de alinhamento com a Ciência Aberta, Denise relata que o SciELO Brasil vem atualizando seus critérios de indexação a partir de três pilares: 1) aceitação da submissão de manuscritos depositados em *preprints*; 2) citação e referenciamento de todos os dados; e, 3) opção de abertura da avaliação por pares. Ao reconhecer que este último refere-se a um tabu entre a comunidade científica, revela que os grupos dos periódicos do SciELO vêm trabalhando no sentido de que o tempo de adaptação das publicações aos preceitos da Ciência Aberta seja o mais breve possível – 2021 para os periódicos já indexados e até no máximo 2023 para os ingressantes na biblioteca eletrônica.

As linhas prioritárias de ação envolvem o reconhecimento dos *preprints* como uma maneira de comunicação rápida da pesquisa, promoção da exigência de dados abertos junto aos autores – para melhor garantia de sua reprodutibilidade e reusabilidade, opção de abertura da avaliação de manuscritos por pares e até mesmo da identidade dos pareceristas, inclusive com a publicação de pareceres – e incremento da interoperabilidade mediante a especificação Journal Article Tag Suite (JATS).

Na transição para a Ciência Aberta, Denise considera que os editores devem atualizar suas instruções aos autores, notadamente quanto aos temas dos *preprints* (o periódico os aceita ou não? de quê maneira essa informação consta das diretrizes?), da abertura progressiva da avaliação por pares (o periódico já aceita essa inovação ou considera como uma possibilidade?), da adoção do Formulário de Conformidade com a Ciência Aberta (SciELO já tem o seu!), e das adoções dos Guias de Boas Práticas para o fortalecimento da ética na publicação científica e para Promoção da Abertura, Transparência e Reprodutibilidade das pesquisas publicadas pelos periódicos SciELO.

Um outro conjunto de informações que deve, segundo ela, ser tratado em nome da qualidade da publicação é se todos os autores possuem o ORCID, se todos os artigos são contemplados com DOI, se o periódico adota alguma licença Creative Commons, se adota algum sistema de taxonomia para definição de papéis de autores (o SciELO recomenda o CRediT) e se o periódico usa algum sistema de gerenciamento *on-line* de manuscritos.

Além desses, é imperativo verificar a gestão editorial, em especial o fluxo de produção editorial, a periodicidade (SciELO já não aceita mais semestral, sendo recomendável a publicação contínua) e a quantidade de artigos publicados por ano (conforme a área temática), pois esses aspectos impactam diretamente na rapidez da divulgação científica.

A composição da equipe editorial também deve estar clara nas instruções aos autores: quem são os editores-chefes, como é a composição do corpo de editores-associados, ou de seção, quem são os editores honorários e qual é a formação do Conselho Editorial. O SciELO avalia ainda o desempenho do periódico: quanto ele tem de presença nos indexadores, indicadores por área temática, citações recebidas e presença nas redes sociais acadêmicas, bases de dados e repositórios.

Apoiada no editor emérito da DADOS – Revista de Ciências Sociais, Charles Pessanha, Denise conclui sua fala sintetizando que o SciELO promove uma espécie de "hemograma completo" do periódico pleiteante à indexação, desde seu nascimento, sua trajetória, perspectiva de crescimento e se a publicação possui um plano de desenvolvimento editorial. Nesse sentido, após a análise dos indicadores, recomenda um exercício interessante aos editores: elaborar o plano de seu periódico, atualizando-o sempre que necessário.

Política de implantação da Ciência Aberta: Revista Brasileira de Enfermagem REBEn

BARBOSA, Dulce. Política de implantação da Ciência Aberta: Revista Brasileira de Enfermagem REBEn**.** *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Palestra]**. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2020. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/eventos/meeting_2020/palestras/terca/dulce_barbosa.pdf. Acesso em: 22 nov. 2020.

Dulce Barbosa é livre docente, doutora em Ciências da Saúde com pós-doutorado em Nefrologia e mestre em Biologia Molecular pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), onde atua como professora titular do Departamento de Enfermagem Clínica e Cirúrgica da Escola Paulista de Enfermagem. Graduada em Enfermagem, é membro titular do Comitê de Ética em Pesquisa e do Conselho Deliberativo da Rede de Bibliotecas, editora-chefe da Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn), editora-associada da Revista da Escola de Enfermagem da USP, pesquisadora 1B e membro do Comitê de Editoração do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). É diretora de comunicação e publicações da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEN Nacional), membro titular da Rede de Editores de Enfermagem do Centro Colaborador da Organização Mundial de Saúde e editora-associada e revisora de vários periódicos internacionais. A REBEn faz parte da coleção SciELO, além de outras bases indexadoras, denotando a sua importância no cenário dos periódicos científicos.

Ao resgatar o processo histórico da Ciência Aberta, Dulce observa que é um conceito que foi precedido pelo acesso aberto, a partir de 2002, com a Declaração de Budapeste (*Budapest Open Access Initiative*/BOAI), movimento que teve como marco decisivo as estratégias para o acesso aberto por intermédio da "via dourada" (publicação em periódicos com acesso aberto, por exemplo no SciELO) ou da "via verde" (o autoarquivamento de artigos em repositórios pelo próprio autor). Em 2007, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) viria a publicar um documento com o objetivo de fomentar a cooperação internacional voltada ao acesso e compartilhamento de dados de pesquisas financiadas com recursos públicos. Tratava-se de uma questão econômica, já que se reconhecia a necessidade de demonstrar os resultados dos investimentos à opinião pública.

A palestrante reafirma que Ciência Aberta é uma dimensão ampla, pois contempla não apenas o acesso aberto, mas também dados, códigos

e cadernos abertos, avaliação aberta da pesquisa, ferramentas, projetos, diretrizes e políticas de pesquisa reproduzível aberta. Além disso, possibilita acesso aos dados da pesquisa (seja para fins de checar a análise feita ou usar parte dos dados). A Ciência Aberta pretende assim ser acessível, disponível, gratuita e transparente, capaz de acelerar a difusão do conhecimento.

É por intermédio da Ciência Aberta que a comunidade acadêmica tem pleno acesso às pesquisas publicadas e todo o processo que envolve a publicação científica, de modo a permitir que os dados, as ferramentas e as metodologias utilizadas sejam examinados, analisados, discutidos, validados ou rejeitados, definindo quais dessas etapas cumprem as exigências para passar a constituir parte do corpo comum de conhecimento. Deste modo, impõe a necessidade de revisão e criação de um novo modelo de organização da ciência pautado numa perspectiva mais colaborativa e aberta, ao mesmo tempo em que fortalece as redes de colaboração entre pesquisadores em prol do avanço do conhecimento e, por consequência, uma ciência de melhor qualidade, com progressos mais rápidos e alinhados às necessidades da sociedade.

O SciELO é signatário do Center for Open Science, que disponibiliza a recomendação Transparency and Openness Promotion (TOP), um conjunto de diretrizes de transparência e promoção da abertura às quais os editores de periódicos devem procurar cumprir, para aprimorar as diretrizes aos autores. São oito as normas estabelecidas, relacionadas à citação, *preprints*, pré-registro de planos de análise, replicação, além das transparências de dados, métodos analíticos, materiais de pesquisa e do desenho da pesquisa.

Quanto à citação, padrões semelhantes podem ser aplicados ao *preprint*, ao artigo, ao banco de dados e aos códigos e materiais, para reconhecê-los e creditá-los como contribuições intelectuais originais. Um DOI pode ser atribuído ao *preprint*, outro ao artigo e um terceiro ao banco de dados. A exigência do ORCID consiste também um esforço de padronizar. Dulce recomenda ainda a adoção de um *"how to cite"* que indique como citar aquele conteúdo.

No que se refere às orientações de transparência dos dados, métodos analíticos e materiais de pesquisa, no nível 1, o artigo publicado indica se o banco de dados, o código e os materiais estão disponíveis e como acessar; no nível 2, banco de dados, códigos e materiais devem ser postados em um repositório confiável identificado na submissão do artigo, entendendo-se por confiável um repositório com política editorial bem definida, requisitos

para publicar dados, metodologia, confiabilidade, limitações e permissões para reutilização, além da questão da preservação digital; o nível 3 adiciona verificação independente de análises reportadas ao nível 2.

Quanto à transparência do desenho e análise da pesquisa, padrões para relatar o desenho, tamanho da amostra e a análise da pesquisa contribuem para maximizar a transparência. As diretrizes TOP sugerem que os periódicos forneçam formulários para informar, por exemplo, como o tamanho da amostra foi determinado.

Os *preprints*, por sua vez, são recomendados pelas diretrizes TOP como um meio de tornar a pesquisa mais detectável, mesmo que não seja publicada. Na REBEn, em um primeiro nível, os *preprints* são incentivados; no nível 2, os editores verificam se os *preprints* seguem os padrões e indicam a certificação para atender a esses padrões; o nível 3 exige que todo processo de estudos tenha sido depositado em servidor *preprint*.

Embora não seja formalmente um padrão de transparência para os autores, a seção replicação trata das diretrizes da revista para a consideração de replicações independentes ou compartilhamento de informações suficientes para conduzir uma replicação do estudo. No nível 1 incentiva a submissão de estudos de replicação, nível 2 aplica o nível 1 juntamente à revisão por pares cega, e nível 3 submete os relatórios registrados de replicações à revisão por pares antes de observar os resultados do estudo.

As diretrizes TOP estabelecem também diferentes níveis de possibilidade de adesão às normas: no nível 1, recomenda as mudanças; no nível 2, exige adesão, e no nível 3, condiciona a publicação ao atendimento delas. As revistas que aderirem serão reconhecidas com o TOP Fator – certificação de aderência do periódico à política da Ciência Aberta. A REBEn, destacou Dulce, já exige a publicação dos nomes dos editores, fluxo contínuo de publicação, aceita artigos de *preprint*, aceita referências a artigos depositados em *preprint* (até 1%), fornece *templates* como o Equator e o RYYAN (com orientação para construção ordenada do método), disponibiliza redes sociais e exige uma contribuição explícita dos autores. Até 2021, o objetivo é contemplar permuta de pareceres entre os revisores, avaliação aberta entre autores e pareceristas e publicação dos pareceres identificados junto ao artigo e, a partir de 2022, adotar submissão do artigo com dados do estudo depositados e referendados em repositório e zelar pela preservação digital (via Archivematic-Ibict).

A conferencista enalteceu as parcerias da REBEn com a ABEN Nacional - que conta com um servidor de grande capacidade, SciELO Preprints e SciELO DATA, e exaltou o lançamento, pela ABEC Brasil, Ibict e Unesco, do Emerging Research Information (EmeRI), em que basta a revista ser indexada para ganhar espaço para publicar as submissões recebidas antes da revisão por pares - seus *preprints*.

Se a Ciência Aberta é um movimento sem volta, concluiu, compete aos autores e editores melhorar a ciência, por meio da geração de pesquisas de excelência e de fazer valer os meios garantidores da integridade do processo científico.

Os desafios para a prática da Ciência Aberta por periódicos da área de humanidades

GALLO, Silvio. Os desafios para a prática da ciência aberta por periódicos da área de humanidades. *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Vídeo]**. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2020. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/cursos/. Acesso em: 22 dez. 2020.

Silvio Gallo é livre docente em Filosofia da Educação (2009), doutor (1993) e mestre (1990) em Educação pela Universidade de Campinas (Unicamp), com graduação em Filosofia pela PUC-Campinas (1986). Desde 2007, é bolsista produtividade 1B do CNPq e, atualmente, é professor titular na Faculdade de Educação da Unicamp. Atua como editor-chefe da Revista Pro-Posições e coeditor da Revista Fermentário, coedição da Universidad de la República (Uruguai) e da Faculdade de Educação (FE-Unicamp). É também editor da Editora da FE-Unicamp. Membro de diversas associações científicas do campo da Filosofia da Educação no Brasil e no exterior, foi presidente da Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação (SOFIE, 2014 e 2018) e, atualmente, preside a Sociedade de Filosofia da Educação dos Países de Língua Portuguesa (SOFELP). Atua principalmente nos temas: filosofia francesa contemporânea e educação, ensino de filosofia, filosofia e transversalidade, anarquismo e educação.

Em sua apresentação, Silvio Gallo relatou que a discussão sobre Ciência Aberta chegou até a Pro-Posições por incentivo do SciELO, do qual partiu a solicitação de adequação aos requisitos do novo paradigma. Criada em 1990, a Pro-Posições é uma publicação da FE-Unicamp e ocupa uma posição consolidada como uma das principais publicações na área das Ciências da

Educação. Os artigos são avaliados pelos editores e por pareceristas *ad hoc* - tanto os autores quanto os revisores permanecem anônimos durante todo o processo de avaliação.

Autodeclarado ardoroso defensor da Ciência Aberta, o conferencista revelou que a equipe editorial de seu periódico vem tentando se organizar para cumprir os requisitos solicitados pelo SciELO. Nesse sentido, considera duas premissas básicas: a primeira, conforme a concepção teórica de Bakunin, de que a ciência, enquanto produto do trabalho coletivo intelectual tanto quanto industrial de todas as gerações passadas e a presente, deve ser reivindicada como um bem comum de todos; a segunda, de que estamos perante uma mudança radical da cultura de produção e circulação do conhecimento. O palestrante classifica como total equívoco aquela imagem do cientista como alguém afastado do contexto social, uma espécie de gênio que pensa por si mesmo. E que, portanto, em tese, não há outra forma de fazer, a não ser defender o acesso livre ao conhecimento científico.

Entretanto, Silvio alerta que colocar em prática os preceitos da Ciência Aberta no cotidiano da pesquisa não é tão simples. Sobretudo nas áreas de humanidades, em particular na área da Educação, os esforços de pesquisa vêm passando há décadas por uma transição de um modelo muito centrado na forma de publicação de livros para outro que prioriza os artigos científicos em periódicos, por indução do sistema de avaliação Qualis Capes.

Essa transição, ele verifica, provocou um grande crescimento do número de revistas de Educação, causando por consequência uma demanda imensa de trabalho para os editores e para toda a comunidade científica desta área, sobretudo no processo de avaliação por pares. Daí a dificuldade de conseguir pareceristas gabaritados nas suas respectivas especialidades, que estejam disponíveis e aceitem elaborar seus pareceres.

Para Silvio Gallo, os protocolos da Ciência Aberta agudizam determinados desafios que autores, editores e revisores já vêm enfrentando. Uma preocupação em particular é acompanhar como a implementação dos protocolos da Ciência Aberta vai impactar a relação dos periódicos com os revisores, sem a qual as revistas sequer poderiam existir.

O palestrante elenca três grandes princípios da Ciência Aberta e seus desafios:

O primeiro refere-se à disponibilização dos dados de pesquisa, sobre a qual questiona: quais servidores estarão disponíveis para os cientistas? Isso ao considerar que as universidades públicas já vêm implantando seus

repositórios, caso da Unicamp, a qual sedia a revista Pro-Posições e, de modo geral, atende docentes e pesquisadores. Quando um pesquisador publica em revistas com este perfil, não há dificuldade para o periódico exigir que os dados da pesquisa estejam disponíveis naquele repositório indicado. Entretanto, na medida em que as revistas procuram não ser endógenas, é fato que a maioria dos autores não pertence à instituição sede da revista. Essa questão se resolve se o autor tem um repositório em sua instituição de origem, mas se não tem, pode ser um complicador.

Iniciativas como o SciELO Data, repositório criado para atender aquela biblioteca, são sem dúvida muito importantes, mas há de se pensar também nas revistas que ainda não contam com indexação SciELO – como buscar repositórios disponíveis para publicar os dados abertos? Uma preocupação de muitos editores é que comecem a aparecer repositórios pagos, hipótese que poderia forçar autores a pagar para garantir a publicação dos dados. Um pesquisador poderia publicar em uma revista que não cobra pela publicação, mas talvez tenha este custo indireto de pagar pela publicação dos dados em um repositório pago – o que Silvio Gallo acusa como uma total contradição perante os preceitos da Ciência Aberta.

Outra preocupação referente aos repositórios de dados no campo das ciências humanas é o cruzamento com uma outra prática – a necessidade de que as pesquisas sejam avaliadas por comitês de ética, na medida em que invariavelmente são pesquisas com seres humanos. Como disponibilizar dados – muitas vezes pessoais – dos sujeitos da pesquisa e, ao mesmo tempo, manter seu anonimato? Especificamente na Educação, a maioria dos artigos trata sobre professores ou estudantes, que muitas vezes são crianças. Quando a metodologia envolve entrevistas gravadas em vídeo ou produção fotográfica, como garantir o princípio da não interferência ética dos sujeitos de pesquisa? O debatedor alertou que é importante sabermos dirimir essas questões para poder avançar no âmbito da Ciência Aberta.

O segundo desafio diz respeito à adoção dos *preprints*, que Silvio Gallo considera novamente uma mudança cultural importante, que o faz questionar: deve-se repensar o ineditismo da publicação? Porque, argumenta, se publicado em um servidor de *preprints*, o conteúdo deixa de ser inédito, e de modo geral os periódicos exigem o ineditismo dos artigos. Como transferir esse ineditismo para os *preprints*? Editores apontam como dificuldade adicional

na adoção dos *preprints* o fato de implicar no rompimento do anonimato da avaliação, visto que, ao avaliar um manuscrito já disponibilizado como *preprint*, o parecerista já sabe quem são os autores – uma questão associada à transparência e à abertura no processo de avaliação por pares.

Por fim – terceiro desafio associado aos princípios da Ciência Aberta – o fato de que o movimento da abertura da avaliação por pares representa, também, uma profunda mudança na cultura da publicação científica, a qual tem sido marcada pelo *double blind review*. Como romper com o duplo-cego, já que é a partir deste sistema que é permitido que um parecerista não se comprometa com críticas que venha a fazer a um determinado manuscrito? Saber que a revisão não será cega e que o autor reconhecerá o parecerista talvez dificulte ainda mais encontrar revisores, o que já não tem sido fácil.

Mais desafiador ainda poderá ser os revisores aceitarem ter seus pareceres publicados, questão que implica uma mudança radical nos aspectos éticos na relação entre autores e revisores. Do ponto de vista do conferencista, muito positivo, porém, desafiador, uma verdadeira reinvenção do processo de revisão de artigos científicos.

Apreciação crítica da resenhista

A Ciência Aberta promoverá transparência em todo o processo da pesquisa e da publicação. Para a adoção de novos paradigmas precisamos de disposição para aceitar mudanças, enfrentar os desafios e fazer as implementações necessárias. Neste contexto temos, por um lado, o SciELO que, cumprindo o seu papel, atualizou seus critérios de indexação e manutenção dos periódicos na coleção. Por outro lado, há de se reconhecer as dificuldades e tabus que os periódicos enfrentarão para a adotar - no mais breve período - os pilares da Ciência Aberta e orientar sobre a atualização das instruções aos autores.

Editores científicos entendem e aceitam o movimento da Ciência Aberta como algo que certamente contribuirá para uma ciência de melhor qualidade e alinhada às necessidades da sociedade, agilizando seu progresso. Enquanto alguns grupos entendem que a adoção pode (e deve!) ser gradativa, seguindo as diretrizes TOP, outros discutem os desafios impostos pela Ciência Aberta, como custos gerados para a criação, manutenção e depósito em repositórios de dados, ou sobre a manutenção do ineditismo para os *preprints*. Mas o que vale é que estejamos discutindo o assunto!

Entendo que a adequação dos periódicos é de interesse de todos os atores envolvidos na comunicação científica, porém o caminho ainda demandará alguns anos para a efetiva adoção da Ciência Aberta pelos periódicos no Brasil. Muitas ações ainda devem ser tomadas, desde mais treinamentos para melhorar a compreensão do assunto até a efetiva prática no dia a dia. Um ponto é indiscutível: a Ciência Aberta é um caminho sem volta, pois é inegável que esse movimento beneficia de sobremaneira a comunicação da ciência.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

Alinhando meu periódico com a Ciência Aberta: SciELO

SCIELO. **Critérios, políticas e procedimentos para admissão e a permanência de periódicos científicos na Coleção SciELO Brasil**. 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/avaliacao/Criterios%20SciELO%20Brasil.pdf. Acesso em: 15 maio 2020.

SCIELO. **Guia de boas práticas para o fortalecimento da ética na publicação científica [*on-line*]**. 2018. Disponível em: http://old.scielo.org/local/File/Guia%20de%20Boas%20Praticas%20para%20o%20Fortalecimento%20da%20Etica%20na%20Publicacao%20Cientifica.pdf. Acesso em: 5 nov. 2020.

SCIELO. **Guia para promoção da abertura, transparência e reprodutibilidade das pesquisas publicadas pelos periódicos SciELO [*on-line*]**. 2018. Disponível em: https://wp.scielo.org/wp-content/uploads/Guia_TOP_pt.pdf. Acesso em: 5 nov. 2020.

Política de implantação da Ciência Aberta: Revista Brasileira de Enfermagem REBEn

FIOCRUZ. **O que é Ciência Aberta?** [2019]. Disponível em: http://old.scielo.org/local/File/Guia%20de%20Boas%20Praticas%20para%20o%20Fortalecimento%20da%20Etica%20na%20Publicacao%20Cientifica.pdf. Disponível em: 11 ago. 2020.

IBICT. **Emerging Research Information (EmeRI).** [2020]. Disponível em: https://preprints.ibict.br/.

SCIELO PREPRINTS. **O SciELO Preprints adotará progressivamente a seguinte política editorial**. 2020. Disponível em: https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/about.

Os desafios para a prática da Ciência Aberta por periódicos da área de humanidades

BAKUNIN, Mikhail Aleksandrovitch. **Educação, ciência e revolução**. São Paulo: Intermezzo Editorial, 2016.

RODRIGUES, Horácio Rodrigo Souza; CUNHA, Leonardo Leite; CALLONI, Humberto. A Necessidade da Revolução: a ciência para Bakunin e a complexidade. **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, Foz do Iguaçu, v. 4., n. 1022, nov. 2018.

Apreciação crítica da resenhista

SANTOS, Solange Maria dos; NASSI-CALÒ, Lilian. Gestão editorial: tendências e desafios na transição para a ciência aberta. *In*: SILVEIRA, Lúcia da; SILVA, Fabiano Couto Correia da (org.). **Gestão editorial de periódicos científicos**: tendências e boas práticas. Florianópolis: BU Publicações/UFSC: Edições do Bosque/UFSC, 2020. cap. 1, p. 17-55.

SOBRE A RESENHISTA

Silvia Regina Galleti

Mestre em Biotecnologia pela Universidade de São Paulo (2005), com graduação em Biologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1989), é Pesquisadora Científica V no Instituto Biológico (APTA/SAA). Tem experiência em Microbiologia (Fitovirologia), atuando principalmente na identificação e caracterização ultraestrutural de fitovírus, aspectos citopáticos de plantas infectadas por vírus e imunolocalização de proteína viral. Atualmente, é diretora técnica da Unidade Laboratorial de Referência em Fitossanidade, editora-chefe do periódico Arquivos do Instituto Biológico (AIB) desde 2006, membro do conselho editorial da Pesquisa Agropecuária Brasileira (PAB) desde 2014, editora de área da Ornamental Horticulture (desde 2018), representante de agrárias no Comitê Consultivo do SciELO Brasil (gestão 2019-2021), editora de agrárias no SciELO Preprints (desde 2020), membro do Conselho Deliberativo (gestão 2010-2011), secretária-geral da diretoria (gestão 2012-2013), vice-presidente (gestão 2014-2015) e presidente do Conselho Deliberativo (gestão 2020-2024) da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil).

http://lattes.cnpq.br/1652874165339954
https://orcid.org/0000-0002-0745-5716
silvia.galleti@sp.gov.br

Capítulo 6

O que fazer diante de má conduta: pontos de vista moral e legal

Eli Lopes da Silva

https://doi.org/10.21452/abec.2021.isbn.978-65-993452-1-0.cap6

Esta mesa debateu atitudes a serem tomadas diante da má conduta na comunicação científica. O tema foi abordado sob três vieses: a) a questão do direito autoral, tanto no que tange ao licenciamento Creative Commons quanto às bases dos direitos autorais; b) o plágio, o autoplágio e as consequências; c) a retratação de artigos, as bases de dados sobre retratação e as questões editoriais implícitas.

Creative Commons: direitos autorais em benefício do usuário

PERRONE, Christian. Creative Commons: direitos autorais em benefício do usuário. *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Palestra]**. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2020. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/eventos/meeting_2020/palestras/quarta/christian_perrone.pdf. Acesso em: 14 nov. 2020.

Christian Perrone é jurista, pesquisador bolsista Fulbright de Doutorado na Universidade de Georgetown (EUA) e doutorando em Direito Internacional pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com foco em regulação internacional e tecnologia. Possui LL.M. em Direito Internacional pela Universidade de Cambridge (Reino Unido) e diploma em Direito Internacional

dos Direitos Humanos pelo Instituto Universitário Europeu (EUI, Itália). Versou como Secretário da Comissão Jurídica Interamericana da Organização dos Estados Americanos (OEA) e especialista em Direitos Humanos da Comissão e da Corte Interamericana de Direitos Humanos. Atualmente, seus interesses são sobre políticas públicas em tecnologia e regulação. Além de advogado e consultor de políticas públicas, é pesquisador sênior no Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro (ITS) na área de direitos e tecnologia.

O apresentador centrou sua palestra em três aspectos: os problemas atuais, os pilares do direito autoral e benefício dos usuários – a solução Creative Commons (CC).

Um problema atual que foi apontado, chamado pelo apresentador de o "paradoxo dos memes", traz à tona o seguinte questionamento: será que os memes, em função das alterações, são uma obra nova? Essa questão tem a ver com a cultura do *remix*, importante para a sociedade atual, conforme relatou o palestrante.

E ele pergunta: o que se caracteriza como má conduta, como uso não autorizado de direito autoral? Com esse questionamento, entra no segundo aspecto de sua apresentação, o de que os direitos autorais estão fundados sob três pilares: o pilar da proteção do autor, o pilar do direito da indústria (ou do distribuidor) e o pilar dos usuários que, de alguma forma, fazem parte do processo e do equilíbrio do direito autoral.

Há, como demonstra o palestrante, um desequilíbrio do ponto de vista jurídico entre o que está acontecendo na sociedade atual em termos de produção e os direitos autorais. Isso acontece porque cada vez mais o usuário é também parte integrante da construção de novas obras. Começamos, então, a questionar se as leis atuais estão de acordo com a visão social de *remix* de obras. Quando se pergunta: do que estamos falando? O palestrante responde que a grande questão é que as empresas detentoras de direitos tiram do ar o *remix* de suas obras. Um exemplo é a pessoa utilizar uma obra *pop* para decorar um bar. Outro caso comum é alguma empresa utilizar elementos socioculturais, como danças de uma cultura, para expansão do seu universo, como o caso de um jogo criado com tais danças. Trata-se de uma situação social própria de uma sociedade que faz inovação aberta.

Christian Perrone adverte que não se pode esquecer que os usuários, na cultura de hoje, são produtores a partir dos elementos que encontram. Assim, neste terceiro pilar, o usuário não é mais um ser passivo, aquele que somente lê, mas é cada vez mais parte integrante da formação de novas obras. E, por isso, começamos a questionar o que é de fato má conduta e se as novas formas de atuação deste leitor, que é também produtor, estão de acordo com as leis, ou o contrário, se as leis não estão mais atendendo a esses aspectos.

O palestrante aponta que a nossa lei brasileira de proteção de direitos poderia apresentar mais elementos de exceção para uso, como para usos educativos, por exemplo.

Como solucionar o problema dos direitos da autoria? Para responder a esse questionamento, o palestrante entra na solução Creative Commons, em que o criador define o que pode ou não ser reproduzido e de que forma. Não fez parte de sua apresentação a combinação de licenças possíveis do CC. Assim, o primeiro pilar, o autor, permite que o terceiro pilar, o usuário, possa utilizar a obra, desde que respeite o tipo de licença. Por exemplo: se o autor não permitir o uso comercial, não há problema, desde que o usuário saiba que pode remixar, porém não comercializar.

Direitos autorais, plágio e reciclagem de texto

MELLO, Luciana Christante de. Direitos autorais, plágio e reciclagem de texto. *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Palestra]**. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2020. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/eventos/meeting_2020/palestras/quarta/luciana_christante.pdf. Acesso em: 16 nov. 2020.

Luciana Christante de Mello é mestre em Neurociências e Comportamento pela Universidade de São Paulo (1999) e especialista em Jornalismo Científico pela Universidade Estadual de Campinas (2000). Possui graduação em Farmácia-Bioquímica pela USP. Foi editora-chefe da revista Unesp Ciência, publicação mensal impressa de divulgação científica da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Na Springer Nature desde 2013, é, atualmente, editora de revistas nas áreas de ciências da vida e medicina.

Luciana apresenta dois conceitos principais sobre os quais estão centrados os problemas de direitos autorais: os direitos morais, que são "direitos de natureza pessoal, dão ao autor o direito à autoria e à integridade

de sua obra, e que não podem ser objeto de renúncia ou extinção", e os direitos patrimoniais (*copyright*), que são os "direitos de reprodução de distribuição, geralmente retidos pela editora que publica a obra (através do termo de transferência de direitos autorais), e que pode ser objeto de renúncia e extinção".

A palestrante mostra os modelos de publicação em relação aos direitos autorais: as revistas de assinatura - que possuem os direitos reservados, *copyright* em nome da editora e distribuição dependente de permissão da editora - e as revistas de acesso aberto - que possuem alguns direitos reservados, *copyright* em nome dos autores e distribuição regida pelas licenças Creative Commons: CC BY, CC BY-SA, CC BY-NC, CC BY-ND, CC BY-NC-SA e CC BY NC-ND.

Em seguida, foi abordada a questão do plágio *versus* a violação de *copyright*. Para plágio a palestrante utilizou a definição do US Office of Research Integrity, que o define como a apropriação de ideias, processos, resultados ou palavras de outras pessoas sem dar a elas o devido crédito. Sobre a violação de *copyright,* trata-se da reprodução e distribuição de conteúdo sem a permissão do detentor do direito.

Se, por um lado, afirma a palestrante, o plágio é um problema de ordem ética, a violação de *copyright* é um problema de ordem legal e, visto dessa forma, se o indivíduo violou *copyright* é bom que tenha um advogado. Assim, a prevenção de plágio não elimina a violação de *copyright* e vice-versa.

Sobre o autoplágio, a palestrante prefere chamar de reciclagem de texto, pelo fato que o plágio afeta os direitos morais e o termo autoplágio não faz sentido porque não seria possível um autor ferir os direitos morais de si mesmo. Assim, nesses casos, ao invés da questão pejorativa do plágio, a expressão reciclagem de texto é mais apropriada.

Embora para a maioria dos autores a reciclagem de textos não seja um problema, é preciso prestar atenção ao fato que ela pode, às vezes, ferir os direitos de *copyright*. Há também casos em que diferentes autores produzem uma obra e um deles faça a reciclagem. Apesar de o plágio não ser aceito na comunidade acadêmica, a discussão vigente é que a reciclagem pode ser aceita, dependendo do grupo. Ela cita que o *remix* é muito mais comum em áreas biológicas e exatas que nas áreas de humanas, pois as seções de materiais e métodos, principalmente em algumas áreas, são mais repetidas. Assim, as recomendações que a palestrante faz são:

- tomar decisões com base no caso a caso;
- antes de mais nada, verificar se não há violação de *copyright*;
- incluir citações aos trabalhos prévios; e
- evitar a duplicação de seções inteiras de um artigo.

No final, ela chama a atenção para o Text Recycling Research Project, projeto que trata tanto das questões de reciclagem de texto quanto, principalmente, da flexibilidade adequada, através de parâmetros.

Entendendo a dinâmica de retratações pela perspectiva do Retraction Watch

RIBEIRO, Mariana Dias. Entendendo a dinâmica de retratações pela perspectiva do Retraction Watch. *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Palestra]**. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2020. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/eventos/meeting_2020/palestras/quarta/mariana_ribeiro.pdf. Acesso em: 18 nov. 2020.

Mariana Dias Ribeiro é doutoranda do Laboratório de Ética em Pesquisa, Comunicação Científica e Sociedade do Programa de Educação, Gestão e Difusão em Biociências do Instituto de Bioquímica Médica Leopoldo de Meis da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Ciências pelo mesmo programa e bacharel em Ciências Biológicas Modalidade Médica pelo Instituto de Ciências Biomédicas (UFRJ).

Sua apresentação foi dividida em duas partes: a primeira com o panorama de mecanismos de correção da literatura, com foco em retratações, e a segunda com a apresentação das bases Retraction Watch e Retraction Databases, suas dinâmicas e as questões editoriais.

Ela cita o Council of Science Editors (CSE, 2012) para chamar a atenção que não existe um método único para correção de literatura. Afirma a palestrante que a retratação é a forma mais dura de correção, porque o objetivo é invalidar o que está publicado, devido a algum problema sério que tenha ocorrido com o artigo. Entre os principais motivos de retratação estão: erros honestos, do lado oposto à má conduta e um meio termo são as Práticas Questionáveis em Pesquisa (QRP). Estas últimas são uma espécie de linha cinzenta, pois nem são má conduta nem são erros honestos.

A definição de má conduta apresentada por Mariana foi do Office of Science and Technology Policy (ORI), que aponta a má conduta como sendo uma fabricação, falsificação de dados ou plágio. A palestrante apresentou uma pesquisa de Stavale *et al.* (2019) publicada na PLoS ONE que apontou a maioria das retratações por motivo de plágio.

Na segunda parte da apresentação, a conferencista mostrou o Retraction Watch, um blog que monitora retratações de artigos científicos de todas as áreas. Lançado em agosto de 2010 por Ivan Oransky – do Global MedPage Today – e Adam Marcus – editor do Gastroenterology & Endoscopy News, por ser um blog, permite também discussões e informações adicionais sobre as retratações. Em 2017, o blog evoluiu para a criação da base de dados Retraction Database. Esta não se limita a notificar retratações, mas indexa também erratas e notas de preocupação.

Sobre as questões editoriais em relação à retratação, dois aspectos devem ser observados com mais atenção: o tempo de retratação e as notas de retratação.

Sobre o tempo de retratação, a pesquisa de Fang, Steen, Casadevall (2012) mostrou que o tempo médio de retratação é cerca de um ano. Sobre as notas, o Retraction Watch apontou que há um grande número delas que não dizem claramente o motivo da retratação, o que pode ser um problema, visto que a retratação pode ter sido por erros honestos e deixar a impressão para o leitor sobre má conduta dos autores.

Para resolver este problema, o Retraction Watch lista um conjunto de critérios que as notas de retratação devem apresentar:

- indicar quando o periódico recebeu o primeiro alerta sobre o potencial problema;
- indicar se houve uma investigação institucional e qual o resultado;
- indicar se outras publicações do mesmo grupo serão afetadas;
- incluir apenas declarações sobre replicações mais recentes se estas tiverem sido validadas por terceiros;
- evitar eufemismos;
- indicar quais sanções foram aplicadas pelo periódico; e
- indicar se alguma ação judicial foi efetuada em relação ao caso.

Apreciação crítica do resenhista

A apresentação do Christian Perrone traz à tona uma questão muito atual – as leis de direitos autorais talvez ainda não estejam preparadas para lidar com a (re)produção: o fato que os leitores atuais não são mais seres passivos como eram antes em épocas que não havia acesso a recursos de produção digital como temos hoje. O leitor é também produtor e quer utilizar

os materiais que lê – entendo aqui leitura como textos, áudios e vídeos – para produzir também, muitas vezes por meio de remixagem daquilo que leu.

Acreditamos que o ponto forte da palestra é apontar esse desequilíbrio da produção atual com as questões legais de direitos autorais. O palestrante aponta, em nosso entendimento, dois caminhos: o primeiro seria justamente o ponto de vista legal, pois as políticas públicas de direitos autorais poderiam abrir mais exceções à (re)produção de materiais, pincipalmente quando se tratar de fins educacionais; o segundo, já existente, está na ponta, ou seja, na criação dos materiais, com o uso das licenças Creative Commons (CC). A partir do momento que o autor licencia suas produções com CC, ele permite que na ponta oposta, a do leitor, exista um consentimento explícito da forma como a produção pode ser reutilizada.

A palestra de Luciana Mello trouxe uma questão importante a ser lembrada: que os direitos morais não são passíveis de renúncia, ao passo que os direitos patrimoniais sim. Um aspecto que nos chamou a atenção em seu posicionamento sobre a questão do autoplágio foi o fato de ela ter mostrado que o termo não faz sentido, pois, se o plágio tem a ver com a questão de apropriação de ideias de terceiros, como dizer que o indivíduo se apropriou dele mesmo? Para resolver essa questão, a expressão reciclagem de texto nesses casos é mais apropriada, evitando o termo pejorativo.

Como a palestrante citou na apresentação que o uso de ilustrações de terceiros seja uma prática comum na Academia, pois o redator imagina ser suficiente citar e referenciar, quando isso envolve direitos de *copyright*, uma solicitação deve ser feita à agência detentora dos direitos patrimoniais – geralmente as editoras. Uma forma de se fazer isso, citou a palestrante no debate, é por meio do Copyright Clearance Center (CCC), uma empresa de Danvers, nos Estados Unidos da América, que tem serviços coletivos de licenciamento de direitos autorais.

Destacamos no pronunciamento dela como principal aspecto a declaração que "a prevenção de plágio não elimina a violação de *copyright* e vice-versa". Nesse sentido, nos chama a atenção que direitos morais e patrimoniais precisam ser observados conjuntamente quando se trata de aprovar uma publicação científica para um periódico.

Mariana Ribeiro trouxe inicialmente duas questões que são conhecidas pela comunidade editorial científica, mas importantes de serem relembradas, sobretudo a partir dos órgãos que as definem: a) a má conduta como

fabricação, falsificação de dados ou o plágio pelo ORI, e b) o entendimento do CSE sobre não haver um método único de se fazer correção de literatura.

Por outro lado, tanto o blog Retratction Watch quanto a base de dados Retraction Database talvez não sejam conhecidos do público acadêmico e científico. A base de dados é um importante local de pesquisa para verificação não somente de retratações, como foi mostrado, mas também de erratas e notas de preocupação, que são os outros tipos de correção da literatura.

Os dados estatísticos apresentados por Mariana, que apontam o Brasil como o país onde as retratações são causadas principalmente por plágio, configuram uma situação alarmante. Outro ponto que nos chamou a atenção é o fato de a maioria das retratações não evidenciar ou evidenciar de forma inadequada o motivo da retratação. Acreditamos que o conjunto de critérios de como devem ser as notas de retratação é um importante instrumento para autores, avaliadores, editores e demais membros da comunicação científica.

Se tivéssemos que extrair duas expressões-chave de cada apresentação, diríamos que a primeira trouxe má conduta e direitos autorais; a segunda trouxe direitos morais e direitos patrimoniais; e a terceira, plágio e retratações.

REFERÊNCIAS

COUNCIL OF SCIENCE EDITORS. **White paper on publication ethics**. [2012]. Disponível em: https://www.councilscienceeditors.org/resource-library/editorial-policies/white-paper-on-publication-ethics/. Acesso em: 13 dez. 2020.

FANG, Ferric C.; STEEN, R. Grant; CASADEVALL, Arturo. Misconduct accounts for the majority of retracted scientific publications. **PNAS**, [*s. l.*], v. 42, n. 109, p. 17028-17033, Oct. 2012.

STAVALE, Rafaelly *et al*. Research misconduct in health and life sciences research: a systematic review of retracted literature from Brazilian institutions. **PLoS ONE**, [*s. l.*], p. 1-16, Apr. 2019.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

Creative Commons: direitos autorais em benefício do usuário

CREATIVE COMMONS BRASIL. **Sobre as licenças**. [2020]. Disponível em: https://br.creativecommons.org/licencas/. Acesso em: 13 dez. 2020.

HARRIS, Elizabeth. **Fortnite makers sued for 'stealing floss dance' from Backpack Kid**. 2019. Disponível em: https://www.independent.co.uk/news/world/americas/fortnite-floss-dance-epic-games-carlton-backpack-kid-russell-horning-lawsuit-a8736061.html. Acesso em: 13 dez. 2020.

Direitos autorais, plágio e reciclagem de texto

DUKE UNIVERSITY. **Text Recycling Research Project**. [2020]. Disponível em: https://textrecycling.org/. Acesso em: 13 dez. 2020.

Entendendo a dinâmica de retratações pela perspectiva do Retraction Watch

RIBEIRO, Mariana Dias; VASCONCELOS, Sonia Maria Ramos de. Retractions covered by Retraction Watch in the 2013-2015 period: prevalence for the most productive countries. **Scientometrics,** [*s. l.*], n. 114, p. 719-734, 2010.

RETRACTION DATABASE. **The Retraction Watch Database.** [2020]. Disponível em: http://retractiondatabase.org/. Acesso em: 13 dez. 2020.

THE OFFICE OF RESEARCH INTEGRITY. **Definition of research misconduct**. [2020]. Disponível em: https://ori.hhs.gov/definition-misconduct. Acesso em: 13 dez. 2020.

SOBRE O RESENHISTA
Eli Lopes da Silva

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestre em Educação e bacharel em Ciências da Computação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), é membro do Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil), editor da revista NAVUS (navus.sc.senac.br), professor do Centro Universitário São José (USJ), avaliador *ad hoc* de cursos superiores pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira do Ministério da Educação (Inep/MEC), avaliador de tecnologia educacional na plataforma evidências (MEC) e consultor *ad hoc* da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapesc).

http://lattes.cnpq.br/3649541584255911
https://orcid.org/0000-0002-2950-8938
elilsilva@globo.com

Capítulo 7

Plágio: o quê, como, quando

Sigmar de Mello Rode

https://doi.org/10.21452/abec.2021.isbn.978-65-993452-1-0.cap7

No que concerne às boas práticas na publicação científica, o editor, assim como o corpo editorial, desempenham um papel fundamental para garantir a qualidade e a integridade na promoção da ciência. A fabricação, falsificação ou cópia de dados e imagens configuram má conduta grave e o processo de avaliação e verificação deve ser criterioso e contemplar todas as possibilidades para verificar se houve, ou não, má conduta. Tais critérios devem, sobretudo, estar claramente descritos na política editorial e nas instruções aos autores do periódico.

A cópia parcial ou total de um texto, ou mesmo uma ideia não autorizada ou não referenciada, caracteriza plágio. Talvez este seja um dos principais problemas encontrados nas publicações científicas. Cada vez mais se evidenciam relatos e punições às más condutas em pesquisa, que podem ir desde uma advertência, retratação do texto ou até mesmo demissões e punição pecuniária.

Constantemente são criadas ferramentas para identificar o plágio; entretanto, elas identificam somente similaridades, dependendo assim de uma interpretação atenta de revisores e editores.

Nesse contexto, a mesa-redonda sobre o assunto trouxe informações e reflexões relevantes para os editores de periódicos científicos: 1) haveria

um número percentual "mágico" capaz de indicar se determinado texto pudesse acusar plágio?; 2) de que maneira a retratação e sua transparência podem refletir na prática de plágio?, e 3) em que medida o programa Similarity Check envolve a interpretação do editor?

Sistemas de detecção de similaridade: qual é o número mágico?

KROKOSCZ, Marcelo. Sistemas de detecção de similaridade: qual é o número mágico? *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Palestra]**. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2020. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/eventos/meeting_2020/palestras/quarta/marcelo_krokoscz.pdf. Acesso em 25 nov. 2020.

Marcelo Krokoscz é pós-doutorando em Ciência da Informação (USP), doutor e mestre em Educação (USP), licenciado em Filosofia (Unifai) e Pedagogia (Uniban) e bacharel em Teologia (Assunção). Professor do Centro Universitário da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (Fecap), é o criador e editor do *website* www.plagio.net.br.

Diretor do Colégio Fecap, escola de ensino médio, técnico e bilíngue, é autor dos livros Autoria e Plágio: Um Guia para Estudantes, Professores, Pesquisadores e Editores e Outras Palavras sobre Autoria e Plágio, ambos publicados pela editora Atlas.

Marcelo avaliou e comparou o funcionamento de programas de detecção de similaridade, os relatórios gerados e os aspectos importantes para a análise dos resultados. Mencionou que submeteu a nova edição do seu livro ao detector e surpreendeu-se com o resultado: 45% de similaridade! Porém, ao observar o relatório, verificou que o *software* identificou, de modo incorreto, falsas similaridades. Neste caso específico de seu livro constatou, por ter o texto original na primeira edição, uma alta indicação de similaridade. Este exemplo reforça uma questão fundamental, de que similaridade pode não ser plágio! E isso significa que é sempre necessário interpretar o relatório emitido pelo *software*!

Efetivamente quanto ao "número mágico esperado", a World Association of Science and Communication (WASC) define que plágio é especificamente quando seis palavras consecutivas são copiadas, ou sete a onze palavras são sobrepostas de trinta letras. Já o Croatian Medical Journal considera plágio se mais do que 10% de similaridade for verificada, enquanto outros periódicos consideram 25 ou 30%. Para os casos de autoplágio (ou

remix ou redundância), entre 20 a 30% do novo manuscrito, a depender do caso e se previsto nas diretrizes editoriais ou institucionais.

Além do "número mágico esperado", Krokoscz salientou que há também um "número mágico observado" nas publicações científicas: 84% dos pesquisadores testemunharam problemas éticos em pesquisa, e o plágio é o terceiro que mais aparece; 44% dos motivos de retratação se devem à má conduta científica, sendo o plágio e o autoplágio os motivos mais frequentes; e entre 3% e 60% é a variação observada de autoplágio.

Em 2014, durante evento da ABEC Brasil, Marcelo apresentou os resultados do levantamento Plagiarism in Articles Published in Journals Indexed in the Scientific Periodicals Electronic Library (SPELL), realizado em 2013, considerando 47 artigos publicados em uma base de dados de 47 periódicos. Submetidos ao iThenticate (sistema de identificação de plágio da Turnitin), constatou-se que 31 artigos (65,9%) tiveram similaridades verificadas. Nas diretrizes para autores, naquele ano nenhum periódico mencionava o uso de *softwares* de detecção de similaridades.

O mesmo levantamento foi realizado novamente em 2018, com 118 artigos publicados em uma base de 122 periódicos, chegando ao resultado de que 52 artigos (44%) tiveram similaridades verificadas – uma redução de 21,9% do índice de ocorrência de plágio e autoplágio entre 2013 e 2018! Além disso, nas diretrizes para autores, em 2018 a maioria dos periódicos já indicava a adoção do uso de programas de detecção de similaridade, e 58% deles passaram a mencionar a palavra "plágio".

Krokoscz repercutiu também sobre aquilo que denominou de 5 *fake news* a respeito dos *softwares* de detecção de similaridade: a primeira delas, de que os relatórios gerados por eles seriam "relatórios de plágio" – não são, por isso precisam de uma atenção do editor; a segunda, de que o "percentual de similaridade" determina a extensão do plágio – não, quem vai determinar são as diretrizes do periódico ou da instituição; a terceira, de que existe um "número mágico" aceitável de texto copiado – não existe, este valor há de ser pactuado entre o periódico e seu público; a quarta que os *softwares* de detecção de similaridade seriam "bafômetros de plagiadores" – ao contrário, alguns programas já se colocam mais como ferramentas educativas do que policialescas; por fim, é *fake* que os detectores sejam todos iguais – vale a metodologia de análise (ou categorias de diferenciação) do algoritmo embarcado em cada um deles.

O palestrante alertou para uma nova forma de plágio, que afeta métricas, aquela em que os autores falsificam os nomes dos colaboradores, conforme Biagioli em artigo na Trends in Chemistry. Uma hipótese é que por não ser cientista reconhecido e considerar mínimas as chances do trabalho ser aprovado, um autor tente melhorar suas chances fraudulentamente, listando como coautores pesquisadores reais com afiliações institucionais confiáveis, entretanto sem comunicar a participação, com o objetivo de conseguir credibilidade.

Há de se observar também, adverte o conferencista, máximo cuidado com algoritmos que cada vez mais demonstram capacidade de escrever textos inteiros, de variados gêneros, a partir de um acervo/repertório de publicações, que podem induzir a pensar em "uma nova forma" de escrita original. Porém, na realidade, trata-se de uma nova modalidade de plágio que não permite a detecção a partir dos *softwares* de similaridade.

Ao concluir, Marcelo apresentou 5 aspectos que a comunidade científica vem aprendendo: o primeiro, que as tecnologias são certamente muito úteis, mas não são a panaceia, já que a fraude autoral é muito complexa; o segundo, que "números mágicos" para o plágio são relativos – vai depender de qual seja a pactuação ética entre o periódico, autores, revisores, editores e o público; terceiro, plágio é fraude autoral e vai além do copiar e colar – então é sempre pertinente a discussão sobre "quem é o autor", para prevenir práticas predatórias, por exemplo dos "clubes de citações"; quarto, a revolução digital influencia nos manuscritos – especificamente fez reconhecer a importância do olhar atento ao problema do plágio; quinto aspecto, a quarta Revolução Industrial (a dos algoritmos) tende a aumentar a exigência da qualidade do texto científico do ponto de vista do conteúdo (produzir conhecimento de impacto) e também da maneira como o texto é apresentado.

Editores, deste modo, devem levar em conta que a publicação científica é um negócio e, por isso, deve contemplar *compliance* – termo originário do inglês *to comply*, que significa agir de acordo com uma regra, uma instrução interna, um comando ou um pedido, bem como evitar, detectar e tratar quaisquer desvios ou inconformidades que possam ocorrer. Tudo devidamente explicitado nas diretrizes do periódico.

Transparência nas notas de retratação: dimensão do plágio

PENIDO, Carmen. Transparência nas notas de retratação: dimensão do plágio. *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Palestra]**. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2020. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/eventos/meeting_2020/palestras/quarta/carmen_penido.pdf. Acesso em: 25 nov. 2020.

Carmen Penido é doutora em Biologia Celular e Molecular pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz), *visiting fellow* em Harvard Medical School (Boston, EUA), com doutorado sanduíche (CNPq) no National Heart and Lung Institute, Imperial College (Londres, Inglaterra) e pós-doutorado no Instituto Gulbenkian de Ciências (Lisboa, Portugal). Especialista em Saúde Pública do Centro de Desenvolvimento Tecnológico em Saúde (CDTS) da Fiocruz, é docente permanente dos Programas de Pós-Graduação em Biologia Celular e Molecular (IOC) em Pesquisa Translacional em Fármacos e Medicamentos (Farmanguinhos). Atua também na área de ética e integridade em pesquisa como membro da comissão organizadora do Encontro Brasileiro de Integridade em Pesquisa, Ciência e Ética na Publicação (BRISPE).

Ao abordar o tema da transparência nas notas de retratação e sobre como elas se associam à dimensão do plágio, Carmen observou que a própria confiabilidade da literatura científica se sustenta na promoção da integridade na pesquisa. Confiança é, portanto, fundamental para a comunicação científica, na qual os autores relatam com precisão seus métodos e achados e divulgam todos os potenciais conflitos de interesse.

Para garantir a efetiva integridade durante todo o processo de pesquisa, os autores contam com um conjunto de regras, regulamentos, diretrizes ou normas que podem orientar sobre como contribuir para a prevenção do erro, utilizando métodos honestos e verificáveis.

Conforme o Committee on Publication Ethics (COPE), editores devem atuar preventivamente ao erro e à má conduta, já que podem comprometer a integridade em diversas hipóteses, entre elas plágio, duplicação (autoplágio), manipulação de imagem, falsificação de dados, erros, conflitos de autoria, falta de reprodutibilidade, manipulação na revisão por pares e práticas antiéticas envolvendo animais e seres humanos.

Quando necessária, a correção da literatura pode ser feita também a partir de uma diversidade de formas, desde uma errata (ou corrigenda ou correção) ou uma expressão de preocupação até uma retratação - que

pode ser total (vai anular toda a confiabilidade de um artigo) ou parcial (retira parte da confiabilidade).

O COPE recomenda que editores devem considerar a retratação de uma publicação quando se constatar evidência clara de que os resultados não são confiáveis (como erro de cálculo ou experimental), ou em casos de fabricação de dados, falsificação (por exemplo, manipulação de imagem), e também na hipóstese de as descobertas terem sido publicadas anteriormente, sem a devida referência ou sem permissão para republicar.

Além dessas situações, uma publicação pode ser retratada quando direitos autorais tenham sido violados ou ocorra algum outro problema legal (por exemplo, difamação), ou se o(s) autor(es) não divulgar(em) algum possível conflito de interesse que, na opinião do editor, tenha afetado indevidamente as interpretações do trabalho.

Muitos cientistas - e principalmente o público leigo - tendem a presumir que uma retratação significa que um pesquisador cometeu má conduta. Os dados do Retraction Watch concluíram que quase 40% dos autos de retratação não mencionaram fraude ou outros tipos de má conduta. Um estudo sobre avisos de retratação por meio das palavras-chave como “retratado”, “retraído”, “retirado”, “removido” e “retificado”, em duas grandes bases de dados de indexação, SciELO e LILACS, entre junho e dezembro de 2014, identificou 31 avisos de retratação, e o termo “plágio” em seis deste grupo.

Carmen ressaltou que um esforço concentrado para reduzir o estigma associado às retratações pode permitir que os editores tomem decisões melhores. Em termos práticos, deixar bem claro que uma retratação na literatura não é necessariamente má conduta de pesquisa, mas deve servir ao propósito de corrigir o registro publicado.

A palestrante lembrou do episódio recente envolvendo The Lancet, que publicou, em maio de 2020, um estudo realizado com a controversa hidroxicloroquina no tratamento da covid-19, já que os números divulgados no estudo não eram compatíveis com os dados oficiais. A revista então retratou o artigo e poucos meses depois atualizou sua política editorial, visando diminuir os riscos de má conduta: os formulários de declaração assinados pelos pesquisadores passaram a requerer que mais de um autor tenha acessado e verificado os dados contidos no manuscrito e, no processo de revisão por pares, os editores tenham de garantir que pelo menos um dos revisores conheça detalhes do banco de dados, sendo capaz de compreender e comentar a respeito da força ou da limitação dos dados.

Carmen defendeu que é necessário inovar as práticas de periódicos, já que o atual modelo oferece poucos incentivos para que autores e editores modifiquem e retratem artigos quando erros forem cometidos. Na visão da palestrante, o problema poderia ser resolvido de forma eficaz com a adoção de uma taxonomia de retratação reorganizada e ampliada, alinhada com uma demanda crescente por informações rápidas, transparentes e justas.

Retratações nunca são fáceis. Entretanto, é importante reiterar que sua finalidade é a correção da literatura científica e que, embora os pesquisadores com artigos retratados possam carregar uma mancha permanente em seus registros de publicação, compreender as causas e os iniciadores de tais retratações pode lançar uma luz diferente sobre o assunto.

Quando uma retratação se deve a uma má conduta grave, ações adicionais apropriadas contra os infratores devem ser tomadas por seus empregadores, como instituições acadêmicas ou empresas farmacêuticas. Em contraste, uma retratação devido a um erro honesto na forma de um erro de cálculo ou classificação incorreta pode ser seguida pela republicação de um artigo corrigido.

Erica Boxheimer, analista de integridade de dados da EMBO Press, afirmou que a transparência nas notas de retratação é importante para compreender a natureza do problema. E conforme Sonia Vasconcelos, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o detalhamento nas notas de retratação pode refletir a crescente atenção da academia e agências de financiamento brasileiras ao plágio e autoplágio.

Carmen Penido afirmou sua expectativa de que mudanças estejam por vir, com o aumento dessa discussão, no sentido de um consenso de que as notas de retratação são cruciais para informar sobre como a ciência está sendo conduzida nacional e internacionalmente e como os mecanismos de correção da literatura estão trazendo mais transparência aos processos de pesquisa, mediante a divulgação de dados reais para a comunidade científica e para a opinião pública em geral.

Similarity Check: interpretação do editor

MONTERO, Edna Frasson de Souza. Similarity Check: interpretação do editor. *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Palestra]**. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2020. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/eventos/meeting_2020/palestras/quarta/edna_frasson.pdf. Acesso em: 25 nov. 2020.

Edna Frasson de Souza Montero é livre-docente (2007) e doutora (1996) em Técnicas Operatórias e Cirurgia Experimental pela Escola Paulista de Medicina - Universidade Federal de São Paulo (EPM - Unifesp). Graduada em Medicina pela Universidade Federal do Espírito Santo (1983), fez residência em Cirurgia Geral no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP) (1984-1987) e estágio na Unidade de Fígado-USP (1987-1991). Atualmente, é docente na disciplina de Cirurgia Geral e do Trauma da Faculdade de Medicina da USP e Médica na disciplina de Gastroenterologia Cirúrgica da EPM - Unifesp.

Na ABEC Brasil participou como membro do Conselho Deliberativo e, atualmente, como segunda-tesoureira da diretoria. É editora-chefe da revista Acta Cirúrgica Brasileira desde fevereiro de 2015 e pertence ao corpo editorial da Revista da Associação Médica Brasileira e do Jornal Brasileiro de Transplante.

Ao abordar sobre em qual medida o sistema Similarity Check envolve a interpretação do editor, Edna relatou o exemplo da Acta Cirúrgica Brasileira.

O plágio, reiterou, é um tema rico e inesgotável. Todos os seres humanos são de fato naturalmente imitadores - aprendemos e nos adaptamos principalmente observando, replicando e copiando os outros, pegando emprestadas ideias de diferentes períodos de tempo em busca de inspiração. Copiar é uma força motriz da inovação! No entanto, quando deliberada, a imitação pode ser uma forma de plágio.

Em termos de tecnologia na produção e na avaliação de trabalhos acadêmicos citou, como exemplo, o fato de que o Microsoft Editor traz agora integrada ao Word do Microsoft 365 EDU A3 e A5 também uma ferramenta capaz de checar plágios em trechos de um texto, em versões de teste antecipado.

No âmbito das revisões por pares, mencionou a recomendação do COPE no sentido de que revisores avaliem somente artigos que sejam de sua área e não permitam qualquer influência na revisão, em relação à nacionalidade, religião, posições políticas e gênero do autor do artigo.

Quanto ao tema específico da tecnologia na produção e na avaliação de trabalhos acadêmicos, a iParadigms – fundada em 1996 por um grupo de pesquisadores da UC Berkeley – oferece quatro produtos que compartilham a mesma tecnologia e base de dados: o WriteCheck para estudantes, o Turnitin para instituições educacionais, o Similarity Check (anteriormente

conhecido como CrossCheck) para editores, autores ou instituições, este último por meio da poderosa ferramenta de comparação de texto que é o iThenticate – recurso de verificação de similaridade perante um banco de dados de milhões de outros artigos acadêmicos, livros, artigos de conferências, dissertações, outros conteúdos acadêmicos publicados em bilhões de páginas da web, para garantia de originalidade do material.

Enquanto o Turnitin foca educação, incentivando a perseverança, a aprender a diferença entre copiar, parafrasear ou referenciar, o iThenticate é destinado ao uso por editores na forma da publicação científica, com a ideia de identificar índice de similaridade, embora não seja capaz de informar sobre má conduta ou não. Este ponto, especificamente, é que vai depender da interpretação do editor.

O relatório completo de similaridade do botão 'todas as fontes' oferece uma visão geral de correspondências do texto em análise, ao fornecer detalhamento das semelhanças encontradas, ordenadas da maior para a menor similaridade e codificada em cores para facilitar localização no documento. Por meio de filtros e configurações, permite definir parâmetros para eliminar coincidências insignificantes, como citações, bibliografia etc.

O Similarity Check, por sua vez, possui um eficiente processo de comparação de documentos que permite fornecer relatórios de originalidade em alguns segundos, comparando a internet, o repositório de dados Turnitin e instituições parceiras. O *software* contempla os principais editores de conteúdos, bases de dados bibliográficas e coleções de referência digital, dentre eles o Crossref, o que representa conteúdos de mais de 1 bilhão de páginas *web*, 57 milhões de itens de membros do Crossref e outros 105 milhões de parceiros.

O iThenticate verifica um texto no banco de dados e, se ocorrer similaridade, ele será sinalizado para revisão. O sistema flexível e os relatórios abrangentes do iThenticate oferecem tranquilidade em cenários de alto risco, como preparação e envio de propostas de financiamento, preparação de uma tese ou dissertação ou publicação de um artigo de pesquisa.

O texto pode ser visualizado à esquerda da tela, com as ocorrências de similaridade destacadas. As fontes são listadas à direita da tela, codificadas por cores e listadas da porcentagem mais alta para a mais baixa de palavras correspondentes. Apenas as correspondências principais são mostradas, enquanto as correspondências subjacentes ficam visíveis no

modo rastreamento de conteúdo (*content tracking*). Esta opção lista todas as correspondências e especifica de onde foram retiradas e quando. O modo relatório resumido (*summary report*) oferece uma lista das correspondências encontradas. Ele mostra as fontes primeiro, com o texto do documento abaixo. Já o modo relatório PDF é muito interessante para encaminhar junto ao resultado das revisões por pares.

Apreciação crítica do resenhista

As bases fundamentais do processo editorial são transparência e integridade. Seguir esses princípios permite a credibilidade da ciência. Porém, embora pareçam simples, são difíceis de serem atingidos. Por isso a promoção de boas práticas de pesquisa tem sido preocupação das instituições de ensino, pesquisa e de fomento, as quais têm divulgado diretrizes com a finalidade de prevenir a ocorrência, punir casos de má conduta e fortalecer a integridade científica.

A má conduta científica é uma realidade que se manifesta, entre outros, por meio da fabricação de dados, falsificação de resultados e pela duplicação das informações que, se não forem referenciadas, podem caracterizar plágio acadêmico - pesadelo maior de todos aqueles envolvidos no processo de editoração científica.

Triste realidade nas instituições de ensino e de pesquisa, a má conduta também se revela presente nas publicações científicas. Entretanto, mesmo tratando-se de uma prática reprovável, pode, muitas vezes, ser cometida por desconhecimento ou negligência. A prevenção se faz por meio do desenvolvimento de algumas competências informacionais, por publicações e por comunicações como esta mesa brilhantemente demonstrou.

Marcelo discutiu as dimensões do plágio e a interpretação de programas de detecção de similaridades, e alertou sobre o risco de utilizar *softwares* gratuitos. Por uma questão da segurança da informação, recomendou não fazer *upload* de um artigo inédito em um servidor desconhecido ou duvidoso.

Carmen discutiu como prevenir e corrigir má condutas em publicações, por meio de retratações, fazendo uma avaliação do estado da arte no Brasil e no mundo. A respeito de sua apresentação, cabe registrar que a ABEC Brasil suporta Encontro Brasileiro de Integridade em Pesquisa, Ciência e Ética na Publicação (BRISPE).

Edna apresentou um passo a passo de uso do *software* Similarity Check, não deixando dúvida sobre sua utilização. E ressaltou a importância da utilização dos *softwares* de detecção de similaridade e da divulgação dos procedimentos adotados na política editorial do periódico.

A relação entre ciência e produção científica é evidente, sendo a última produto da primeira; a ciência é feita através da realização de estudos éticos e depois disseminada pela publicação de artigos técnico-científcos. Para tanto, a honestidade é fundamental para os autores, e hoje não se pode mais alegar ignorância. Vale o dito popular: "confiança é como papel: uma vez amassado, nunca mais volta a ser perfeito como antes".

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

Sistemas de detecção de similaridade: qual é o número mágico?

FOLTÝNEK, Tomás; MEUSCHKE, Norman; GIPP, Bela. Academic Plagiarism Detection: A Systematic Literature Review. **ACM Computing Surveys**., [*s. l.*], v. 52, n. 6, 2019.

KOOCHER, Gerald Paul; KEITH-SPIEGEL, Patricia. Peers nip misconduct in the bud. **Nature**, [*s. l.*], v. 466, n. 7305, p. 438–440, July 2010. Disponível em: http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20651674. Acesso em: 25 out. 2019.

KROKOSCZ, Marcelo. Plagiarism in Articles Published in Journals Indexed in the Scientific Periodicals Electronic Library (SPELL): a comparative study between 2013 and 2018. **International Journal for Educational Integrity**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 2-22, 2021.

MASIC, Izet. Plagiarism in the scientific publishing. **Academic Search Complete**, [*s. l.*], n. 4, p. 208-213, 2012.

ROIG, Miguel. **Avoiding plagiarism, self-plagiarism, and other questionable writing practices**: a guide to ethical writing. 2011. Disponível em: http://ori.hhs.gov/plagiarism-15. Acesso em: 23 set. 2020.

Transparência nas notas de retratação: dimensão do plágio

ALMEIDA, Renan Moritz Varnier Rodrigues de *et al*. Plagiarism Allegations Account for Most Retractions in Major Latin American: Caribbean Databases. **Science and Engineering Ethics**, [*s. l.*], v. 22, n. 5, p. 1447–1456, Oct. 2016.

WAGER, Elizabeth e*t al*. Retractions: Guidance from the Committee on Publication Ethics. **Croatian Medical Journal**, [*s. l.*], v. 50, n. 6, p. 532–535, Dec. 2009. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2802086/. Acesso em: 23 set. 2020.

FANELLI, Daniele; IOANNIDIS, John P. A.; GOODMAN, Steven. Improving the integrity of published science: An expanded taxonomy of retractions and corrections. **European Journal of Clinical Investigation**, [*s. l.*], v. 48, n. 12891, 2018. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/eci.12898. Acesso em: 23 set. 2020.

QUAN-HOANG, Vuong. The limitations of retraction notices and the heroic acts of authors who correct the scholarly record: An analysis of retractions of papers published from 1975 to 2019. **Learned Publishing**, [*s. l.*], v. 33, n. 2, p. 119-130, Dec. 2019.

VAN NOORDEN, Richard. Science publishing: The trouble with retractions. **Nature**, [*s. l.*], v. 478, n. 7367, p. 26–28, 2011.

Similarity Check: interpretação do editor

ABOUT iThenticate plagiarism detection software. [2020]. Disponível em: http://www.ithenticate.com/about. Acesso em: 28 set. 2015.

BAILEY, Jonathan. What does citation have to do with plagiarism? Is it really plagiarism if I don't cite correctly? **Blog Plagiarism Org.**, 25 Sept. 2017. Disponível em: https://www.plagiarism.org/blog/2017/09/25/what-does-citation-have-to-do-with-plagiarism. Acesso em: 23 set. 2020.

DIRETRIZES do CSE para promover integridade em publicações de periódicos científicos: atualização de 2012. Tradução de Ana Maria Tomasevicius. São Paulo: ABEC Brasil, 2017. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/arquivos/whitepaper_CSE.pdf. Acesso em: 23 set. 2020.

ITHENTICATE introduces new plagiarism detection service for individual authors and researchers. 2011. Disponível em: https://www.ithenticate.com/press/new-plagiarism-detection-service-authors-researchers. Acesso em: 23 set. 2020.

Apreciação crítica do resenhista

BONAN, Carla *et al.* Proceedings from the V Brazilian Meeting on Research Integrity, Science and Publication Ethics (V BRISPE). **Research Integrity and Peer Review**, Porto Alegre, v. 5, n. 4, 2020.

MOHER, David. *et al.* The Hong Kong Principles for assessing researchers: Fostering research integrity. **PLoS Biology**., [*s. l.*], v. 18, n. 7, p. e3000737, 16 July 2020.

RODE, Sigma de Mello; GALETTI-QUEIROZ, Silvia Regina. Ethical publication providing social benefit: challenges of editors and the ABEC Brasil. **Brazilian Oral Research**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 89-90, 2013.

SOBRE O RESENHISTA

Sigmar de Mello Rode

Livre-docente (1997) e doutor (1992) em Dentística pela Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo (USP), é mestre em Clínicas Odontológicas (Prótese Completa - 1987). Graduado pela Faculdade de Odontologia da USP (1977), é professor titular da Faculdade de Odontologia da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), em São José dos Campos e da Universidade de Taubaté. Editor científico da Brazilian Oral Research (2006-2014), é atualmente editor de área da Clinics e editor-associado da Revista de Odontologia da Unesp. Foi presidente da Região Latino-Americana da International Association for Dental Research (IADR) e da Sociedade Brasileira de Pesquisa Odontológica (SBPqO). É presidente da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil) e membro do Comitê Consultivo do SciELO Brasil e da LILACS.

http://lattes.cnpq.br/3422118958429909
https://orcid.org/0000-0002-4261-4217
sigmar.rode@unesp.br

Capítulo 8

Como o modelo econômico afeta o meu periódico

Lia Machado Fiuza Fialho

https://doi.org/10.21452/abec.2021.isbn.978-65-993452-1-0.cap8

Ao considerar que o modelo econômico interfere enfaticamente na política editorial das revistas científicas, o *ABEC Meeting Live 2020* propôs esta seção de debate, que buscou salientar as distintas maneiras de os editores conseguirem recursos para financiar os periódicos sob sua responsabilidade, por intermédio das conferências de Adriana Tonini, André Appel e Antônio José Silva Neto, que tratam respectivamente: do Programa Editorial e Ciência Aberta no CNPq; das condicionantes econômicas da publicação em acesso aberto; e das decisões difíceis que requerem mudar o modelo editorial para assegurar a sobrevivência do periódico.

Ao abordar questões financeiras, éticas e organizacionais, no tocante ao financiamento de periódicos científicos, foi possível colaborar com a tomada de decisões editoriais no que se refere às estratégias de financiamento das publicações sob sua responsabilidade, especialmente em tempos em que os recursos públicos destinados para esse fim sofreram drástico corte orçamentário pelo governo federal. De maneira sucinta, nos subtópicos deste capítulo, explicitaram-se os principais conhecimentos socializados pelos palestrantes convidados em cada uma de suas apresentações orais.

Programa Editorial e Ciência Aberta no CNPq

TONINI, Adriana Maria. Programa Editorial e Ciência Aberta no CNPq. *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Palestra]**. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2020. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/eventos/meeting_2020/palestras/quinta/adriana_tonini.pdf. Acesso em 20. nov. 2020.

Adriana Tonini possui duas graduações, sendo a primeira em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Minas Gerais e a segunda em Licenciatura Plena pela Fundação de Educação para o Trabalho de Minas Gerais. Cursou mestrado em Tecnologia no campo de Modelos Matemáticos e Computacionais pelo Centro Federal e Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) e doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente, é professora associada da Universidade Federal de Ouro Preto, lotada no Centro de Educação Aberta e à Distância do Departamento de Educação e Tecnologias (DEETE), atuando como docente do Mestrado em Educação Tecnológica do CEFET-MG. No campo editorial, possui experiência com a editoria da Revista de Ensino de Engenharia da ABENGE - Associação Brasileira de Educação em Engenharia, além de ser a diretora de Engenharias, Ciências Exatas, Humanas e Sociais do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), avaliadora institucional Externa do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), para o ato autorizativo de credenciamento do BASis/Inep/MEC (Sistema Nacional) e vice-presidente da Sociedade Mineira de Engenheiros (SME).

Para falar sobre o Programa Editorial e Ciência Aberta do CNPq, Adriana Tonini buscou primeiramente clarificar a missão do Conselho, que objetiva fomentar a ciência, a tecnologia e a inovação e atuar na formulação de suas políticas, contribuindo para o avanço das fronteiras do conhecimento, o desenvolvimento sustentável e a soberania nacional. Para alcançar essa missão, o CNPq adota uma visão centrada na busca por tornar-se uma instituição de reconhecida excelência na promoção da ciência, da tecnologia e da inovação como elementos centrais do pleno desenvolvimento da nação brasileira.

No que concerne especificamente ao Programa Editorial do CNPq, Tonini deixou claro que seu escopo consiste em apoiar e incentivar a editoração e a publicação de periódicos científicos brasileiros em todas as áreas de conhecimento, no entanto, com prioridade de apoio às revistas

divulgadas por meio eletrônico, na internet. Explicou que desde 2006 há uma parceria entre a Capes e o CNPq para angariar recursos a serem investidos no financiamento de revistas científicas; porém, nunca foi possível atender a todas as solicitações, especialmente em 2019, porque não foi disponibilizado nenhum recurso da Capes e o CNPq cedeu apenas um milhão de reais para esse fim.

Considerando que o montante investido era de seis milhões entre 2010-2015, o corte orçamentário prejudicou muito o financiamento editorial das revistas científicas brasileiras, de tal maneira que restou apenas 1 milhão em 2019. Ante este cenário, foram contemplados apenas 51 periódicos nessa chamada, dentre os 180 periódicos que foram recomendados, em meio aos 222 que solicitaram financiamento.

Em seguida às questões sobre financiamento, Tonini deteve-se a destacar as atividades em prol da Ciência Aberta realizadas pelo CNPq, salientando que, em 2005, o Conselho Deliberativo do CNPq manifestou seu apoio para a publicação em acesso aberto e realizou importantes ações nesse sentido, tais como: apoiar bibliotecas eletrônicas, realizar acordos institucionais de integração da Plataforma Lattes com o SciELO, Scopus, entre outros; incluir critério de acesso aberto nas chamadas do Programa Editorial; incentivar repositório de publicações científicas, tecnológicas e de inovação; e implementar um Repositório de Dados Científicos, o Lattes Data.

Tonini explicou que houve uma intensa parceria entre o Governo Aberto e a Ciência Aberta, momento em que enfatizou, dentro do quarto plano de ação, o Compromisso 3, que consiste em estabelecer mecanismos de governança de dados científicos para o avanço da Ciência Aberta no Brasil. Destacou o Marco 5 – articulação com agências de fomento para a implantação de ações de apoio à Ciência Aberta – que foi coordenado por sua pessoa e apresentou as seguintes conquistas: aprovação pelo Fórum de Coordenadores e Procuradoria Federal do CNPq no modelo do texto padrão de chamada do incentivo a publicação em acesso aberto; trabalho de sensibilização dos Comitês de Assessoramento do CNPq; curso de capacitação dos servidores do CNPq, voltado à Ciência Aberta; articulações e elaboração do acordo de cooperação para o lançamento da Plataforma Lattes Data; e formação de Consórcio Nacional para Ciência Aberta entre CNPq (líder), Ibict, Embrapa e Fiocruz.

Por fim, refletiu que para maior avanço da Ciência Aberta são necessárias mudanças de paradigmas, referenciais e modelos avaliativos, num processo contínuo e consistente, pois, para além do investimento em infraestrutura, é necessário desenvolver a conscientização da necessidade de políticas institucionais e de modelos para publicação e avaliação das pesquisas que valorizem a disponibilização e compartilhamento de dados e resultados em acesso aberto.

Revisitando condicionantes econômicos da publicação em acesso aberto

APPEL, André Luiz. Revisitando condicionantes econômicos da publicação em acesso aberto. *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Palestra]**. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2020. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/eventos/meeting_2020/palestras/quinta/andre_appel.pdf. Acesso em: 20. nov. 2020.

André Appel é bacharel em Gestão da Informação pela Universidade Federal do Paraná, mestre e doutor em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCI-Ibict/UFRJ). Atualmente, é professor da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, assistente de pesquisa no Ibict/Brasília e pesquisador do Laboratório Interdisciplinar sobre Informação e Conhecimento (Liinc-UFRJ/Ibict).

Sua experiência editorial também foi consolidada pela atuação como assistente técnico de políticas editoriais do Portal de Periódicos e Publicações Eletrônicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPE-UERJ, 2013-2016), como integrante do conselho editorial da Revista AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento da UFPR (2011-2017) e como gestor da informação no Conselho Regional de Psicologia do Paraná (CRP-PR, 2010-2012). Atua na área de Ciência da Informação, principalmente nos temas: periódicos científicos de acesso aberto, comunicação científica, gestão da informação e produção colaborativa em C&T, e tem integrado equipes editoriais de periódicos em acesso aberto.

André Appel se propôs a tratar dos condicionantes econômicos da publicação em acesso aberto e iniciou sua fala mostrando o quão custoso é um processo editorial qualificado. Trouxe o relato de Bob Houbeck, da University of Michigan, que inferia sobre o crescente gasto com a publicação científica, bem como a insustentabilidade de arcar com as despesas para acessar periódicos pagos.

Por outro lado, salientou as apreciações de Ken Ford, do American Institute of Physics, sobre a dificuldade de custear a publicação para mantê-la em acesso aberto. Com efeito, Charles Hamaker, da Louisiana State University Library, foi mencionado porque lançou lume ao fato de que o preço da editoração é semelhante nas diversas áreas, ainda que algumas repassem aos leitores ou autores custos díspares.

No tocante aos modelos de financiamentos editoriais, Appel apresenta algumas alternativas: assinatura, que gera renda a partir de monopólio/ *copyright; page charge*, que pode ser utilizado para *reprints* (fascículos ou separatas) ou *preprints*; *green*; e *gold*, que pode ser "tipo *diamond*" ou por *article processing charges*, neste caso utilizado por *mega-journals* ou híbridos.

O conferencista destaca que para as revistas científicas impressas há gastos com a primeira cópia (originais) e também com as marginais: no primeiro caso, ressaltou as despesas com a gestão de escritório editorial, suporte editorial e de *peer review*, edição de cópia (*copy-editing*), diagramação e *layout* (*typesetting*) e, no último caso, explicou que os marginais exigem impressão, papel, postagem e transporte para distribuição e gestão de assinaturas. No entanto, tais valores vão variar em decorrência de inúmeros fatores, tais como: quantidade de impressão, valor de uso, valor de troca e valor da utilidade social.

Os custos editoriais, todavia, não são exclusivos para revistas impressas, ao contrário, as revistas eletrônicas também necessitam investir em diversos itens para assegurar sua qualidade. Appel mencionou alguns dos 96 papéis, atribuídos às editoras, discutidos por Anderson (2016), quais sejam: editorial, que envolve a recepção do manuscrito, gestão de avaliação por pares, editoração, marketing e vendas, promoção e divulgação, entre outros; comunidade, que é responsável pela gestão da reputação, treinamentos de editores, financiamento de iniciativas etc.; tecnologia, que envolve hospedagem, arquivamento, integração de padrões, migrações etc.; e finanças e negócios, que trata da gestão de assinaturas, regulações e questões legais, funções gerenciais e administrativas, entre outros.

Por fim, fecha sua fala tecendo algumas reflexões que inferem alternativas para minimizar os custos marginais. Explicitou, dentre outros aspectos, a importância de oferecer pacotes (*bundling*), possuir profundidade e detalhamento das informações fornecidas, disponibilizar facilmente a manipulação das informações, oportunizar o compartilhamento e

discussão das informações com outras pessoas que têm os mesmos interesses, possibilitar o bloqueio de anúncios indesejados e irritantes, efetivar velocidade de funcionamento de programas, ter capacidade de processamento de dados adequada e facilitar as formas de acesso às informações desejadas e ao suporte técnico.

Em seguida, sugeriu menor ênfase na escassez artificial e resgate do valor de troca com foco na visibilização e na diferenciação (trabalho qualificado de profissionais para revisão, diagramação, tradução, difusão etc.), bem como o uso de tecnologias (capital) agregadas com reinvestimento (para preservação, melhoria do acesso, *FAIR publishing* e *overlaying*) e *accountability.*

Decisões difíceis: mudando o modelo para sobreviver

SILVA NETO, Antônio José. Decisões difíceis: mudando o modelo para sobreviver. *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Palestra]**. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2020. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/eventos/meeting_2020/palestras/quinta/silva_neto.pdf. Acesso em: 20 nov. 2020.

Antônio José da Silva Neto é mestre em Engenharia Nuclear pelo Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (COPPE), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutor em Engenharia Mecânica pela North Carolina State University. Atua nas áreas de Engenharia Mecânica e em Matemática Aplicada e Computacional. É professor do Instituto Politécnico da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e editor associado dos periódicos Journal of Heat Transfer, Inverse Problems in Science and Engineering, Computational & Applied Mathematics e Tendências em Matemática Aplicada e Computacional.

Foi presidente da Sociedade Brasileira de Matemática Aplicada e Computacional (SBMAC) e da Associação Brasileira de Engenharia e Ciências Mecânicas (ABCM), bem como coordenador de área da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) em Engenharia Mecânica e Nuclear.

Silva Neto iniciou sua fala apresentando a Associação Brasileira de Engenharia e Ciências Mecânicas (ABCM) e a Sociedade Brasileira de Matemática Aplicada e Computacional (SBMAC) como as principais Sociedades Científicas na América Latina em suas áreas de atuação. Informou que os principais pesquisadores seniores dessas entidades criaram

(respectivamente em 1979 e 1980) e foram editores dos dois periódicos dessas associações: Journal of the Brazilian Society of Mechanical Sciences (JBSMSE) e Computational & Applied Mathematics (CoAM), revistas científicas que foram o objeto de estudo utilizado para exemplificar as difíceis decisões tomadas, as quais proporcionaram substancial mudança nos modelos editoriais para assegurar a sobrevivência dos referidos periódicos.

Explicou que as mudanças mais drásticas ocorreram a partir de 2011, quando o JBSMSE e o CoAM já contavam com pelo menos 30 anos de existência, ou seja, com longa tradição e respeito pelos membros das duas comunidades científicas – ABCM e SBMAC. Inclusive, já estavam na WoS (IF–JCR) e possuíam acesso livre ao conteúdo dos artigos (SciELO). Tais mudanças visaram assegurar o equilíbrio financeiro das Sociedades Científicas, que é sempre um motivo de preocupação para os gestores.

Os periódicos representavam custos elevados, especialmente com o sistema de gerenciamento, diagramação, impressão, retrabalho etc.; na contramão, o financiamento externo às Sociedades era decrescente.

Além desse problema, havia também dificuldades editoriais que acarretavam elevado tempo de resposta para os autores, Fator de Impacto reduzido e artigos do exterior com baixa qualidade. Tais aspectos inquietavam os editores, que buscavam incessantemente incrementar, com qualidade, a internacionalização das Sociedades Científicas por meio dos periódicos.

Como consideraram que o modelo existente estava se esgotando, realizaram uma ampla discussão nas diretorias que resultaram na aprovação nos Conselhos (e Assembleias) da parceria com a Springer. Tal modo, em 2012, as duas Sociedades aprovaram a publicação conjunta dos periódicos (JBSMSE e CoAM) com a referida *publisher*, com início em 2013.

Os principais resultados positivos obtidos foram: permanecer com o conteúdo científico inteiramente sob o controle das Sociedades Científicas – editores-chefe e associados escolhidos pelas Sociedades, com independência editorial; acesso às revistas por todos os membros das Sociedades; inclusão dos periódicos no Portal de Periódicos da Capes; ganho de capilaridade mundial; aumento expressivo do recebimento de artigos qualificados e um sistema de gerenciamento eletrônico estável e eficiente. Esses resultados permitiram não apenas solucionar problemas que inquietam os editores, mas, principalmente, transformar as despesas elevadas com os periódicos em uma fonte de receita.

Houve o aumento dos Fatores de Impacto, mesmo com o significativo aumento do número de artigos publicados, assim como foi reduzido de forma substancial o tempo de avaliação e processamento dos artigos desde o profissionalismo da equipe da Springer, que desenvolve um suporte qualificado às atividades dos editores. Além disso, a interação com a Springer levou a outros tipos de publicações para os associados, tais como livros individuais e séries de livros como ABCM Series on Mechanical Sciences and Engineering e SBMAC Springer Briefs.

Silva Neto finalizou sua apresentação salientando que, mesmo com taxa de aceitação de artigos média de 20%, os custos que ficavam no negativo foram positivados, e, na conjuntura atual, marcada pela pandemia da covid-19, as despesas fixas das Sociedades estão sendo cobertas com os *royalties* dos periódicos. E concluiu que, no futuro, o sistema de geração de conhecimento e de divulgação dos resultados alcançados, por ser dinâmico, vai acarretar novos desafios, oportunidades e outras decisões difíceis a serem tomadas pelos gestores.

Apreciação crítica da resenhista

A mesa sobre como o modelo econômico afeta o periódico contou com a participação de três excelentes expositores - Adriana Tonini, André Appel e Silva Neto, tanto por suas vastas experiências no campo editorial como pela capacidade plural de explicitar com clareza pontos nevrálgicos que permeiam o campo editorial, em especial no tocante ao financiamento dos periódicos.

O compartilhamento de saberes diversos tornou factível refletir com criticidade não apenas a importância do modelo econômico adotado pelas revistas científicas brasileiras, mas a necessidade de constantes mudanças e atualizações no fazer editorial para assegurar a sobrevivência com qualidade dos periódicos, que são importantes veículos de disseminação da produção do conhecimento nas mais diversas áreas.

Senão vejamos as principais considerações ensejadas no imbricamento entre as exposições dos palestrantes:

Manter um periódico qualificado funcionando exige inúmeros gastos editoriais, que perpassam tanto pelo custo das horas trabalhadas pelo corpo editorial e avaliadores, por vezes não quantificadas, como pelo investimento em revisão linguística, normalização, tradução, indexação, diagramação e

layout dos artigos, capas etc., divulgação, *publishing*, hospedagem e/ou impressão, entre outros. Todos esses gastos precisam ser assumidos e resta claro que alguém vai pagar essa conta; no entanto, há inúmeros modelos de financiamento, variedade que, inclusive, não comporta uma padronização por serem adotados de acordo com as necessidades e possibilidades de cada periódico.

É possível encontrar revistas científicas de acesso aberto com os custos assumidos pelas associações, programas de pós-graduação, editoras, universidades ou institutos de pesquisa públicos ou privados. Outros com os custos repassados aos autores, geralmente, explicitados nos *Articles Processing Charge* (APCs) das revistas. Também há aqueles periódicos com um financiamento híbrido, no qual partes distintas – gestão do periódico e autores – assumem parcela do custo. Todavia, os recursos públicos estão muito escassos e o parco financiamento tem afetado diretamente a gestão editorial, levando as revistas científicas a buscarem a autossustentabilidade, ainda que esse modelo não seja viável para muitos periódicos.

A Capes e o CNPq, que historicamente vêm financiando alguns periódicos brasileiros, nunca disponibilizaram tão pouco recurso para esse fim (zero e um milhão de reais, respectivamente, em 2019); as fundações estaduais, em maioria, vivem momento de cortes orçamentários, assim como diversas universidades e institutos de pesquisa. Os caixas das associações também foram atingidos em 2020, especialmente por conta da pandemia. Essa situação de insegurança orçamentária para o fomento à disseminação da produção científica expressa a desvalorização da ciência, inclusive de áreas fundamentais para o desenvolvimento da nação, a exemplo da Educação, que não teve nenhum periódico contemplado na chamada n. 19/2019.

O cenário nada otimista de financiamento para os periódicos brasileiros, bem como a constante dinamicidade que envolve o labor editorial, suas exigências de mudanças e atualizações constante, não pode, contudo, ofuscar a luta pela valorização da ciência e pela democratização do conhecimento.

Nessa lógica, além da reinvindicação por financiamento, a busca pela efetivação da Ciência Aberta torna-se essencial. Afinal, ao se propor desenvolver a natureza colaborativa da pesquisa e popularizar o acesso e uso do conhecimento científico, o princípio da Ciência Aberta promove a disponibilização aberta dos dados, programas, métodos de análise, resultados e demais materiais utilizados na pesquisa, o que permite a melhor preservação, reprodutibilidade e reutilização dos dados.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

Programa Editorial e Ciência Aberta no CNPq

FREIRE, José Donizetti. **O CNPq e o acesso aberto à informação científica**. 2011. 273 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação, área: Transferência da Informação) - Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília /DF. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/9385. Acesso em: 05 set. 2020.

IBICT. **Compromisso pela ciência aberta**: o movimento da ciência aberta. 2020. 1 vídeo (8 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rH4dCjsU49Q&list= PLSk7nwl2wEh8UcVQX_c6ofGh8rstVKJ-L. Acesso em: 05 set. 2020.

OPEN GOVERNMENT PARTNERSHIP. **4º Plano de ação nacional em governo aberto**. Brasília: Open Government Partnership, 2018. Disponível em: https://www.opengovpartnership.org/wp-content/uploads/2018/10/Brazil_Action-Plan_2018-2020_POR.pdf. Acesso em: 05 set. 2020.

OPEN GOVERNMENT PARTNERSHIP. **Brazil mid-term report 2016-2018**. 2019. Disponível em: https://www.opengovpartnership.org/documents/brazil-mid-term-report-2016-2018/. Acesso em: 05 set. 2020.

OPEN GOVERNMENT PARTNERSHIP. **Brazil Design Report 2018-2020**. 2020. Disponível em: https://www.opengovpartnership.org/documents/brazil-design-report-2018-2020/. Acesso em: 05 set. 2020.

Revisitando condicionantes econômicos da publicação em acesso aberto

ANDERSON, Kent. Guest post: Kent Anderson UPDATED: 96 things publishers do (2016 edition). 2016. **The Scholarly Kitchen [Blog]**, 1 fev. 2016. Disponível em: https://scholarlykitchen.sspnet.org/2016/02/01/guest-post-kent-anderson-updated-96-things-publishers-do-2016-edition/. Acesso em: 08 set. 2020

APPEL, André Luiz; ALBAGLI, Sarita. The adoption of Article Processing Charges as a business model by Brazilian Open Access journals. **Transinformação**, Campinas, SP, v. 31, p. e180045, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-37862019000100300. Acesso em: 08 set. 2020. https://doi.org/10.1590/2318-0889201931e180045.

BARCELLOS, Juliana Guerra de. **Os modelos de obtenção de verba dos periódicos brasileiros de acesso aberto das ciências da saúde indexados**

na SciELO. 2016. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2016. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/147253. Acesso em: 08 set. 2020

HERSCOVICI, Alain. As metamorfoses do valor: capital intangível e hipótese substancial: Reflexões a respeito da historicidade do valor. **Liinc em Revista**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 560–574, 2014. Disponível em: http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3588. Acesso em: 08 set. 2020. https://doi.org/10.18617/liinc.v10i2.743

PAVAN, Cleusa; BARBOSA, Marcia Cristina Bernardes. Financiamento público no Brasil para a publicação de artigos em acesso aberto: alguns apontamentos. **Em Questão**, v. 23, n. 2, p. 120–145, 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/67146/4067. Acesso em: 08 set. 2020. https://doi.org/10.19132/1808-5245232.120-145.

Decisões difíceis: mudando o modelo para sobreviver

MINELLA, Luzinete Simões. Fazer a REF é fazer política: memórias de uma metamorfose editorial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 105-116, abr. 2008. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext &pid=S0104-026X2008000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 08 set. 2020.

SILVA, Mario Jorge Sobreira. da *et al*. Aprendendo a arte da editoria científica. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 2017, v. 33, n. 12, dez. 2017. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/csp/2017.v33n12/e00200817/. Acesso em: 08 set. 2020.

Apreciação crítica da resenhista

WERLANG, Elisabete. **Aporte institucional para editores de periódicos científicos**: autoavaliar para (re)conhecer. 2019. 196 p. Tese (Doutorado) - Centro de Ciências da Educação, Programa Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/215461. Acesso em: 08 set. 2020.

SOBRE A RESENHISTA
Lia Machado Fiuza Fialho

Pós-doutoranda em História da Educação pela Universidade de Salamanca-Espanha (USAL), pós-doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestra em Saúde Coletiva pela Universidade de Fortaleza (Unifor), especialista em Inclusão da Criança Especial no Sistema Regular de Ensino (UFC) e graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), é professora do Centro de Educação da UECE e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UECE) e do Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas (MPPP/UECE). Editora-chefe da Revista Educação & Formação e da Coleção Práticas Educativas da Editora da UECE (EdUECE) e membro do comitê editorial da Revista Brasileira de Educação (RBE/ANPEd) e de diversos periódicos qualificados e coleções de livros. É também vice-presidente da Associação Brasileira de Editores Científicos – ABEC Brasil e bolsista produtividade em pesquisa do CNPq.

http://lattes.cnpq.br/4614894191113114
https://orcid.org/0000-0003-0393-9892
lia_fialho@yahoo.com.br

Capítulo 9

Avaliação de periódicos pela Capes

Edna Frasson de Souza Montero

https://doi.org/10.21452/abec.2021.isbn.978-65-993452-1-0.cap9

Esta mesa debateu o Qualis Capes, conjunto de procedimentos utilizados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação (PPG), com base na publicação de artigos de docentes afiliados às Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras em periódicos científicos. Concebido para atender às necessidades específicas do sistema de avaliação, o procedimento é baseado nas informações fornecidas pelas instituições de ensino. Como resultado, disponibiliza uma lista com a classificação das revistas utilizadas pelos programas de pós-graduação para divulgação da sua produção.

Desta forma, o sistema Periódicos Qualis Capes afere a qualidade dos artigos e de outros tipos de produção a partir da análise da qualidade dos veículos de divulgação, ou seja, dos periódicos científicos. A classificação de periódicos é realizada pelos coordenadores indicados por seus pares por um período de três anos para as 49 áreas de avaliação, as quais definem critérios próprios de classificação das revistas para cada área. A atualização da lista de Periódicos Qualis ocorre anualmente e enquadra os títulos das revistas em estratos indicativos de qualidade: A1, o mais elevado; A2, A3, A4, B1, B2 etc.

A consulta ao Qualis Capes é feita por meio da Plataforma Sucupira, ferramenta *on-line* do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) para coletar informações sobre os programas, realizar as análises e servir como base de referência. O nome da plataforma é uma homenagem ao professor Newton Sucupira, autor do Parecer nº 977, de 1965, conhecido como "Parecer Sucupira", que conceituou, formatou e institucionalizou a Pós-Graduação brasileira nos moldes atuais.

A nova estrutura de avaliação da produção intelectual nas Fichas da Avaliação Quadrienal 2021 e o papel do Qualis Periódicos

SANTOS, Paulo Jorge Parreira dos. A nova estrutura de avaliação da produção intelectual nas Fichas da Avaliação Quadrienal 2021 e o papel do Qualis Periódicos. *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Palestra]**. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2020. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/eventos/meeting_2020/palestras/quinta/paulo_jorge_parreira_santos.pdf. Acesso em: 22 nov. 2020.

Paulo Jorge Parreira dos Santos é doutor em Oceanografia pela Université de Bordeaux (França, 1995), professor titular do Departamento de Zoologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), desde 2013 coordenador da área de Biodiversidade e desde 2015 membro titular do Conselho Técnico-Científico da Educação Superior (CTC-ES) da Capes. Tem experiência nos temas associados à ecologia de manguezais, de recifes, de praias arenosas e de mar profundo, monitoramento ambiental, impactos antrópicos e mudanças climáticas. Já orientou mais de 30 dissertações e teses. Atua como revisor *ad hoc* de periódicos nacionais e internacionais e para diversos órgãos de fomento. Já publicou mais de 60 artigos em periódicos científicos indexados no Web of Science (WoS), tendo sua citação alcançado fator h=15 na base do WoS/Publons e 16 na do Scopus. Desde 2010 publicou mais de 40 artigos em periódicos indexados no WoS.

O início da apresentação deu-se com a explicação sobre o que é o Qualis e o que não deveria ser, valendo-se da publicação de Barradas Barata, intitulada "As dez coisas que se deveria saber sobre o Qualis". Neste artigo, conceitua-se que o Qualis Periódicos é uma das ferramentas utilizadas para a avaliação dos programas de pós-graduação no Brasil. Santos destaca também, do mesmo artigo, que o sistema não deve ser usado como qualificador de revistas científicas para outros fins, tampouco

para avaliação de desempenho científico individual. E conclui esta parte da apresentação mostrando que essas advertências são relevantes no "Novo Qualis" atualmente em construção.

Em seguida, faz uma demonstração de como se foi construindo a avaliação da produção intelectual, a partir de uma distribuição em três níveis:

- *produção total* (nível 1 - análise quantitativa qualificada - Qualis),

- *produção docente* (nível 2 - uma produção por ano de atuação como docente permanente), e

- *produção qualificada do programa* (nível 3 - de 5 a 10 melhores produtos do programa para o quadriênio).

No nível 1, o Qualis tem a sua participação tanto na avaliação de periódicos como também de outros produtos (livros, técnico-tecnológicos, artísticos e eventos) com diferentes pesos, de acordo com a área. No nível 2, algumas áreas ainda usaram o Qualis, porém não é unânime. No nível 3, avalia o impacto do produto para a sociedade.

Santos relatou alguns resultados do Grupo de Trabalho Qualis (GT-Qualis) 2016, destacando a recomendação de uso de indicadores bibliométricos, particularmente de bases internacionais, que poderia contribuir para a internacionalização dos programas; destaca ainda que, se os estratos mais elevados fossem utilizados para indicar internacionalização, recomendava usar métricas bibliométricas de bases internacionais na sua distinção; além disso, recomendava evitar a valorização excessiva ou desvalorização de periódicos considerados da área. Por fim, destacou a recomendação do GT de que não fosse usado o fator de impacto diretamente quando a área possuísse subáreas ou especialidades. Apesar das recomendações terem impactado o Qualis da quadrienal de 2017 de diversas áreas, o conferencista observa que vários problemas ainda persistiram.

Outro documento apresentado foi da Comissão Nacional de Acompanhamento do PNPG 2018, o qual teve influência sobre o GT do Novo Qualis, pois apontava que o sistema avaliativo deveria ser conceitual e objetivamente repensado e aprimorado, e que a avaliação deveria atentar para a internacionalização, além de contribuir para o aperfeiçoamento do próprio sistema e, por consequência, do processo de indução de qualidade do SNPG.

No que se referia ao Qualis, relatava que os critérios estavam pulverizados entre as áreas e que se deveria fundir os vários Qualis, gerando

o que denominou "grandes Qualis". Em 2020, essa comissão estabelece que a avaliação da produção deveria se dar a partir de métricas internacionais estabelecidas e amplamente aceitas na comunidade científica.

Algumas premissas nortearam o GT-Novo Qualis: manter uma única qualificação de produção em periódicos para todas as áreas de avaliação, buscar critério de semelhança entre os indicadores de qualidade, retirar as travas de quantificação por estrato do Qualis, aplicar critérios externos de qualidade e ter em conta o Qualis enquanto indutor de internacionalização na publicação de artigos e na indexação de periódicos.

Devido às diferenças entre as áreas de Humanidades e Ciências Sociais e as demais áreas quanto ao uso de indicadores restritos de citação, desenvolveram-se dois modelos de referência: Referência 1, baseando-se em percentuais do WoS e Scopus associados ao índice H5, e Referência 2, para a área de Humanidades e Ciências Sociais, que se baseia no índice H (5, 10 ou h-vida).

Desta forma, foram estabelecidos oito estratos, variando de A1 a A4 e de B1 a B4, de forma decrescente, de acordo com o percentil máximo (seja no Journal Citation Reports, Scientific Journal Rankings ou H Index). Para os ajustes entre o Qualis Referência 1 e 2 seria considerado em que área foi mais utilizado - esta seria denominada a "área mãe" para pontuar a sua classificação; essas áreas mães podem justificar ajustes no estrato Qualis até o limite de ± 1 estrato para 20% dos periódicos de seu uso enquanto área mãe e ±2 estratos para 10%.

Santos termina sua apresentação mostrando exemplos de sucesso na área da Biodiversidade, em que os periódicos identificaram um nicho internacional com pouquíssimos periódicos e outro em que a sociedade científica decidiu apoiar um periódico para torná-lo de nível internacional. Encerra sua apresentação com uma provocação relevante: a quantidade de revistas brasileiras que dificilmente terão suporte de alta qualidade para atingirem patamares internacionais elevados.

Qualis Periódicos: O que pode ser feito para valorizar as revistas brasileiras?

MALAFAIA, Osvaldo. Qualis Periódicos: O que pode ser feito para valorizar as revistas brasileiras? *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Palestra]**. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2020. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/eventos/meeting_2020/palestras/quinta/osvaldo_malafaia.pdf. Acesso em: 22 nov. 2020.

Osvaldo Malafaia é pesquisador livre-docente, doutor em Anatomia Médica e graduado em Medicina pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), da qual é Professor Emérito. Possui títulos de especialista nas áreas de Cirurgia Geral, Gastroenterologia e Cirurgia do Aparelho Digestivo, com qualificação na área de atuação em Videolaparoscopia. Comendador pela Federação Brasileira de Gastroenterologia, professor titular de Cirurgia (aposentado) da UFPR, é professor titular de Cirurgia da Faculdade Evangélica Mackenzie do Paraná (Fempar), diretor de Pós-Graduação e Pesquisa e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Princípios da Cirurgia também da Fempar. Foi presidente da Federação Brasileira de Gastroenterologia, presidente do Colégio Brasileiro de Cirurgia Digestiva e presidente do International College of Surgeons - ICS (USA) e criador do Programa de Pós-Graduação de Clínica Cirúrgica da UFPR, tendo sido seu coordenador por 17 anos. Atualmente, é diretor científico do Colégio Brasileiro de Cirurgia Digestiva.

De sua produção intelectual destacam-se 316 artigos impressos em periódicos indexados, seis livros publicados, 76 capítulos de livros, 102 publicações em anais de congresso e 960 apresentações de trabalhos em diversos congressos e eventos médicos. Orientou 121 teses de mestrado e 65 de doutorado e tem relevante atividade na Capes, tendo alcançado distinguido cargo de representante da Área de Medicina III. Atualmente, é editor-chefe dos Arquivos Brasileiros de Cirurgia Digestiva (ABCD) e desempenha papel de consultor do SciELO e do CNPq. Atua também no conselho editorial dos Arquivos de Gastroenterologia, da Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e da Revista Einstein.

O palestrante fez um relato histórico do Qualis e da evolução dos indicadores de avaliação da Capes. Relatou a situação das revistas brasileiras de visibilidade internacional e a proposta apresentada pelo GT-Qualis da ABEC Brasil à coordenadora da Medicina III. Apontou ainda que falta reconhecimento do esforço que as revistas brasileiras têm feito ao longo de muitos anos.

Na evolução dos indicadores, Malafaia relatou que para o estrato A1 da Medicina III, em que se considerou o fator de impacto (JCR), passou de 2,3 (na trienal de 2007) para 3,2 (em 2010), 4,0 (em 2013) e 4,4 (entre 2013 a 2016). Refere, então, Malafaia, que esta forma de qualificação traz um prejuízo enorme às revistas brasileiras indexadas e com visibilidade internacional, posto que são relativamente recentes, ao serem comparadas com as revistas estrangeiras da área cirúrgica. Portanto, os estratos

alcançados são sempre inferiores e, ainda que não seja o objetivo do Qualis Periódicos avaliar as revistas científicas fora do âmbito da pós-graduação, acaba induzindo a que os artigos de melhor qualidade sejam publicados em revistas estrangeiras, deixando para as publicações brasileiras somente aqueles que não foram aceitos por elas.

Acrescentou ainda que os fatores de impacto das revistas estrangeiras correspondentes às Medicinas I e II são extremamente mais elevados do que os das área cirúrgica, Medicina III. E mencionou o fato de que, no Seminário de Meio Termo da MED-III na Capes (2019), ao se estudar quantitativos e qualitativos da Plataforma Sucupira, os esforços para nivelamento de estrato das revistas em todas as áreas, além de orientações e recomendações para os PPG, nenhuma referência foi feita às revistas brasileiras.

Desta forma, Malafaia traz a proposta de que se valha da prerrogativa de modificar o estrato das revistas pela "área mãe" e que se faça uma classificação de acordo com o uso pela área. Assim, o GT-Qualis da ABEC Brasil lança a sugestão para a Medicina III levar em conta: a internacionalização do periódico; qualquer indicador externo de qualidade (fator de impacto, *cites per doc*, índice H) considerando o mais elevado; e na análise final da revista, não utilizar somente o percentil isoladamente, mas sim múltiplos indicadores, tais como: percentil, indexações numericamente existentes no periódico, o peso de cada indexação e o fator de impacto da revista, considerando assim a internacionalização pela visibilidade e não pela origem das revistas.

Avaliação de periódicos pela Capes

SOUZA, Ângelo Ricardo de. Avaliação de periódicos pela Capes. *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Palestra]**. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2020. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/eventos/meeting_2020/palestras/quinta/angelo_ricardo_de_souza.pdf. Acesso em: 20 nov. 2020.

Ângelo Ricardo de Souza é doutor (2007) e mestre (2001) em Educação, História, Política e Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Graduado em Educação Física pela PUC-PR (1991), realizou estágio pós-doutoral na University of Bristol (Inglaterra) e estágio sênior de pesquisa na Università degli Studi di Trento (Itália). Atualmente, é professor associado da Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde atua no Núcleo de Políticas Educacionais e no Programa de Pós-Graduação em Educação. É coordenador

adjunto da área de Educação da Capes. Foi diretor de pesquisa da Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE, 2015-2019), editor do Jornal de Políticas Educacionais (2007-2018) e da Educar em Revista (2018) e coordenador da região Sul do Fórum de Editores de Periódicos na área da Educação (FEPAE-Sul - 2016-2018). Foi coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR (2008-2010), chefe do Departamento de Planejamento e Administração Escolar (2001-2003) e coordenador do Curso de Graduação em Pedagogia (2012-2014). Atuou por vários anos na educação básica como docente e como diretor de escola pública. Tem experiência nas áreas de Políticas, Gestão e Financiamento da Educação.

O palestrante inicia sua apresentação relatando que a avaliação da Capes refere-se aos programas de pós-graduação do país, quanto à produção intelectual e científica dos estudantes e orientadores. Portanto, relata que a avaliação não tem a intenção de classificar periódicos científicos. Entretanto, acrescenta Souza, estes são o principal veículo de difusão do conhecimento científico, sendo o Qualis Periódicos uma ferramenta que permite avaliar a qualidade da produção científica por inferência: um artigo publicado em um periódico tido como de qualidade deve ser um artigo de qualidade.

Em seguida, justificou a necessidade de unidade no Qualis, para evitar a confusão de 49 Qualis, de maneira a permitir a aproximação entre as áreas avaliativas e a equivalência do estrato de qualificação dos periódicos entre as áreas. Assim, seria possível chegar a um Qualis Único para as 49 áreas avaliadas, com critérios distintos, considerando os periódicos serem organizados de formas diferentes e dialogando com a diversidade das naturezas científicas. Questiona ainda se deve ser mantido o Qualis, levando-se em conta a diversidade de critérios nas diferentes áreas.

Souza discorre sobre o respeito à diversidade científica, mostrando que ciência é mais complexa e diversa que meramente uma mistura de teoria, trabalho empírico e métodos. Ademais, a elaboração de hipóteses, a lida com a empiria e os métodos variam conforme o campo científico. A diversidade da ciência, afirma, é proporcional à diversidade dos campos de conhecimento humano.

No tópico sobre os periódicos e os programas de pós-graduação, afirmou que os periódicos devem dialogar com os leitores/pesquisadores de dado campo de conhecimento, sendo inteligível no conteúdo e na forma perante este público; assim será lido e citado ao apresentar bons materiais. Entretanto, questiona: o que são bons materiais e quem é e onde está o leitor?

Um programa de pós-graduação é de boa qualidade se conseguir produzir conhecimento e fazê-lo chegar à sociedade. A avaliação da pós-graduação quer saber se a formação e a produção dos programas são de boa qualidade e, para tanto, utiliza a avaliação de periódicos, dentre outros critérios. Dessa forma, uma régua única para avaliar os periódicos pode tornar difícil a verificação desse alcance.

Os periódicos nacionais pautam-se pelo resultado da avaliação para definir suas políticas editoriais, e isto pode induzir a erros estratégicos e até mesmo descaracterizar os periódicos. Isso porque a avaliação de periódicos pela Capes induz a produção da área, canalizando para as revistas mais bem posicionadas a maioria dos artigos. Atualmente, observa, existem ferramentas que permitem avaliar o artigo e o autor mesmo sem avaliar o periódico.

Para Souza, o Qualis Referência, da forma como vem sendo desenhado, pode apressar o fim da ferramenta. Afinal, se o Qualis não conseguir avaliar e distinguir os programas de pós-graduação de uma dada área, não teria porque utilizá-lo.

Na opinião do palestrante, em consenso com o Malafaia, a avaliação da produção por meio do Qualis deve ser mantida, levando em conta o impacto que o periódico tem, mas também incluir outros critérios e escutar as áreas para garantir as suas características e especificidades. Conclui afirmando que as especialidades e subáreas devem ser respeitadas pois as áreas não são iguais e refere temor em relação ao Qualis Referência, pois pode levar a uma reação dos editores no sentido de fechamento daquele espaço de difusão do conhecimento.

Souza destaca a diversidade de áreas e chama a atenção nas suas considerações finais sobre como formar o universo das áreas que usarão o Qualis Referência 2 (QR2) - o índice H5 (2015 - 2019) e o H10 (2010 - 2019). Para as áreas que utilizarem o QR2, a CAPES-DAV está constituindo um universo de avaliação; assim será formada uma lista de periódicos das bases Scopus, WoS, Webplus, Redalyc, SciELO e do estoque de revistas citados nos períodos anteriores de avaliação (2013-2019).

Apreciação crítica da resenhista

Em 2005, participando do VII Congresso Regional de Ciências da Informação em Saúde (CRICS 7) e IX International Congress on Medical

Librarianship (ICML 9), realizado em Salvador, cuja temática era "Commitment to Equity", fui tocada profundamente por um palestrante que ressaltava a nossa responsabilidade pela publicação da ciência produzida em nosso país para que fizesse parte da ciência mundial, do conhecimento da humanidade. Esta colocação trouxe-me uma profunda reflexão e motivou-me fortemente a trabalhar na editoração da revista em que hoje estou como editora-chefe, a Acta Cirúrgica Brasileira.

Diferentes razões motivaram a criação de revistas científicas, porém a razão primordial foi que a ciência produzida nas nossas universidades, em forma de teses, passasse a compor o conhecimento mundial. A produção de teses era estimulada pela Capes, mas não havia a cobrança pela sua publicação. Ao evoluir o sistema de avaliação dos PPG, incluiu-se a avaliação da publicação das teses. Assim, descrevendo sucintamente, chegamos ao sistema de avaliação dos PPG dos dias atuais, em que se elevam os patamares de tal forma que os pesquisadores brasileiros são estimulados a publicarem suas melhores produções científicas em revistas estrangeiras, pois têm melhores índices bibliométricos, fortalecendo ainda mais as revistas estrangeiras com a boa ciência produzida em nosso país.

Essa discussão tem sua relevância principal na repercussão que a avaliação da produção intelectual dos programas de pós-graduação implica na qualidade dos artigos que são enviados para publicação nas revistas de origem geográfica no Brasil, porém com visibilidade internacional, e na sobrevivência dessas revistas. Ainda que o Qualis não se proponha a avaliá-las, age de forma incisiva na qualidade dos artigos enviados para publicação nas revistas brasileiras, de acordo com o estrato em que é classificada.

O debate tornou-se ainda mais acirrado quando a categorização das revistas pelo Qualis valeu-se do fator de impacto gerado pelo Journal Citation Reports (JCR) ou pelo *cites per doc* gerado pelo Scopus – tendo subido vertiginosamente nas avaliações subsequentes. Na reformulação da forma de avaliação para o Qualis Referência, foi apresentado o uso do quartil ocupado pela revista na subárea correspondente dentro do Scopus ou do WoS.

Ao considerar índices bibliométricos internacionais, procura-se positivamente a aproximação com os padrões internacionais de avaliação. Entretanto, há que se ter em conta que esses índices não foram criados para avaliar revistas científicas e, menos ainda, para classificar produção

intelectual individual ou institucional. Pode-se observar, nas discussões acadêmicas, como exemplos, a Declaração de São Francisco sobre avaliação da Pesquisa (DORA) - em que fica clara a oposição ao uso do fator de impacto para essa avaliação, e o Manifesto de Leiden - em que os autores formularam princípios mais gerais para avaliação; muitos artigos científicos também tratam do assunto.

Wouters *et al*. (2019) propuseram quatro critérios para evitar abuso no uso de indicadores de revistas científicas, quais sejam:

a) *justificado* - uso secundário e explícito na avaliação da pesquisa realizada por indivíduos ou instituições;

b) *contextualizado* - além das estatísticas numéricas, os indicadores devem relatar distribuições estatísticas, e considerar as diferenças entre as disciplinas;

c) *informado* - envolvimento das sociedades profissionais e especialistas de destaque para promover o conhecimento sobre os indicadores; e

d) *responsável* - todas as partes interessadas precisam estar alertas sobre como o uso de indicadores afeta o comportamento dos pesquisadores e de outras partes interessadas.

Desta forma, destaco a colocação do professor Malafaia sobre a evasão dos artigos de boa/excelente qualidade originados nas nossas universidades, financiadas pelos governos estaduais ou federal e que são publicados nas revistas estrangeiras com um custo adicional da taxa de publicação, que em geral é exorbitante. Ademais, compartilho da preocupação de Ângelo Souza sobre as mudanças das políticas editoriais das revistas brasileiras serem pautadas pelo resultado da avaliação com a estratificação do Qualis.

Entretanto, concordo com a provocação do professor Santos sobre a quantidade de revistas brasileiras com temáticas semelhantes. Corroboro a opinião de que as áreas deveriam discutir e ter um consenso relacionado às revistas que deveriam ser fortalecidas e tentar direcionar a criação de novas revistas, identificando nichos que comportariam e atrairiam publicações em cada área. A criação de revistas que se destinam à divulgação de instituições e não para a publicação científica deveria ser evitada. As instituições deveriam se preocupar com a sua divulgação e os pesquisadores com a publicação, em revistas científicas, dos conhecimentos gerados nas instituições.

Destaco aqui uma preocupação que permeou a discussão nessa mesa-redonda, que se refere à valorização das revistas brasileiras -

revistas que, a partir dos esforços de seus editores para sua manutenção e desenvolvimento, estão indexadas nas bases de dados com reconhecimento internacional, como a LILACS, Redalyc, SciELO, WoS - inclusive com fator de impacto - Scopus e outras bases.

Esta valorização deveria ser uma meta almejada, seja pela equipe que compõe o Qualis, seja pelo grupo formado com este objetivo na ABEC Brasil, em parceria com a Capes/CNPq, as Fundações de Amparo à Pesquisa e outras sociedades científicas, para se traçar uma estratégia de promoção de qualidade das nossas revistas. Ação que deve ocorrer com apoio amplo e forte para se tornar realidade.

REFERÊNCIAS

WOUTERS, Paul *et al*. Rethinking impact factors: find new ways to judge a journal. **Nature**, [*s. l.*], v. 569, n. 7758, p. 621-623, May 2019. https://doi.org/10.1038/d41586-019-01643-3.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

A nova estrutura de avaliação da produção intelectual nas Fichas da Avaliação Quadrienal 2021 e o papel do Qualis Periódicos

BARRADAS BARATA, Rita de Cássia. Dez coisas que você deveria saber sobre o Qualis. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v. 13, n. 30, 22 dez. 2016.

Qualis Periódicos: O que pode ser feito para valorizar as revistas brasileiras?

CAPES. **Medicina III**. 2020. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/sobre-a-avaliacao/areas-avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao/colegio-de-ciencias-da-vida/ciencias-da-saude/medicina-iii

Avaliação de periódicos pela Capes

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

SOBRE A RESENHISTA
Edna Frasson de Souza Montero

É livre-docente (2007) e doutora (1996) em Técnicas Operatórias e Cirurgia Experimental pela Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (EPM – Unifesp). É professora associada da disciplina de Cirurgia Geral e Trauma da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e Médica na disciplina de Gastroenterologia Cirúrgica da EPM - Unifesp. É pesquisadora do CNPq P-2 e desenvolve pesquisa em isquemia e reperfusão/ estratégias química e física de modulação e em comunicação científica junto ao Núcleo de Comunicação Científica em Ciências da Saúde - NCCCS (área da Cirurgia). Na Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC Brasil), participou como membro do Conselho Deliberativo e, atualmente, como segunda-tesoureira da diretoria. Na Sociedade Brasileira para o Desenvolvimento da Pesquisa em Cirurgia (SOBRADPEC), é secretária da regional São Paulo. É conselheira da International Society for Experimental Microsurgery (ISEM) desde 1998, tendo assumido como presidente para a gestão 2010-2012. Recebeu o Prêmio Sun Lee pela contribuição para com a ISEM em 2016. É membro da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos e da World Transplantation Society. Editora-chefe da revista Acta Cirúrgica Brasileira desde fevereiro de 2015, pertence ao corpo editorial da Revista da Associação Médica Brasileira e do Jornal Brasileiro de Transplante. Exerce ainda a função de revisora em várias revistas nacionais e estrangeiras e é avaliadora *ad hoc* de vários órgãos de fomento nacionais e estrangeiros.

http://lattes.cnpq.br/2841222962564489
https://orcid.org/0000-0003-1437-1219
edna.montero@gmail.com

Capítulo 10

Open Science: more than open access

Andréa Ferreira Gonçalves

https://doi.org/10.21452/abec.2021.isbn.978-65-993452-1-0.cap10

O acesso aberto não é uma ideia nova para a comunidade científica, sobretudo no Brasil, onde a prática começou a ser adotada pelas revistas científicas no final dos anos 1990, espalhando-se por toda a América Latina, e se consolidou nas últimas décadas como o principal modelo de publicação, respaldado pelo surgimento de ferramentas como o Open Journal System (OJS) e fortalecido por iniciativas regionais de acesso aberto como SciELO, Redalyc e LA Referencia. Assim, podemos dizer com segurança que o conceito e a prática do acesso aberto são bastante familiares principalmente entre os editores científicos, ainda que, na prática, a publicação de resultados de pesquisa em revistas internacionais de acesso restrito siga sendo um objetivo – e em muitos casos uma necessidade – para grande parte dos pesquisadores brasileiros de todas as áreas do conhecimento.

Porém, nos últimos anos, o movimento do acesso aberto foi ganhando a companhia de outros movimentos questionadores de diferentes aspectos do atual modelo de fazer ciência, desde o seu planejamento, seus métodos e processos, seus modos de colaboração e circulação, configurando um cenário irreversível de mudanças, ou como define a pesquisadora Sarita Albagli, um “movimento de movimentos” que se convencionou chamar de Ciência Aberta.

A Ciência Aberta é, portanto, um movimento que engloba diferentes tipos de práticas que visam incentivar a transparência da pesquisa científica, desde a concepção da investigação até a elaboração de metodologias, incluindo a adoção de cadernos de laboratório abertos, a gestão e compartilhamento dos dados científicos e a participação de indivíduos não-acadêmicos na pesquisa, extrapolando o próprio ambiente científico e estimulando a participação ativa da sociedade no desenvolvimento e nos resultados de estudos, além do próprio acesso aberto.

Frente a esse panorama, é fundamental que os editores científicos estejam a par das formas como a Ciência Aberta está transformando a produção e circulação do conhecimento, para que possam se posicionar e estar preparados para enfrentar os desafios trazidos a partir dessa nova realidade.

A palestra de Alison Mudditt apresenta uma visão geral sobre os elementos que estruturam a Ciência Aberta, bem como nos brinda a oportunidade de conhecer melhor as estratégias da PLoS – editora acadêmica sem fins lucrativos e uma das pioneiras do acesso aberto – no sentido de implementar a cultura da Ciência Aberta junto à comunidade de pesquisadores, seguindo seu propósito de acelerar o progresso da ciência através de transformações na comunicação científica. Desde 2001, a PLoS tem impulsionado o movimento por alternativas ao tradicional modelo comercial de assinaturas de revistas, e reiteradamente demonstrado a importância da disponibilidade de dados abertos e de sistemas de avaliação mais adequados.

Mudditt também discorre sobre a atuação do Center of Open Science (COS) em sua missão de aumentar a abertura, a integridade e a reprodutibilidade da pesquisa, por meio da promoção de mudanças na cultura e nos incentivos que impulsionam o comportamento dos pesquisadores, a infraestrutura que dá suporte às suas pesquisas e os modelos de negócios que dominam a comunicação científica. Sua visão é de uma futura comunidade acadêmica na qual o processo, o conteúdo e os resultados da pesquisa sejam abertamente acessíveis por padrão, de tal modo que todo o conteúdo acadêmico seja preservado e esteja conectado, assegurando a transparência como um valor fundamental para os serviços acadêmicos.

Open Science: more than open access

MUDDITT, Alison. **Open Science: more than open access.** *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Palestra]**. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2020. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/eventos/meeting_2020/palestras/sexta/alison_mudditt.pdf. Acesso em 20. nov. 2020.

Alison Mudditt é *CEO* da PLoS, uma organização sem fins lucrativos dedicada a acelerar o progresso da pesquisa científica por meio de ferramentas e serviços de apoio à publicação em acesso aberto para pesquisadores. Com 30 anos de experiência na indústria editorial, Alison atuou como diretora da University of California Press e como vice-presidente executiva da SAGE Publications, ocupando ainda posições de liderança na Blackwell Publishers e na Taylor & Francis.

Alison também escreve para o blog Scholarly Kitchen e atua no Conselho Diretivo da Society for Scholarly Publishing, bem como no Conselho de Administração da American Chemical Society, na Author's Alliance e no Center for Open Science (COS). Anteriormente, Alison atuou nos Comitês de Publicações Científicas e de Ciência Aberta da American Heart Association, no Conselho Executivo da American Association of Publishers e no Conselho de Liderança da California State University Channel Islands. Alison possui graduação e MBA pela University of Bath, na Inglaterra.

No início de sua palestra, Alison esclareceu que estaria representando dois papéis em sua fala: primeiramente, na condição de *CEO* da PLoS, apresentando as ações e resultados da empresa e, depois, como diretora do COS, relatando sobre esta organização cuja missão é ampliar a abertura, a integridade e a reprodutibilidade da pesquisa científica.

Alison apresentou o conceito de acesso aberto não somente como a disponibilidade imediata e gratuita de resultados de pesquisas científicas *on-line*, mas incluindo também o direito de reuso desse conteúdo em formato digital, ressaltando que o acesso aberto é somente um dos elementos necessários para a prática da Ciência Aberta.

A Ciência Aberta, por sua vez, foi apresentada pela palestrante como um movimento composto por dois elementos principais: por um lado, as ações relativas aos resultados de pesquisa, que já encontram respaldo no acesso aberto; por outro, ações ligadas ao processo de produção e comunicação da ciência, que ainda necessitam de ajustes em suas práticas a

fim de permitir a colaboração, reuso, redistribuição e reprodução de dados e métodos de pesquisa.

Alison citou um conjunto de melhores práticas que compõem a Ciência Aberta, na medida em que favorecem a transparência, o rigor e a reprodutibilidade da pesquisa. Entre elas, o uso de padrões de metadados, a abertura dos dados de pesquisa, o acesso aberto a materiais de pesquisa (protocolos, códigos e questionários), o pré-registro de pesquisas – onde sejam detalhados sua metodologia, hipóteses e variáveis, e a publicação de *preprints* em acesso aberto, como forma de acelerar a disseminação e revisão dos resultados na comunidade. A palestrante chamou a atenção, no entanto, de que embora todos sejam considerados elementos da Ciência Aberta, a adesão ao movimento não é uma questão de "tudo ou nada", ou seja, pode-se atuar em algumas frentes e em diferentes níveis rumo a uma prática cada vez mais aberta.

Segundo Alison, a Ciência Aberta nada mais é do que "a boa ciência", aquela que acelera o progresso científico, garante a reprodutibilidade e a transparência dos processos e resultados da pesquisa – coisa que o acesso aberto por si só não pode fazer – e incentiva a disseminação dos resultados em uma variedade de canais abertos. Esses preceitos básicos acabam sendo deixados em segundo plano quando lidamos com um sistema de recompensa acadêmica que valoriza mais onde a pesquisa é publicada do que a sua qualidade intrínseca.

Um problema identificado por Alison no atual sistema de comunicação científica é o conflito entre acesso e avaliação. Por um lado, artigos publicados em periódicos comerciais não estão amplamente acessíveis para todos, limitando o alcance dos resultados de pesquisa. Por outro, os resultados de pesquisa, bem como muitas vezes os próprios pesquisadores, são avaliados com base no periódico onde seu artigo foi publicado, privilegiando as revistas com maior visibilidade e impacto, que em sua maioria não oferecem acesso irrestrito a seu conteúdo. Esse conflito faz com que os pesquisadores não tenham qualquer incentivo para publicar seus resultados em revistas de acesso aberto.

Alison propõe algumas possíveis soluções para minimizar o problema, como aumentar o compartilhamento de artigos, criar comunidades de incentivo ao acesso aberto, desenvolver novos modelos de negócio baseados

em acesso aberto e incorporar mudanças ao processo de publicação em diferentes estágios do ciclo de pesquisa.

O compartilhamento de dados de pesquisa é um dos pontos cruciais para a consolidação da Ciência Aberta. Alison revelou que, atualmente, a PLoS possui mais de 125.000 artigos que declaram a disponibilidade dos dados de pesquisa, e menos de 0,1% das submissões são rejeitadas devido à falta de compartilhamento de dados. De acordo com uma pesquisa realizada em 2019 pelo repositório Figshare, o compartilhamento de dados está cada vez mais presente entre as práticas de pesquisadores: enquanto 79% dos respondentes apoiavam uma política mandatória nacional para o compartilhamento aberto de dados de pesquisa e 69% acreditavam que as agências financiadoras deveriam exigir que os dados das pesquisas financiadas fossem compartilhados, apenas 36% dos respondentes temiam que seus dados pudessem ser mal utilizados caso fossem compartilhados.

Alison apresentou como evidência da mudança de cultura em relação à Ciência Aberta o crescente número de usuários registrados na plataforma Open Science Foundation, que oferece ferramentas e infraestrutura para o desenvolvimento de pesquisas seguindo práticas mais abertas. De fato, contar com uma infraestrutura que torne possível colocar em prática os preceitos da Ciência Aberta é um fator fundamental para garantir o seu sucesso, assim como a existência de interfaces amigáveis é importante para facilitar o processo. Comunidades de prática colaboram para normalizar a cultura da Ciência Aberta entre os pesquisadores, entretanto, os incentivos são fundamentais para o sistema de recompensa da produção científica. Finalmente, o desenvolvimento de políticas é o fator que garante a legitimidade da Ciência Aberta junto à comunidade acadêmica e a sociedade em geral.

A palestrante discorreu sobre como a abertura e a transparência podem ser implementadas de forma incremental, tomando como exemplo as orientações da plataforma Open Science Foundation, que estabelece uma escala de níveis para demonstrar a abertura e a transparência de diferentes quesitos dentro de um projeto de pesquisa, como os dados de pesquisa, materiais, metodologia, pré-registro e replicação, entre outros.

Segundo Alison, a PLoS entende que os editores de revistas científicas não estão entre os primeiros a adotar as práticas da Ciência Aberta, e por isso, como forma de acelerar esse progresso, oferece uma série de

ferramentas de apoio para que os pesquisadores comecem a trilhar esse caminho, tanto no âmbito da publicação dos resultados como do próprio processo de produção da pesquisa. No momento, os únicos requisitos obrigatórios para todos os artigos publicados pela PLoS são o uso da licença CC-BY e o compartilhamento aberto dos dados de pesquisa, porém, outros quesitos são recomendados e recompensados, como a criação de *links* para outras plataformas acadêmicas, o pré-registro da pesquisa, a publicação de protocolos e de *preprints*.

Os planos da PLoS incluem evoluir da atual política de dados para uma estratégia de dados mais ampla, que envolve a integração da plataforma com repositórios de dados externos, ferramentas e serviços para aumentar a confiança e a facilidade de reuso e investir em incentivos para o compartilhamento de dados com base em análises estatísticas, além do desenvolvimento de políticas que atendam a realidade local de diferentes comunidades.

Por fim, Alison destacou que a Ciência Aberta deve se guiar por valores universais, como a inclusão e o respeito à diversidade, reprocidade e complementaridade, benefícios que sejam compartilhados por todos, e oportunidades para a educação científica e a participação social.

Apreciação crítica da resenhista

A palestra de Alison Mudditt foi bastante oportuna e esclarecedora, sobretudo em um momento em que a Ciência Aberta passa a ser mais discutida pela comunidade acadêmica no Brasil, tanto como conceito quanto em relação a seus aspectos práticos. Porém, é fato que ainda temos muito a aprender e um longo caminho a percorrer.

Assim, é importante destacar o papel fundamental do acesso aberto na construção de caminhos rumo à Ciência Aberta, tendo em vista que no Brasil e na América Latina o acesso aberto já é uma realidade consolidada pelos sistemas locais de comunicação científica. Porém, esse panorama não deve nos limitar ou sugerir que já fizemos o suficiente. Ficou claro na fala da palestrante que a Ciência Aberta é um conjunto de práticas que podem ser adotadas de forma selecionada e incremental, e quanto mais elementos pudermos incorporar às nossas práticas, mais a comunidade científica e a sociedade em geral se beneficiam dos valores positivos atrelados à Ciência

Aberta, e que visam sobretudo à qualidade dos resultados de pesquisa, como a transparência, o rigor e sua reprodutibilidade.

A palestrante trouxe uma visão bastante ampla sobre os elementos que estão em jogo na Ciência Aberta e como eles se conectam com o universo da publicação científica, alguns dos quais gostaria de destacar a seguir.

O primeiro ponto levantado é a necessidade do uso de padrões de metadados, sobretudo para identificadores persistentes como o DOI (para artigos) e o ORCID (para autores), que são fundamentais para a integração com o ecossistema da Ciência Aberta. Do ponto de vista da editoração científica, temos que considerar que muitas revistas brasileiras ainda não foram capazes de adotar esses padrões por diversos motivos que envolvem tanto limitações de ordem técnica como financeira. A ABEC Brasil tem prestado assessoria e apoio aos seus associados que desejam operar com esses padrões, o que certamente contribui para agilizar sua adoção pelas revistas nacionais.

A apresentação também deu grande destaque para a questão dos dados de pesquisa, porém teria sido útil demarcar a diferença entre compartilhamento e abertura de dados, já que não necessariamente os dados compartilhados podem ser considerados abertos, e mesmo entre os dados abertos existem diversos graus de abertura, segundo os princípios FAIR para gestão de dados de pesquisa, que orienta que os dados devem ser "tão abertos quanto possível, tão fechados quanto necessário".

Fica também um questionamento sobre como se dá a aceitação da cultura dos dados abertos por parte dos pesquisadores brasileiros. Já temos experiências suficientes para sustentar esse debate, ou ficaremos para trás, como em muitos outros aspectos? A meu ver, os editores científicos terão um papel importante em promover essa mudança de cultura sobre a gestão de dados de pesquisa, a partir do estabelecimento de políticas e práticas que caminhem em paralelo com os padrões internacionais. A criação de comunidades de editores e grupos de trabalho sobre o tema poderá tornar esse trabalho mais fácil, e por isso a ABEC Brasil também tem um papel fundamental na articulação dessas políticas e práticas junto aos editores.

Uma área que foi mencionada, porém não muito aprofundada na apresentação, e sobre a qual estamos avançando bastante no Brasil, são os *preprints*. Considerando seu papel no ciclo de vida da comunicação científica, chama a atenção o fato de que parecemos nos preocupar mais com a questão da publicação de resultados de pesquisa e menos com o

processo de produção do conhecimento, reforçando uma tendência do atual sistema de recompensas que valoriza mais os números de produtividade do que a qualidade da pesquisa em si. Entendo que esse é um debate que deve ser feito no âmbito da avaliação acadêmica e que, portanto, foge ao escopo dessa apresentação. Mas deixo como um lembrete.

Finalmente, destaco a fala de Mudditt sobre a importância de ter uma infraestrutura adequada para tornar possível a realização de ações concretas para a Ciência Aberta. Acredito que esse é o próximo passo no qual deveríamos nos empenhar, afinal não será de muita serventia construir políticas – mandatórias ou não – de incentivo à Ciência Aberta se não houver condições de garantir sua efetiva implementação. Porém, é interessante pensar na construção de uma infraestrutura com base em uma estratégia colaborativa, baseada não na sustentabilidade de cada revista individualmente, mas buscando parcerias com outras instâncias, como repositórios de dados, provedores de ferramentas e serviços e agências de financiamento que podem propor incentivos tanto individuais como institucionais para a prática da Ciência Aberta.

Não há como negar a importância e a presença pervasiva da Ciência Aberta, porém é importante focar não somente na necessidade de atender a mais um requisito conjuntural, mas no real sentido de verdadeiramente suprir as demandas que geraram esse movimento, que é a necessidade de fazer uma ciência mais transparente, reprodutível, que permita agilizar o progresso científico e combater as mazelas do atual sistema de avaliação que prioriza o produtivismo sem rigor ou qualidade.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

ALBAGLI, Sarita. Ciência aberta em questão. *In*: ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia; ABDO, Alexandre Hannud (org.). **Ciência aberta, questões abertas**. Brasília: IBICT, 2014. p. 9-25. Disponível em: https://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/1060/1/Ciencia%20aberta_questoes%20abertas_PORTUGUES_DIGITAL%20(5).pdf. Acesso em: 26 maio 2019.

DOYLE, Helen J. The Public Library of Science: Open access from the ground up. **College & Research Libraries News**, [*s. l.*], v. 65, n. 3, 2004. Disponível em: https://crln.acrl.org/index.php/crlnews/article/view/22439/28722. Acesso em: 22 dez. 2020.

FECHER, Benedikt; FRIESIKE, Sascha. **Open science**: one term, five schools of thought. [*s. l.*]: Springer Open, 2014. Disponível em: https://library.oapen.org/bitstream/handle/20.500.12657/28008/2014_Book_OpeningScience.pdf?sequence=1#page=24. Acesso em: 20 dez. 2020.

PARIENTE, Nonia. The future of PLoS Biology. **PLoS Biology**, [*s. l.*], v. 18, n. 3, p. e3000707, 2020. https://doi.org/10.1371/journal.pbio.3000707. Acesso em: 20 dez. 2020.

SOBRE A RESENHISTA
Andréa Ferreira Gonçalves

Doutoranda em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutoranda em História, Política e Bens Culturais pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Mestre em Biblioteconomia pela UFRJ, pós-graduada em Tecnologia da Informação pela New York University e bacharel em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade de São Paulo (USP). Possui extensa experiência na área de comunicação científica e publicação eletrônica, tendo atuado como coordenadora de publicação eletrônica do SciELO, pesquisadora convidada no projeto Redalyc, da Universidad Autónoma del Estado de México, bibliotecária e gerente de publicações na Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York. Atuou também em treinamento para o uso de bases de dados acadêmicas e de negócios e como docente nos cursos de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense (UFF). Colabora em projetos de informação do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict) da Fiocruz. Seus atuais interesses de pesquisa são comunicação científica, ciência aberta, altmetria, preservação digital e relações raciais. É autora do livro "Altmetria para bibliotecários: guia prático de métricas alternativas para avaliação da produção científica". Atualmente, é editora-chefe da revista Mosaico, do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), e membro do Conselho Deliberativo da ABEC Brasil.

http://lattes.cnpq.br/2052432238666012
https://orcid.org/0000-0001-7663-7727
aandreafg@gmail.com

Chapter 11

Open Science for editors I

Rachael Lammey

https://doi.org/10.21452/abec.2021.isbn.978-65-993452-1-0.cap11

This round table focused on three areas of open science: how the work of editors can contribute to the Sustainable Development Goals (SDGs), considerations regarding open peer review, and how metrics and the future of metrics can relate to open research. Open Access (OA) is the predominant publishing model among Brazilian journals, and these three areas can be seen to build on top of OA to give better information to researchers and funders on how research is done and how it goes on to be used by the community. Because of this, they are important topics for Brazilian editors to be aware of so that they can answer questions from their authors and be informed about the potential advantages and disadvantages of these different initiatives for their journals. The round table was coordinated by Mariana Biojone, Senior Editor of Business Development at Springer Brasil.

Editors' ambitions towards the UN Sustainable Development Goals

CAMPBELL, Phillip. Editors' ambitions towards the UN Sustainable Development Goals. *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Lecture]**. Botucatu, SP: ABEC Brazil, 2020. Available at: https://www.abecbrasil.org.br/eventos/meeting_2020/palestras/sexta/philip_campbell.pdf. Accessed on: 10 dec. 2020.

Campbell is currently the Editor-in-Chief of Springer Nature. From 1995-2018 he was the Editor-in-Chief of Nature. He has a PhD in atmospheric physics from the University of Leicester. Following postdoctoral research, he worked at Nature from 1979 to 1988, as Physical Sciences Editor. He was the founding editor of Physics World, published by the UK's Institute of Physics, from 1988 until his return to Nature in 1995.

Philip's publications include scientific papers, and numerous articles in Physics World and Nature. He has written many articles for general publications such as national newspapers, New Scientist and The Economist. For 10 years he was a trustee of Cancer Research UK, and in 2012 became a founding trustee of the research funding charity MQ: Transforming Mental Health. He was Chair of the MQ board of trustees 2015-2019. He was knighted for services to science in 2015. Because of his experience as an editor and his role as a trustee for Cancer Research UK and MQ, Campbell is ideally placed to talk about how the work of editors can contribute to addressing the societal challenges that the Sustainable Development Goals (SDGs) highlight, and how Springer Nature is attempting to address these.

Campbell began his presentation by introducing the United Nation SDGs (https://sdgs.un.org/). These represent 17 challenging goals for the world to achieve by 2030. Campbell acknowledged that the covid-19 pandemic has increased this challenge, but doesn't diminish its importance. The goals include reaching zero poverty and tackling climate change. He highlighted the need to share knowledge related to addressing these challenges, which is a fit with Springer Nature's goal to become more open. Springer Nature is also motivated to develop content that relates to the goals and he sees this effort being mirrored by funders and in different countries.

Achieving the SDGs means going beyond the use of research in academia to its practical application in informing policies and strategies. Campbell began his talk by giving the example of SDG 3, which aims for healthy lives and well-being for all at all ages. He stressed that there is a need to take an approach that considers all countries, and that the research communities from countries particularly affected by specific goals need to be able to contribute to tackling them. SDG 2, zero hunger, currently focuses on helping people get food during the pandemic in any country where there are problems as covid-19 seriously disrupts food supply chains, therefore research into these supply chains is urgently needed. Publishers need to

balance this alongside increased submissions directly related to covid-19, and Campbell felt that they must rise to meet this challenge.

Springer Nature's goal is to ensure that their publications are committed to supporting those who are working on solutions relevant to SDG themes, by engagement between their publishers and editors, and the academic editors and authors of their journals, books series and magazines. Campbell was responsible for helping with the growth of the Nature journal family in this direction, such as the launch of *Nature Climate Change*. Since then, they have gone on to launch titles like *Nature Human Behaviour*, seeing human behaviour at the root of so many of the SDG challenges. They publish Major Reference Works on the themes of sustainability, and a specific SDG series. Their approach also involves collaborating with organizations like CABI (https://www.cabi.org/) who specialise in agriculture research .

Springer Nature is also trying to analyse their content in terms of how it relates to the SDGs. Campbell stressed that the analysis they have is rough, themes such as health and well-being, affordable and clean energy, education and climate action see a lot of content published. Often this is due to availability of funding for research in these areas rather than say, what Springer Nature is or isn't interested in publishing. They see large numbers of books published on the themes of peace, justice and strong institutions due to the preference in the Social Sciences and Humanities for publishing in this format. They have also been analysing their coverage of the SDGs in their outputs to see where they're comparatively 'weak' and could try to correct the balance, and analyse citations of work on SDG-related topics to see how research in the specific areas goes on to be referenced in other literature, and are aware of citations to the work outside scholarly literature e.g. in policy documents.

Campbell summarised Springer Nature's approach to content development in relation to the SDGs as follows:

Strengthen our societal significance and impact across all the themes of the SDGs, across all disciplines and all formats.

Engage with major research efforts that are relevant to policy and practices, often in support of governments, the UN, and public-private collaborations.

An example of this is researcher input into the upcoming UN Oceans Summit (https://www.un.org/en/conferences/ocean2020). A group of world

leaders created a high level plan for looking after the oceans. They appointed a group of scientists across different subject areas to address access, equality and use of the oceans. They have published 'Blue Papers' about their findings, and are supplementing them with academic versions of these that will be published in Nature journals. This is an area where academics are actively trying to help policy makers and heads of state make decisions. Another example was a paper published in Nature about sharing data on techniques employed in agriculture to help the productivity of Chinese farmers. Bill Gates took this and helped found a company that took this knowledge and decided to spread it to those who could use it in their practices.

Campbell concluded his talk by acknowledging that having an impact on non-academics remains a big challenge. Springer Nature has launched books for policy makers, and a policy brief has been started in Nature Journals - a short summary of a paper aimed explicitly at policy makers (Nature Energy has examples of these). Campbell added that, with creative thinking, editors can try to grow content in areas that address societal challenges and try to make an impact.

Open Peer Review: pros, cons and considerations

ALAM, Sabina. Open Peer Review: pros, cons and considerations**.** *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Lecture]**. Botucatu, SP: ABEC Brazil, 2020. Available at: https://www.abecbrasil.org.br/eventos/meeting_2020/palestras/sexta/sabina_alam.pdf. Accessed on: 14. nov. 2020.

The second presentation in the session was from Dr Sabina Alam, the Director of Publishing Ethics and Integrity at Taylor and Francis Group. After completing a PhD in neuroimmunology from the University of Bath, and then a postdoctoral position in neuroscience at the School of Pharmacy in London, Sabina moved from research into scientific publishing in 2008, at BioMed Central. She became the Chief Editor of the flagship open access, open peer review journal, BMC Medicine from 2011-2016.

In 2017, Sabina moved to F1000 where she was the Editorial Director of F1000 Platforms, which publishes original multidisciplinary scholarly content on an innovative post-publication open peer review model. Over the years Sabina has led or collaborated in various peer review and publishing initiatives with academics and other publishing professionals, so is well-

placed to talk about the considerations needed when it comes to open peer review for editors in Brazil. Sabina joined Taylor and Francis Group in September 2018, and leads the Publishing Ethics and Integrity team on providing expert advice and support on ethical, research integrity, peer review and policy matters with the aim of minimising risk and ensuring compliance to the highest publication ethics standards.

Alam introduced peer review as the independent evaluation of research findings and other types of scholarly outputs to assess validity, significance, quality and originality, by qualified experts (peers) who also provide advice on suitability for publication. However, Alam also noted that peer review can be complex, inconsistent (there are differences between reviewer comments that editors have to arbitrate between), timebound (people are busy and it can feel slow for everyone!), based on trust ('peer reviewed as a proxy for trust"), can be manipulated, can be biased, difficult to assess "quality", and it's conducted by humans which can of course lead to all of these complexities.

Different publishers and journals use different models of peer review. This can also be confusing, and Alam is involved in an STM group (https://www.stm-assoc.org/standards-technology/2020-stm-research-data-year/peer-review-taxonomy-project/) trying to define a standard taxonomy for peer review so that there can be consistency over what terms like single anonymous, double anonymous, triple anonymous or visible review should be understood to mean.

The model of open peer review was driven by the medical field as it was felt to be important to see who and what were driving the decisions being made on a paper. There are also different types of open peer review, where the reviewer identity is visible to a) the editor and authors, b) the editor, authors and other reviewers, c) visible to the editor, authors, other reviewers and readers, if the article is published or d) visible to all throughout the process, from submission to completing peer review. This last option is what F1000 Research follows as its open peer review model. Alam shared examples of different open peer review models from a range of publications including the Research Integrity Journal, the BMJ and F1000 Research (part of Taylor & Francis).

In terms of what open or visible peer review offers, Alam highlighted areas such as increased accountability, the incentives it offers for constructive review (Alam felt this was the case in her experience), the fact that it gives

transparency for readers on editorial decisions and competing interests, and can increase trust in content (especially important in clinical research). Importantly, it credits reviewers, and in some models the review can be independently cited if it is published alongside the article.

Alam acknowledged challenges with the visible/open peer review model. One of the most common complaints was that reviewers may feel hesitant to give negative comments openly, especially where high-profile authors are concerned. It may lead to an 'echo chamber' effect' where people are only prepared to share positive reviews, and it may be a struggle to get reviews for content that is controversial or political in nature. These factors all point to reasons why some communities are more open to this model than others.

Alam closed with some advice on what editors should consider if they are thinking about opening peer review on their journals e.g. what the attitudes of their community are towards different types of review, what the technical capabilities of their systems/publishing platforms are, the importance of making sure instructions for reviewers are clear so they know what will be shared openly, thinking about if the review reports be transported with the paper if it was passed to another journal, if you also let the reviewer make confidential comments to the editor, and do you want to publish all the peer review-related information, especially in print versions of the journal. These are all important things for editors to consider when contemplating an open peer review model for their publications.

The future of metrics on Open Science

LAMMEY, Rachael. The future of metrics on Open Science. *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Lecture]**. Botucatu, SP: ABEC Brazil, 2020. Available at: https://www.abecbrasil.org.br/eventos/meeting_2020/palestras/sexta/rachael_lammey.pdf. Accessed on: 15 nov. 2020.

I was the final presenter in the session, and joined the meeting to talk about the future of metrics in Open Science and where Crossref is contributing to this. Metrics are relevant in terms of how content is cited and assessed, two aspects of Crossref's mission (https://www.crossref.org/about/).

Many Brazilian editors are familiar with Crossref because they have assigned Digital Object Identifiers (DOIs) to their journal articles. In the

context of metrics, DOIs are useful as they uniquely identify a piece of content so that anyone knows specifically what is being cited, and Crossref also has services like Reference Linking and Cited-by that create and use citation and reference information. Crossref makes this information openly available so that other tools and services can use it.

Making the citation information associated with content registered with Crossref openly available is possible - SciELO does this (members can see via Crossref Participation Reports https://www.crossref.org/members/prep/530) and the availability of this citation data supports initiatives like The Initiative for Open Citations (https://i4oc.org/). I gave PLoS as an example that uses Crossref information to show citation information, and also connects the published article to its preprint version, and therefore to the citations and other alternative metrics for the preprint.

I also wanted to highlight some thinking around alternative metrics. PLoS was an early leader in trying to provide open information on alternative metrics for the community, so that these could be used appropriately. Joe Wass, Head of Software Development at Crossref, wrote some principles for open metrics to share his thoughts on what it means for metrics to be open and to reflect the diversity of the audiences who may want to use them.

Other developments that the community is seeing in the metrics space are an interest in recognising research outputs other than journal articles. Make Data Count (https://makedatacount.org/) is looking at open metrics for data to help incentivise researchers to cite and share data, and the European OPERAS project (https://www.operas-eu.org/) is interested in providing open metrics information for OA books in the Social Sciences and Humanities. I also highlighted some metrics around openness itself. The TOP Factor from the Center for Open Science has received attention in other talks in the meeting. It provides ratings for a journal based on things like how transparent and open they are e.g. if they encourage data sharing, preregistration, and their use of open science badges. This can help the community aspire to specific standards and help researchers compare a range of journals to help them decide where to submit. Work is also being done on a Knowledge Exchange Openness Profile, looking at recognising non-academic contributions to open scholarship e.g. opening up data and sharing other research materials.

My final point concerns metrics literacy. It is important for anyone using metrics to be aware of how to use these responsibly and align them with academic aims and values, including supporting research assessment reform to make sure that researchers are being evaluated fairly. DORA for example, works at the publisher, funder & research institution-level and asks organizations to commit to moving away from reliance on opaque metrics and the impact factor to recognise and reward researchers. The Leiden Manifesto also calls for a more nuanced view to evaluate researchers.

I summarised by saying that open metrics are becoming more transparent, granular and are expanding to cover more content types. More tools are integrating this information for their communities who want to move away from using a number to evaluate research and do smarter things to see how research is communicated, shared and used.

Critical review by the reviewer

An overall theme of the presentations was Open Science for Editors, and it's clear due to the broad themes covered that open science and open research can be relevant in different contexts for editors. As a community, we no longer just talking about OA in terms of making subscription content openly available, but also how to evaluate it openly (via peer review and metrics), and looking at how it can contribute towards solving wider societal problems. These are important things to think about for editors, but it doesn't mean that editors suddenly need to adopt all of these initiatives for their publications! As Alam noted, people are busy and have many other commitments outside their roles as editors and reviewers. But it is useful to be aware of them in the context of what and how your journals publish.

I'd suggest that there are possible interim measures that editors can take. For example, if the idea of sharing more information on the peer review process appeals to you - and this might be a big strength of your journal - then there are steps that you could take on the way to open peer review. For example, you could survey your authors and advisory board to ask if open peer review is something your community would find value in? Are there drawbacks other than those Alam highlighted? Or could you make revealing the reviewer name an optional field for reviewers? That way, it is the reviewer's choice to be open and you can see how this trend develops over time.

Similarly, on metrics, I do not think it's possible for an editor to keep on top of all of the new developments in metrics that are happening. But I think editors can listen to their community, see what other journals are doing and stay informed by attending conference sessions on the subject, many of which are now running online and recorded, making them easier to access than having to attend an in-person meeting. With many journals in Brazil using Open Journal Systems (OJS), plug-ins to support metrics may be a good place to start, to save the technical implementation work. I would also say that some metrics from commercial providers do have a cost attached so it is always worth doing some investigation before you start using them. This is all part of metrics literacy and trying to make sure that any metrics you do use for your journal have use and meaning for your authors. One of the questions in the session also asked about how to get institutions to employ metrics literacy and sign up to initiatives like DORA, and I'd acknowledge that there is still work to do here to increase adoption and knowledge.

Finally, it is useful for editors to be aware of the SDGs and the role that published research can play in working towards these important aims. I think it helps to think beyond the act of publishing research to what the effects of that research might be, and I also think that making the information openly available is key. If you are advocating for new, more efficient farming practices, that information needs to be made openly available to those who might want to use it, and it is also useful to consider making clear suggestions in a paper as to how its findings might inform policy.

The Nature journals and Springer Nature in general are well-placed to try to tackle the SDGs and should be credited for taking a specific and targeted strategy towards these. It's worth acknowledging that Springer Nature are well-resourced and have high-profile publications that support the publication and promotion of these aims. They also have a growing range of publications - books and journals - that cover a wide range of topics and subject areas, whereas it is more of a challenge for an individual editor on one journal to put their efforts in this direction. One suggestion could be to think about having a special issue of a journal with a focus on research around a specific SDG, or working with an organization like SciELO or ABEC Brasil to compile a collection of this work based on Brazilian research and publications. As Campbell said, it's key for the research in these areas to be global and

representative. Collections like this can then be promoted centrally (like resources that have been created around covid-19) to increase their visibility.

In conclusion, I think the presentations contained a wealth of information and lots of ideas that editors can evaluate for their journals. They were also balanced, for example Alam was careful to emphasise some of the potential drawbacks of open peer review, and Campbell acknowledged gaps in the coverage of aspects of the SDGs across the Springer Nature portfolio. I make the point about metrics that sometimes people do like to use a number, like the impact factor to make speedy decisions about the calibre of a piece of research, whereas we all know that the only way to do that is to critically read the research itself and the information behind it (if available - and this is where openness comes in again).

There is a lot of evolution in scholarly communication, and editors can help with this and change publication practices for the better in their communities, in a way that still supports those communities and makes them feel comfortable with new initiatives that will support their how they work, and the dissemination of their research.

SUGGESTED BIBLIOGRAPHY

Editors' ambitions towards the UN Sustainable Development Goals

CAMPBELL, Philip. **The springer nature sustainable development goals programme**. [2020]. Available at: https://www.springernature.com/gp/researchers/sdg-programme. Access in: 5 jan. 2021.

ONU. **Take Action for the Sustainable Development Goals**. [2020]. Available at: https://www.un.org/sustainabledevelopment/sustainable-development-goals/. Access in: 5 jan. 2021.

Open Peer Review: pros, cons and considerations

KOWALCZUK, Maria. K. *et al*. Retrospective analysis of the quality of reports by author-suggested and non-author-suggested reviewers in journals operating on open or single-blind peer review models. **BMJ Open**, [*s. l.*], v. 5, n. e008707, p. 1-9, Sep. 2015. Available at: https://bmjopen.bmj.com/content/bmjopen/5/9/e008707.full.pdf. Access in: 5 jan. 2021.

ROSS-HELLAUER, Tony. What is open peer review? A systematic review [version 2; peer review: 4 approved]. **F1000Research**, [*s. l.*], v. 6, n. 588, p. 1-38, May 2017. https://doi.org/10.12688/f1000research.11369.2. Access in: 5 jan. 2021.

ROSS-HELLAUER, Tony; DEPPE, Arvid; SCHMIDT, Birgit. Survey on open peer review: Attitudes and experience amongst editors, authors and reviewers. **PLoS ONE**, [*s. l.*], v. 12, n. e0189311, p. 1-28, Dec. 2017. https://doi.org/10.1371/journal.pone.0189311. Access in: 5 jan. 2021.

ROSS-HELLAUER, Tony; GÖRÖGH, Edit. Guidelines for open peer review implementation. **Research Integrity and Peer Review**, [*s. l.*], v. 4, n. 4, p. 2-12, 2019. https://doi.org/10.1186/s41073-019-0063-9. Access in: 5 jan. 2021.

SCHMIDT, Birgit. *et al*. Ten considerations for open peer review [version 1; peer review: 2 approved]. **F1000Research**, [*s. l.*], v. 7, n. 969, p. 1-11, Sep. 2018. https://doi.org/10.12688/f1000research.15334.1. Access in: 5 jan. 2021.

The future of metrics on Open Science

WASS, Joe. **Five principles for community altmetrics data**. 2018. Available at: http://altmetrics.org/wp-content/uploads/2018/04/altmetrics18_paper_4_Wass.pdf. Access in: 5 jan. 2021.

WOOLSTON, Chris. TOP Factor rates journals on transparency, openness. **Blog Nature Index**, 18 feb. 2020. Available at: https://www.natureindex.com/news-blog/top-factor-rates-journals-on-transparency-openness. Access in: 5 jan. 2021.

ABOUT THE REVIEWER

Rachael Lammey

Based in Oxford, Rachael worked for Taylor & Francis for six years before joining Crossref in 2012. She worked in Product Management at Crossref before moving over to the Member & Community Outreach team in 2016, where she is acting as interim Community Director. Rachael's areas of expertise and interest include Metadata (and Crossref's REST API), preprints, text mining, funding data, and scholarly publishing. She has a degree in English Language and Literature from the University of St. Andrews and a MLitt in Publishing Studies from the University of Stirling.

https://orcid.org/0000-0001-5800-1434

Capítulo 12

Open Science for editors II

Germana Barata

https://doi.org/10.21452/abec.2021.isbn.978-65-993452-1-0.cap12

Em 2021 entra em vigor na União Europeia o chamado "Plano S", que colocará mais pressão na comunidade acadêmica, financiada com recursos públicos, para que compartilhe dados de pesquisa, pareceres, artigos, *softwares* e quaisquer informações que contribuam para que o processo de construção do conhecimento seja mais transparente, aberto, ético e reproduzível.

Nesta segunda mesa-redonda Ciência Aberta para editores, o *ABEC Meeting Live 2020* reuniu três especialistas que trataram de Ciência Aberta a partir de experiências distintas: o professor adjunto da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Emerson Del Ponte, trouxe o exemplo de como a revista Tropical Plant Pathology, na qual atua como editor-chefe, motivou os autores e editores para o compartilhamento de dados, até que este se torne obrigatório; Wilson López López, professor da Pontifícia Universidade Javeriana da Colômbia e editor da revista Universitas Psychologica, trouxe contribuições para que os editores se preparem para o "Plano S"; e Abel Packer, cofundador e diretor do SciELO, um dos principais indexadores de revistas científicas de acesso aberto da América Latina e do mundo, trouxe para o debate os *preprints* - manuscritos científicos ainda sem revisão por pares, mas disponibilizados em acesso aberto *on-line* em um ano em que os *preprints* tiveram papel-chave no avanço do conhecimento sobre o novo coronavírus, causador da covid-19.

Devemos abrir os dados?

PONTE, Emerson Del. Should we (ask authors to) open (their) data? *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Palestra]**. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2020. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/eventos/meeting_2020/palestras/sexta/emerson_del_ponte.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

Emerson Del Ponte é engenheiro agrônomo, doutor em Fitopatologia pela Universidade Federal de Pelotas e com estágio sanduíche na Universidade Cornell, nos Estados Unidos. É professor associado do Departamento de Fitopatologia da Universidade Federal de Viçosa (UFV), responsável pelo ensino e pesquisa em Epidemiologia e Análise de Dados em Fitopatologias. Atua como editor-chefe da revista Tropical Plant Pathology (2017-2021), uma publicação ligada à Sociedade Brasileira de Fitopatologia, da qual ele é membro. Del Ponte é cofundador da iniciativa global Open Plant Pathology, que incentiva práticas de Ciência Aberta e a adoção de boas práticas na pesquisa em fitopatologia reproduzível, e é bolsista produtividade CNPq.

Para tratar de Ciência Aberta, diz, não basta aguardar que as agências de fomento e instituições de pesquisa iniciem suas políticas de incentivo para que haja mudança na prática científica. É preciso que a Ciência Aberta faça parte da cultura da editoração científica. Ao considerar que as revistas científicas são um importante instrumento que baliza as boas práticas acadêmicas, sugere que iniciar demandas e pressões dentro de publicações de prestígio e relevância acadêmica pode resultar em um efeito cascata importantíssimo na ciência nacional e mundial.

É sabendo de seu importante papel como editor científico que Emerson Del Ponte compartilhou sua experiência e pontos de vista sobre a necessária e urgente mudança em direção ao compartilhamento de dados científicos de forma aberta. Editor-chefe da Tropical Plant Pathology, revista com 44 anos de existência e grande prestígio na fitopatologia nacional e mundial, Emerson mostrou como as mudanças editoriais precisam ser planejadas a médio e longo prazos. Exemplificou a crescente internacionalização da revista, iniciada em 2008, quando ainda se chamava Fitopatologia Brasileira, para então ganhar um título internacional e passar por um processo que durou cinco anos até que todos os artigos passassem a ser publicados em inglês. A revista encerrou a versão impressa em 2013 e passou a fazer parte da editora Springer em 2015. Segundo o editor, apenas em 2017 a Tropical

realmente passou a ser considerada internacional, com um corpo editorial formado por 65% de membros originários de 12 países. De lá para cá, o Fator de Impacto (FI) passou a barreira de um ponto, saindo de 0.8 (2017) para 1.25 (2019). Conforme enfatizou, as coisas não ocorrem imediatamente; o processo de internacionalização levou 12 anos para se concretizar.

Além da internacionalização, a edição de números temáticos foi um divisor de águas que impulsionou a visibilidade e o número de citações dos artigos. Em comparação a outras revistas da área, a Tropical Plant Pathology se coloca em situação mediana, mas é também a revista que mais cresce na área de fitopatologia, atualmente com cerca de 50% dos artigos de autoria de cientistas brasileiros, mas com grande colaboração vinda de países como China e Índia. O fato de a publicação pertencer à Sociedade Brasileira de Fitopatologia faz dela uma importante referência.

A partir desta contextualização, Emerson argumentou que apenas incluir orientações para os autores para que abram os dados não se mostrou efetivo. Foi necessário adotar uma política de compartilhamento de dados do tipo 3 para encorajar os autores a praticarem a Ciência Aberta, incluída uma declaração de compartilhamento de dados que precisa ser assinada por todos os autores de artigos submetidos à revista. A declaração é uma etapa anterior à obrigatoriedade de evidência de compartilhamento de dados que deverá futuramente incluir a revisão por pares desses dados.

A adoção da política partiu de uma análise de 300 artigos da área de fitopatologia que mostrou que apenas cerca de 10% compartilham dados abertos. O receio em publicar os dados de pesquisa, aponta o editor, está ligado em parte ao desconhecimento e à falta de demanda.

A necessidade de mudança, acredita, precisa partir de pressões pelas agências de fomento ou pelas revistas científicas. A Tropical Plant Pathology não apenas aumentou a pressão sobre os autores, mas forneceu ferramentas para melhorar a conscientização e capacitação nessa direção, por exemplo, com dicas de repositórios para o compartilhamento de dados com qualidade e modelos de declaração, além de ter publicado editorial explicando as razões e a relevância do compartilhamento. Breve a revista também passará a contar com um time de editores de reprodutibilidade de dados para atuar diretamente com os autores, no sentido de os encorajarem a mudar a cultura de publicação de dados para a forma aberta.

Para uma mudança efetiva da cultura científica em direção ao compartilhamento aberto de dados, Emerson acredita que é preciso que os cursos de pós-graduação incluam a Ciência de Dados na formação dos alunos, para que entendam que o compartilhamento de dados não começa na submissão, mas muito antes. Outra mudança importante são as promoções e processos seletivos da Academia, que precisam valorizar mais outros produtos da ciência e não apenas artigos. E, se possível, fazer com que essa cultura da Ciência Aberta seja disseminada e não venha de cima pra baixo, mas que pesquisadores e editores se conscientizem que a ciência tenha transparência e também benefícios com o impacto de citações - como alguns estudos têm demonstrado - quando compartilhados dados.

O "Plano S" dentro do ecossistema de conhecimento: os desafios das revistas da América Latina

LÓPEZ, Wilson López. El plan S dentro del ecosistema de conocimiento: los retos de las revistas de América Latina. *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Palestra]**. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2020. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/eventos/meeting_2020/palestras/sexta/wilson_lopez_lopez.pdf. Acesso em: 17 nov. 2020.

Wilson López López é doutor em Psicologia pela Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha, professor da Pontifícia Universidade Javeriana, na Colômbia, e editor da Universitas Psychologica. Lopez realiza pesquisas sobre meios de comunicação de massa e conflitos sociais e coordena a rede de editores de revistas científicas de psicologia da Iberoamérica. Foi membro do comitê científico do indexador latinoamericano Redalyc, é membro do SciELO Colômbia e do comitê da Publindex na Colômbia e embaixador do "Plano S". Também atua como colunista de opinião na revista Semana e no jornal El Espectador.

Cada vez está mais claro que estamos num ecossistema de conhecimento em que atores, processos e contextos estão em permanente interação, iniciou. Nesta complexa relação estão articulados elementos fundamentais para a governança da ciência. É a partir desse contexto que Wilson traz suas análises sobre o "Plano S", formado por 23 organizações da denominada 'cOAlisão S' e em vigor a partir de janeiro de 2021, certamente com forte influência nos processos de publicação científica. Dentre as iniciativas da 'cOAlisão S' está a chamada Declaração de São Paulo, assinada em maio de 2019 por cinco iniciativas mundiais de acesso aberto, incluindo o SciELO.

Segundo Wilson, as organizações da ‘cOAlisão S’ objetivam acelerar o acesso aberto das publicações de produtos de pesquisa, promover total transparência nos processos e custos de produção e comunicação científica, realizar a transição econômica do modelo de assinatura para o sistema de acesso aberto e utilizar fundos como pressão econômica para direcionar a publicação para o acesso aberto de forma imediata e completa. Em se tratando de um processo de transição econômica, os princípios e exigências estarão mediados por essa transição.

Os princípios devem, segundo ele, estar baseados no modelo “diamante” de acesso aberto, em que não haja barreiras de pagamento, nem atrasos na publicação, tampouco cessão de direitos autorais ou modelos híbridos, a não ser que a revista prove que seja parte de uma fase de transição. Dentre os princípios estão: maior transparência e acessibilidade de taxas de publicação, contratos e serviços; taxas de publicação em acesso aberto que passem a ser pagas por financiadores de pesquisa e não por autores de artigos; que agregue vias distintas de publicação em acesso aberto; e que os financiadores de pesquisa passem a avaliar os trabalhos acadêmicos por seus méritos e não pelas bases de indexação ou pelas revistas com fator de impacto, ou seja, que atendam aos chamados Princípios de DORA - Declaração de São Francisco sobre Avaliação de Pesquisa.

De acordo com o “Plano S”, as publicações que resultarem de pesquisas financiadas com recursos de organizações da ‘cOAlisão S’ deverão ser publicadas em acesso aberto - arranjos transitórios serão apoiados até o prazo final de 2024.

São três vias distintas para alcançar 100% de artigos em acesso aberto: acesso em “via dourada” (ou diamante), em que o autor publica em revistas de acesso aberto completo e os financiadores de pesquisa da ‘cOAlisão S’ pagam pelas taxas de publicação; em “via verde”, na qual o autor publica em revista de acesso restrito, mas disponibiliza o artigo em repositório institucional em acesso aberto (nesta via, as financiadoras não pagam pela taxa de publicação nessas revistas); e em “via transitória”, em que as revistas ainda estão entre modelo híbrido e aberto, mas os da ‘cOAlisão S’ podem pagar pelas taxas de submissão por entenderem que se trata de um período de transição.

Wilson apontou que uma das estratégias mais relevantes da ‘cOAlisão S’ é que todos os artigos publicados que sejam resultado de financiamento

parcial ou total de organizações signatárias deverão ser depositados em repositório de "via verde" no mesmo momento da publicação na revista e com direitos autorais em licença pública CC-BY, sem período de embargo, e que informem o tipo de licença pública utilizada e o financiamento do artigo, informações estas que devem constar nos artigos submetidos e aprovados.

Durante o período de transição as revistas poderão acessar o Journal Checker Tool, ferramenta disponível para que publicações que estejam desenvolvendo critérios em direção a uma das três vias de acesso aberto disponibilizem a opção de direitos autorais CC-BY que garanta autoria aos beneficiários dos financiamentos da 'cOAlisão S', e não às revistas ou editoras, como ocorre por exemplo em periódicos de acesso restrito.

Cerca de 150 editoras responsáveis por 95% das publicações científicas foram informadas dessas mudanças pela 'cOAlisão S'. Há, conforme o conferencista, uma preocupação de que haja intensos debates e oficinas com as editoras para conscientizá-las sobre as mudanças e informá-las acerca das estratégias a serem adotadas.

A 'cOAlisão S' propõe uma fórmula-modelo para signatários a ser incluída nos artigos submetidos a partir de 2021: "Essa pesquisa foi financiada total ou parcialmente por [*nome da fundação, número de processo*]; em função do acesso aberto, o autor aplica direitos autorais de licença CC-BY para qualquer versão de manuscrito aceito do autor a partir desta submissão". Nesse sentido, a licença CC-BY de publicações resultantes de financiamento de organizações signatárias têm precedência jurídica sobre qualquer acordo anterior relativo à transferência de direitos do autor à editora.

Wilson López mencionou que a 'cOAlisão S' também pressiona por maior transparência e acessibilidade nos preços de serviços editoriais em acesso aberto - a partir de julho de 2022, apenas as editoras que atenderem ao regimento da 'cOAlisão S' poderão receber financiamentos para publicação.

O "Plano S", conclui, forma parte do movimento mais amplo de Ciência Aberta. Para realizar o acesso aberto completo e imediato é necessária a colaboração global de financiadores, instituições, pesquisadores e editoras. Em resumo, Wilson destacou os principais desafios que as revistas científicas deverão enfrentar com a implementação do "Plano S": trabalhar pela sustentabilidade global do acesso aberto, assegurar a preservação dos conteúdos, construir e incorporar novas formas de avaliação de produção e comunicação de pesquisa, implementar a comunicação entre as revistas que

editam no sistema OJS e trabalhar para uma aliança global de bibliodiversidade - elemento que definiu como chave para promover o acesso aberto.

Preprints: desafios para o futuro

PACKER, Abel L. Preprints: challenges for the future. *In*: ABEC MEETING LIVE, 4., 2020, Botucatu, SP. **[Palestra]**. Botucatu, SP: ABEC Brasil, 2020. Disponível em: https://www.abecbrasil.org.br/eventos/meeting_2020/palestras/sexta/abel_packer.pdf. Acesso em 17 nov. 2020.

Abel Packer é cofundador e diretor do Programa SciELO (Scientific Electronic Library Online), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), repositório de revistas científicas em acesso aberto lançado em 1997. É mestre em biblioteconomia e bacharel em Ciências e coordena projetos da Fundação Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) desde junho de 2010. Atuou como Diretor do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme) e da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS). Participou ativamente na concepção, administração, operação e disseminação de grandes redes de informações científicas multilingue na América Latina e Caribe, como a Latin American Population Documentation System (DOCPAL), a Biblioteca Virtual de Saúde (VHL) e a Rede SciELO, que publica cerca de mil periódicos de 15 países, a maioria da América Latina, além de Portugal, Espanha e África do Sul.

Abel Packer iniciou sua fala lembrando que o SciELO surgiu a partir de uma parceria com a ABEC Brasil. Com base na experiência com o recém-lançado repositório de *preprints* do SciELO, ativo desde maio de 2020, enfatizou o papel da internet como "meio que estrutura a pesquisa e sua comunicação", responsável por um rompimento com a intermediação entre conhecimento científico e comunidade acadêmica que antes existia e que passou a ser um processo que ele considerou disruptivo, de convergência e com o desaparecimento de atores, ou seja, um processo transformativo.

O conhecimento como bem público é apontado por Packer como chave para se pensar os novos rumos da informação científica. Nesse contexto, os *preprints* ocupam lugar de destaque, sobretudo em ano de pandemia da covid-19. Segundo o conferencista, o SciELO define *preprint* como "um manuscrito pronto para ser submetido a um periódico ou já aprovado por um periódico em processo de publicação aceito para disponibilização em acesso aberto em um servidor de *preprints*".

Dentre as revistas científicas da coleção SciELO, os artigos levam, em média, 6 meses para serem aprovados e publicados, tempo que Packer considera ainda demorado se considerarmos o tempo que o conhecimento leva para ficar disponível à sociedade, embora aceitável no processo de avaliação por pares.

De acordo com um levantamento da Accelerating Science and Publication in biology (ASAPbio) em servidores de *preprints* apresentados pelo conferencista, a maioria está sob a responsabilidade de *publishers* (editoras comerciais), seguido por instituições acadêmicas. Ou seja, para aqueles que pensam em servidores de *preprints* como uma alternativa às editoras comerciais, chama a atenção que estas estejam à frente de outros atores - como as instituições públicas - também neste ecossistema de comunicação acadêmica.

Dentre as vantagens de se publicar *preprints*, Abel Packer pontuou a rapidez da disponibilização da informação científica, a prioridade na autoria das descobertas e resultados de pesquisa, a transparência nos processos de construção de conhecimento, a comunicação de inovações e até mesmo de resultados negativos de pesquisa (geralmente negligenciados em artigos científicos), a possibilidade de disponibilizar informações em acesso aberto, de modo gratuito, e a oportunidade de atualizar as informações e aperfeiçoar os manuscritos, o que permite, inclusive, o acompanhamento das várias versões do artigo até seu formato final publicado.

O diretor do SciELO enfatizou que o *preprint* marca o início de um fluxo da publicação de artigos, passando a produzir dados sobre a evolução dos manuscritos produzidos, processados e aceitos para publicação por área do conhecimento. Dentre as revistas da coleção SciELO, por exemplo, menciona que há uma média de rejeição de 78%, podendo ser maior nas ciências sociais aplicadas e menor na linguística, letras e artes, e com tempo médio de 5 a 7 meses entre a submissão e publicação, com melhor agilidade na saúde.

Os *preprints*, nesse cenário, alteram o processo de publicação, na medida em que as revistas científicas passam a não priorizar a publicação de conhecimento inédito - uma vez que já estaria disponibilizado o conhecimento como manuscrito - mas sim as pesquisas originais. Também há impacto no processo de revisão por pares duplo-cego - aquele em que pareceristas e autores não têm sua identidade revelada. Packer citou o serviço de gestão de

revistas científicas ScholarOne, em que uma média de 70% das publicações usam o sistema duplo-cego para avaliação dos artigos e que passariam a adotar o sistema *single-blind*, em que apenas o parecerista é desconhecido pelos autores - um processo bastante disruptivo perante a situação atual.

Abel Packer finalizou lembrando que o maior desafio para as revistas científicas é a necessidade de renovação e atualização das políticas e gestão editoriais e a escolha de servidores confiáveis. Além disso, os periódicos precisarão agregar as informações relativas aos manuscritos a artigos que eventualmente sejam publicados, por exemplo, informando os pareceristas e o público leitor sobre a existência de outras versões, com *links* de acesso, com definição sobre as quantidades permitidas de referências em artigos que incluam *preprints* e, sobretudo, a mudança para a cultura de acesso aberto. Para os autores, os desafios começam com a decisão de publicar *preprints*, afinal, há ainda grande desconhecimento e ausência de políticas nacional e institucional, incluídas aí as agências financiadoras, que contribuam para uma mudança na cultura dos *preprints*.

Apreciação crítica da resenhista

A Ciência Aberta não é nova na América Latina, mas nos últimos anos tem se tornado tema de debate para conscientizar a comunidade acadêmica para a urgência de uma prática mais ampla e valorizada. A internet e as redes sociais revolucionaram a comunicação e desse impacto não ficaram de fora as revistas científicas, que passaram a ter seus artigos acessados, comentados e compartilhados por cientistas e por não-especialistas. Nesta mesa, coordenada por mim, os especialistas trouxeram para o debate uma mudança de cultura que já está em curso e que precisa ser absorvida e praticada pela comunidade acadêmica.

No Brasil, muitas iniciativas têm sensibilizado a comunidade científica para sua importância, mas ainda há um longo caminho para maior conscientização, capacitação e mudança real em direção a uma cultura da Ciência Aberta. A pandemia da covid-19 expôs a necessidade de disponibilizar as informações científicas de forma mais rápida, transparente e colaborativa. A Ciência Aberta sai do plano dos conceitos e parte para o plano de ações concretas.

O “Plano S”, adotado por países da União Europeia, impacta os demais países em uma “reação dominó” improvável de ser brecada. Mais do que

seguir os passos de países desenvolvidos, a América Latina, com especial destaque para o Brasil, é pioneira e praticante do acesso aberto, bem exemplificado com o indexador de revistas científicas SciELO, de fundamental importância para a mudança no padrão do processo e qualidade editorial das publicações científicas da região.

O que os conferencistas deixaram claro é que não há volta neste turbilhão de mudanças que sofre a comunicação científica, e que elas são benéficas, pois tornarão a construção do conhecimento científico ainda mais rápido, colaborativo e transparente, seguindo os chamados princípios FAIR (na sigla em inglês): encontráveis, acessíveis, interoperáveis e reutilizáveis.

Importante lembrar que a ABEC Brasil também lançou, em 2020, em parceria com o Ibict e a Unesco, seu repositório de *preprints*: o EmeRI (Emerging Research Information). Em ambos repositórios brasileiros, a desconfiança inicial que parte das pessoas sente em relação aos *preprints* é mitigada com filtros de qualidade, que passam a responsabilidade pelo depósito dos *preprints* para as mãos de editores de revistas e comitês dos repositórios - ao contrário do que normalmente ocorre em repositórios internacionais, em que fica com os autores.

A Ciência Aberta já é uma realidade e a partir de 2021 entra com força na política científica mundial.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

Devemos abrir os dados?

FERGUNSON, Liz. **How and Why Researchers Share Data (and Why They don't)**. 2014. Disponível em: https://www.wiley.com/network/researchers/licensing-and-open-access/how-and-why-researchers-share-data-and-why-they-dont. Acesso em: 28 dez. 2020.

PONTE, Emerson Medeiros. del. Towards a more open and transparent plant pathology research. **Tropical Plant Pathology**, [*s. l.*], v. 45, p. 361–362, Ago. 2020.

SCHIESSL, Ingrid T.; BARCELOS, Janinne. Comunicação na ciência aberta: depósito e disseminação de dados. *In*: SHINTAKU, Milton; SALES, Luana Farias (orgs.) **Ciência aberta para editores científicos**. Botucatu, SP: ABEC, 2019. cap. 7, p. 51-58.

O Plano S dentro do ecossistema de conhecimento: os desafios das revistas da América Latina

LÓPEZ-LÓPEZ, Wilson. Knowledge Ecosystem in Latin America: Open Access, Metrics, Paradox and Contradictions. **Universitas Psychologica**, Bogotá, CO, v. 18, n. 4, p. 1-3, 2019. Disponível em: https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/article/view/28647. Acesso em: 28 dez. 2020.

MARQUES, Fabrício. **O futuro do acesso aberto**. 2016. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/o-futuro-do-acesso-aberto/. Acesso em: 28 dez. 2020.

SCHILTZ, Marc. **Science without publication paywalls a preamble to**: cOAlition S for the Realisation of Full and Immediate Open Access. [2020]. Disponível em: https://www.coalition-s.org/wp-content/uploads/cOAlitionS_Preamble.pdf. Acesso em: 28 dez. 2020.

SILVA, Fabiano Couto Corrêa da; SILVEIRA, Lúcia da. O ecossistema da ciência aberta. **TransInformação**, Campinas, SP, v. 31, n. e190001, p. 1-13, sep. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/tinf/v31/2318-0889-tinf-31-e190001.pdf. Acesso em: 28 dez. 2020.

***Preprints*: desafios para o futuro**

BARATA, Germana. Pandemia acelera produção e acesso a preprints. **Blog Ciência em Revista**, 17 abr. 2020. Disponível em: https://www.blogs.unicamp.br/cienciaemrevista/2020/04/17/preprints/. Acesso em: 21 dez. 2020.

FRASER, Nicholas; KRAMER, Bianca. **COVID-19 Preprints**. 2020. Disponível em: https://github.com/nicholasmfraser/covid19_preprints. Acesso em: 28 dez. 2020.

MARQUES, Fabrício. **Correção veloz de erros**. 2020. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/correcao-veloz-de-erros/. Acesso em: 21 dez. 2020.

RODE, Sigmar de Mello. **Ciência aberta e preprints na publicação científica**. 2020. Disponível em: https://www2.unesp.br/portal#!/noticia/35765/. Acesso em: 21 dez. 2020.

SOBRE A RESENHISTA
Germana Barata

Mestre e doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), com pós-doutorado na Simon Fraser University, no Canadá, atua como pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) e coordenadora do curso de Especialização em Jornalismo Científico da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É bolsista produtividade CNPq, nível 2, na área de Divulgação Científica. Foi editora das revistas Ciência & Cultura e ComCiência, ambas publicadas pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Germana é membro do comitê científico da Rede Internacional Public Communication of Science and Technology (PCST) e da atual diretoria da ABEC Brasil, no cargo de Secretária (2020-2022). Sua área de atuação se concentra em temáticas que analisam a divulgação da ciência através das redes sociais, a atuação de revistas científicas brasileiras, acesso aberto e altmetria.

http://lattes.cnpq.br/0932728498482206
https://orcid.org/0000-0001-6064-6952
germana@unicamp.br

Capítulo 13

Sessão de Comunicação Oral *ABEC Meeting Live 2020*

A Sessão de Comunicação Oral do *ABEC Meeting Live 2020* teve 11 trabalhos técnico-científicos inéditos aprovados, sobre temas pertinentes às publicações científicas. A avaliação dos trabalhos foi realizada de forma aberta, na qual autores e pareceristas são identificados, de modo a tornar o processo mais transparente e alinhado às tendências da Ciência Aberta.

Os trabalhos selecionados foram apresentados na modalidade 'oral', de maneira *on-line*, nas sessões destinadas à apresentação de trabalhos, de acordo com a programação do evento. Os autores tiveram cinco minutos, cronologicamente controlados, para explanação, seguidos de dois minutos para perguntas do público participante.

Apresentamos a seguir os resumos dos trabalhos aprovados e os respectivos *links* para recuperação e leitura na íntegra de seus conteúdos.

Acciones de mejora en el proceso editorial científico del *Journal Boliviano de Ciencias*: estudio de caso

Joaquin Humberto Aquino Rocha, Edson Gastón Montaño Bautista, Daysi Lidia Iñiguez Calveti

https://doi.org/10.21452/abecmeeting2020.01

Resumen

El objetivo del presente estudio es determinar acciones de mejora para el proceso editorial del *Journal Boliviano de Ciencias* a través de la opinión de

los autores. La metodologia consistió en la aplicación de un cuestionario en línea a los autores de los últimos tres años (2017, 2018 y 2019), y del último semestre del 2020. Los resultados muestran que la revista debe mejorar en la visibilidad internacional, indexación y rapidez de la revisión por pares, principalmente. La mayoría de los autores está conforme con el proceso editorial y volvería a publicar nuevamente en la revista. Se debe trabajar en mejorar la calidad general de la revista para lograr indexación e índices académicos.

Conceitos de administração de empresas na gestão de periódicos científicos
Dyanara Lays Rohte Sbruzzi

https://doi.org/10.21452/abecmeeting2020.02

Resumo
Os periódicos científicos (PC) possuem uma estrutura que necessita de controles bem estabelecidos, que vão desde a submissão dos manuscritos até a pós-publicação, por isso, podem e devem se utilizar de técnicas de gestão. O objetivo deste trabalho é relacionar os conceitos da administração de empresas com as definições da gestão de PC, servindo como guia para novos colaboradores da área editorial. Trata-se de um estudo exploratório descritivo que visa contribuir com informações úteis aos gestores. A separação por departamentos possibilitou a comparação das atividades e as definições correlacionadas com os PC demonstraram que os gestores, mesmo sem experiência anterior na edição de PC, podem buscar soluções alternativas. Conclui-se, portanto, que a assimilação de conceitos de administração de empresas com as definições da gestão de PC serve como guia para novos colaboradores da área editorial.

SciELO Preprints na pandemia da covid-19
Teresa Avalos Pereira, Marcia Kiyomi Koike

https://doi.org/10.21452/abecmeeting2020.03

Resumo
O objetivo deste estudo é quantificar os estudos sobre a covid-19 submetidos à coleção SciELO Preprints. É uma pesquisa bibliográfica, feita no repositório SciELO Preprints, até a data de 22 de maio de 2020. As palavras-chave

utilizadas foram: covid-19, SARS-CoV-2, Coronavírus, Betacoronavírus e Pandemias. Um número substancial de manuscritos foi publicado no repositório SciELO Preprints em muito pouco tempo, devido à pandemia. Foram 152 trabalhos depositados em seis áreas: Ciências da Saúde, Ciências Biológicas, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas, Engenharia, Exatas e Ciências da Terra. Foram principalmente submetidos na área de Ciências da Saúde, e a maioria deles (73) escrito em português. Em seguida, 53 estão em língua inglesa, e 23 em espanhol.

Aplicabilidade da audiodescrição e inclusão de áudios nos resumos dos artigos do Portal de Periódicos Científicos da UNICAMP

Gildenir Carolino Santos, Roberta Cristina Dal'Evedove Tartarotti

https://doi.org/10.21452/abecmeeting2020.04

Resumo

A proposta deste trabalho é apresentar o projeto de extensão submetido ao edital da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), tendo como objetivo a contratação de especialistas em libras e em audiodescrição para realizar a transcrição dos resumos dos artigos dos periódicos do Portal de Periódicos da UNICAMP em áudio no site do Portal para pessoas com deficiência. Serão utilizados recursos tecnológicos disponíveis no próprio computador (gravador, editor de texto, Google Suites e OJS). Assim, com a execução deste projeto, será possível o atendimento imediato de todos os periódicos do Portal. Reitera-se a relevância da disponibilização dos recursos informacionais aos usuários com deficiência tanto da comunidade acadêmica quanto externa, contribuindo para a elaboração de uma política institucional de inclusão e acessibilidade na Universidade.

Ciência aberta em entrevistas e em sociodramas – a *Revista Brasileira de Psicodrama* torna-se *REVISTA VIVA*

Heloisa Junqueira Fleury, Leila Maria Vieira Kim

https://doi.org/10.21452/abecmeeting2020.05

Resumo

Objetivo: Descrever a experiência da *REVISTA VIVA* como periódico de ciência aberta posterior à publicação. Metodologia: Descritiva de encontros

on-line, como entrevistas com os autores de dois ou três artigos com maior número de visualizações no site da Revista (plataforma OJS), conduzidas pelo editor de seção e pareceristas; sociodramas em várias etapas para apresentação e discussão dos artigos do exemplar e sociodramas temáticos, com foco nas ressonâncias do sociodrama anterior, de apresentação dos artigos. Resultados: avaliação pelo número de acessos no website da revista. Conclusão: essa iniciativa pode ser uma ação motivadora para se implementar a revisão aberta na *Revista Brasileira de Psicodrama*.

Publicação contínua e Licença *Creative Commons*: avanços operacionais na prática editorial da *REMAT* com vistas à Ciência Aberta

Glauciane Klein Burgiert Padilha, Greice da Silva Lorenzzetti Andreis, Katia Arcaro, Daiane Scopel Boff, Claus Haetinger

https://doi.org/10.21452/abecmeeting2020.06

Resumo

Neste artigo apresenta-se, em uma perspectiva histórica, a trajetória da *REMAT: Revista Eletrônica da Matemática* ao longo do ano de 2020, considerando sua inserção no campo da editoração e divulgação de pesquisa científica, desde 2015. Com algumas ferramentas conceituais da Ciência Aberta, descrevem-se as principais ações desenvolvidas neste período, tais como a revisão dos direitos autorais dos artigos e a adoção de licenças mais flexíveis, a publicação em fluxo contínuo e o cuidado com a atualização de metadados no ato de cada publicação. Com isso, mapeia-se um caminho que permite inscrever a *REMAT* em um processo ascendente para a abertura dos ciclos de editoração e publicação de pesquisas junto à comunidade científica.

Servidores de *preprints*: um caminho para a ciência aberta

Eloísa Príncipe

https://doi.org/10.21452/abecmeeting2020.07

Resumo

Descreve a evolução dos repositórios de *preprints* e suas principais características, destacando os seus pontos fortes e críticos. Apresenta exemplos de servidores de *preprints* no exterior e no Brasil. Conclui indicando a necessidade de ações fundamentadas e norteadoras tanto em relação aos

autores e às revistas científicas quanto às agências de fomento e pesquisa, para a sua ampla adoção, considerando as particularidades e especificidades de cada área do conhecimento. O uso e ampla divulgação do *preprint* como recurso para acelerar a disseminação do conhecimento podem ser benéficos para a carreira acadêmica do pesquisador e para a sociedade em geral, ampliando e consolidando os caminhos da Ciência Aberta.

A análise dos metadados dos artigos dos periódicos vinculados ao Portal de Periódicos UFMG

Carla Cristina Vieira de Oliveira, Bruno Fernandes Magalhães de Oliveira, Terezinha de Fátima Carvalho de Souza

https://doi.org/10.21452/abecmeeting2020.08

Resumo

Com a formalização da Política de Periódicos Científicos na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em setembro de 2019, via resolução interna da universidade, o Portal de Periódicos UFMG passou a atribuir o *Digital Object Identifier* (DOI) às publicações após a avaliação dos metadados dos artigos. O presente trabalho objetiva registrar a experiência, as dificuldades e os benefícios observados no processo de correção e orientação dos editores com vistas à qualidade dos registros apresentados nas revistas. A relevância deste procedimento justifica-se na melhoria da recuperação dos metadados como título, autoria, resumo, palavras-chave, entre outros que no universo do acesso aberto e dos sistemas interoperáveis é essencial para a visibilidade das publicações.

A experiência de indexação da *Revista Educação & Formação*

Karla Angélica Silva do Nascimento, Lia Machado Fiuza Fialho

https://doi.org/10.21452/abecmeeting2020.09

Resumo

A indexação é um processo importante para que as revistas científicas ampliem a divulgação do seu conteúdo. Pensando nisso, o presente estudo tem por objetivo descrever a experiência de indexação da *Revista Educação & Formação (Redufor*), durante o processo de solicitação e validação de 20 indexadores, buscadores ou bases de dados. Metodologicamente, utiliza-se

o relato de experiência descritivo, que descreve de forma contextualiza e objetiva o levantamento e a vivência durante a indexação da revista. Foi possível observar que a indexação, na maioria dos casos, não é um processo difícil ou demorado, no entanto, possibilitou a *Redufor* ampliar sua visibilidade no âmbito nacional e internacional, pois aumentou significativamente o fluxo de publicações de estudos de outros países.

Revista Biodiversidade Brasileira: os desafios de um periódico científico brasileiro na esfera pública

Fernanda Aléssio Oliveto, Keila Rêgo Mendes

https://doi.org/10.21452/abecmeeting2020.10

Resumo

A *Revista Biodiversidade Brasileira (BioBrasil*), do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – autarquia vinculada ao Ministério do Meio Ambiente (MMA) – lançou sua primeira edição em 2011. Desde então, tem buscado manter-se atualizada diante de inovações tecnológicas e das orientações referentes às boas práticas de periódicos científicos, para alcançar a qualidade necessária a uma publicação científica, sendo um veículo de informação atraente para os pesquisadores e útil para os leitores das diversas esferas. Apesar das dificuldades pelas quais um periódico da administração pública passa, como mudança de governo, falta de recursos e carência de equipe exclusiva para os processos editoriais, apresento a experiência bem-sucedida da *BioBrasil* e as estratégias utilizadas para alavancar a publicação, tornando-a cada vez mais (re)conhecida, dentro e fora da instituição.

Produção científica sobre a covid-19 em bases de dados da área da saúde

Rosely de Fatima Pellizzon, Rosângela Demétrio, Edna Frasson de Souza Montero

https://doi.org/10.21452/abecmeeting2020.11

Resumo

Este trabalho objetiva identificar a instituição mais citada na produção científica sobre a covid-19. O levantamento deste estudo foi realizado nas bases de dados da área da saúde, de maior relevância, destacando-se

PubMed, Scopus e Web of Science. No PubMed, o sistema não oferece índices bibliométricos para analisar as citações. Analisando as três primeiras instituições que receberam o maior número de citações em cada base de dados, o resultado mostra que a base de dados Scopus identificou em primeiro lugar, com o total de 5.397 citações, o Hospital Wuhan (China); em segundo lugar, o Guangzhou Institute of Respiratory Health (China), com 3.476 citações, e em terceiro, o Huazhong University of Science and Technology (Wuhan), que obteve 1.219 citações. Na base Web of Science, destacou-se em primeiro lugar, a University of London, que foi citada 841 vezes. Em segundo lugar, com 793 citações, a University of California System, e em terceiro, a Chinese University of Hong Kong, citada 339 vezes.

Indexing Service

EmeRI

Emerging Research Information

O indexador para depósito de preprints Emerging Research Information (EmeRI) tem como objetivo prestar serviços às revistas e editores, de modo a agilizar a difusão de resultados de pesquisas científicas recentes, mediante publicação de preprints.

A submissão dos artigos é realizada pelos Editores dos periódicos científicos indexados.

preprints.ibict.br

ABEC BRASIL
Associação Brasileira de Editores Científicos

ibict
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

UNESCO
Cooperação
Representação no Brasil

FOTO: br.freepik.com

Este livro, registro formal do *ABEC Meeting Live 2020*, apresenta as resenhas críticas das palestras, elaboradas pelos moderadores das mesas de debates, sobre temas de grande interesse dos editores, tais como os critérios de avaliação de periódicos pela Capes, o desafio de conseguir bons avaliadores e boas avaliações, o alinhamento dos periódicos aos preceitos da Ciência Aberta, pontos de vista moral e legal em casos de má conduta ou plágio e sobre como o modelo econômico interfere na política editorial dos periódicos, bem como um resgate histórico sobre a contribuição da ABEC Brasil na evolução do fator de impacto dos periódicos brasileiros.

Disponível nos suportes digital e impresso, é mais uma ação da ABEC Brasil no cumprimento de sua missão de desenvolver e aprimorar a publicação de periódicos, aperfeiçoar a comunicação e manter o intercâmbio de ideias e a defesa dos interesses comuns dos editores científicos.

ISBN: 978-65-993452-1-0
CTL
9 786599 345210